UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Lilian Maria da Silva

GRAFIAS NÃO CONVENCIONAIS DE PREPOSIÇÕES E SÍLABAS PRETÔNICAS: PISTAS DE PROSODIZAÇÃO DE CLÍTICOS PREPOSICIONAIS

São José do Rio Preto
2018

Lilian Maria da Silva

Grafias não convencionais de preposições e sílabas pretônicas: pistas de prosodização de clíticos preposicionais

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: FAPESP Proc. 2014/18050-7 e 2015/23238-8
CAPES

Orientadora: Profa. Dra. Luciani Ester Tenani

São José do Rio Preto
2018

Silva, Lilian Maria da.
Grafias não convencionais de preposições e sílabas pretônicas: pistas de prosodização de clíticos preposicionais / Lilian Maria da Silva . -- São José do Rio Preto, 2018
219 f. : il.

Orientador: Luciani Ester Tenani
Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Língua portuguesa – Ortografia e silabação. 3. Língua portuguesa – Variação. 4. Português brasileiro. 5. Variação (Linguística) I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU – 41

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Lilian Maria da Silva

Grafias não convencionais de preposições e sílabas pretônicas: pistas de prosodização de clíticos preposicionais

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: FAPESP Proc. 2014/18050-7 e 2015/23238-8
CAPES

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Luciani Ester Tenani
UNESP – São José do Rio Preto
Orientadora

Profa. Dra. Elisa Battisti
UFRGS – Porto Alegre

Profa. Dra. Flaviane Romani Fernandes Svartman
USP – São Paulo

Profa. Dra. Larissa Cristina Berti
UNESP – Marília

Profa. Dra. Cristiane Carneiro Capristano
UEM – Maringá

São José do Rio Preto
21 de fevereiro de 2018

A G R A D E C I M E N T O S

Ao iniciar esta seção de agradecimentos, vejo se desenhar o fim de uma etapa tão almejada ao longo desses anos de formação acadêmica. Ao chegar nesse momento final (mas que é só o começo para novas experiências!), me encho do sentimento de gratidão por todos os momentos de aprendizado e por tantas pessoas maravilhosas que passaram (e muitas se tornaram parte) da minha vida.

Em meio aos muitos presentes que ganhei para toda a vida, meu primeiro agradecimento é para a professora *Luciani Tenani*. Agradeço a ela não só pela orientação séria e competente desde a iniciação científica, mas por ter compartilhado comigo suas experiências acadêmica e de vida, as quais me fazem admirá-la como profissional e mais ainda como ser humano. Lu, muuuuito obrigada por todos esses anos de pareceria e de confiança! O valor de seus ensinamentos é imensurável.

Por me ajudarem nos desafios que a realização desta tese impôs, agradeço à professora *Marina Vigário*, da Universidade de Lisboa, pela orientação durante o período de doutorado sanduíche. À professora *Idalice Rillo* pelo trabalho de consultoria estatística. Sua paciência e seu amor pelos números, me fizeram entender um pouquinho de estatística! Por me ajudar em minhas limitações computacionais, agradeço ao *Rubens Leão*, à época bolsista de informática junto ao Laboratório de Fonética da UNESP/SJRP, o suporte técnico para manipulação dos dados de percepção no *software PERCEVAL*. E agradeço, grandemente, aos *alunos do Curso de Letras* (diurno), da UNESP/SJRP, por aceitarem participar dos experimentos de produção e de percepção de fala.

Por contribuições a versões anteriores desta tese, agradeço à *Ana Paula Nobre da Cunha* pelas considerações feitas durante o debate no SELIN e às professoras *Flaviane Fernandes-Svartman* e *Larissa Berti* pelas contribuições valiosas que deram durante o Exame de Qualificação e por aceitarem participar também da defesa.

Ainda por aceitarem o convite para a banca de defesa, estendo meus agradecimentos às professoras *Elisa Battisti* e *Cristiane Carneiro Capristano*. E, também, agradeço aos professores *Lourenço Chacon*, *Fabiana Komesu*, *José Sueli de Magalhães* e *Carolina Ribeiro Serra* por aceitarem participar como membro suplente.

Faço um agradecimento especial à professora *Fabiana Komesu*, pois suas conversas (mesmo que informais) são sempre uma oportunidade valiosa de aprender mais sobre a linguagem e a vida.

Como parte dos desafios que o doutorado me trouxe, agradeço à professora *Sanderléia Longhin* que, com muita seriedade e competência, orientou meu trabalho de Qualificação Especial.

Mas nenhum momento vivido nesses quatro anos foi tão difícil e rico de aprendizagem como minha passagem por Lisboa. Esse período se tornou inesquecível para mim, em especial, pelos grandes presentes que recebi de Deus. Começo agradecendo os amigos-anjos, *Paola* e *Oscar*, que me acolheram com tanta ternura e amor. Meus amigos, com vocês eu aprendi o que é generosidade; tudo o que fizeram por mim eu jamais poderei agradecer. Agradeço à *Aline*, por tornar muito mais leve qualquer problema e por me mostras, nas nossas longas caminhadas, cada pedacinho de Lisboa. Agradeço à *Joelma*, por ter dividido comigo grande parte da gravidez da pequena Helena e as angústias por deixar Lisboa. Por fim, agradeço à família portuguesa-brasileira que me acolheu como "piima": *Daniela*, *Vitor*, *Clara* e *Carolina*. Ao meu grande amor, *Carolina*, agradeço pelo amor puro que

me ofereceu. Minha pequenina, não tem um dia que eu não morra de vontade de estar com você!

Voltando ao Brasil, tenho uma gratidão imensa pelos amigos de vida que a pós-graduação me trouxe. *Ana Cândida*, *Gabriela*, *Jean*, *Roberta*, *Geovana*, *Tainan*, *Viviane* e *Giordana*: vocês são simplesmente maravilhosos! Agradeço à *Ana* pela confiança em dividir seus momentos mais difíceis. Agradeço à *Gabi* pela amizade que construímos ao longo dos anos. Ao *Jean*, agradeço por ser minha outra metade acadêmica. À *Ro*, eu agradeço por todas as conversas e risadas, além da confiança que ela sempre teve em me pedir conselhos. Agradeço à *Geovana*, pois mesmo em pouco tempo de proximidade, sempre esteve pronta a um conselho e ajuda. Agradeço à *Tainan* pela doçura e prontidão. À *Vivi*, eu agradeço pelos momentos leves que partilhamos juntas. Agradeço à *Giordana*, por ser minha BFF e pelas várias conversas cheias de desabafo e risadas.

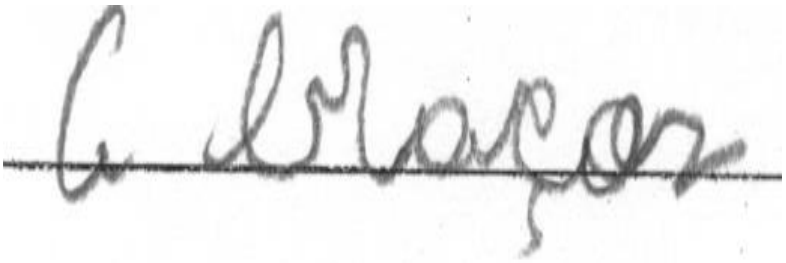
Não posso deixar de agradecer minha família, especialmente, meus tios *Ana* e *Oswaldo* e minha prima *Viviane*. Obrigada por serem meus fãs número um e por terem vibrado com cada conquista minha, como se fosse deles. Agradeço, ainda, à minha prima-mãe *Joana*, por ter sempre as palavras certas nas horas certas. Agradeço às minhas amigas Camila e Bianca, que sempre foram amigas para todas as horas.

Meus últimos agradecimentos são para as pessoas que dividem comigo os momentos mais íntimos e especiais: *minha mãe* e *meu namorado*. Aos dois eu agradeço por serem luz nos meus momentos de angústia e sorrisos nos meus momentos de alegria. À *minha mãe*, em especial, agradeço por ter me dado todas as oportunidades que esteve ao seu alcance e por NUNCA me deixar sem uma palavra de esperança e conforto. Ao *Bruno*, quero agradecer pelo amor que me demonstra em cada gesto, cada palavra, cada olhar. Obrigada por ser meu parceiro e por me demonstrar que posso contar com você sempre.

Agradeço à CAPES, pelos sete meses de bolsa recebida.

Agradeço à FAPESP, pela concessão das bolsas de doutorado (Processo: 2014/18050-7) e de estágio pesquisa no exterior (Processo: 2015/23238-8), as quais permitiram a realização desta pesquisa.

A todos,



RESUMO

Esta tese investiga se grafias de segmentação em palavras forneceriam pistas da prosodização de clíticos preposicionais do Português Brasileiro (doravante, PB). Para conduzir esse objetivo, inicialmente são analisadas hipossegmentações envolvendo preposições ("*denovo*", para *de novo*) e hipersegmentações de sílabas pretônicas cuja cadeia segmental é idêntica a um clítico preposicional ("*de vagar*", para *devagar*). Analisando as estruturas das grafias de segmentação em palavras, constatou-se diferenças morfossintáticas no funcionamento dos clíticos preposicionais e instabilidade em categorizar uma sílaba átona ora como clítico ora como sílaba pretônica. Partindo desses resultados, foram construídos experimentos de produção e de percepção de fala, com o intuito de verificar, por um lado, se diferenças acústicas (no tempo de duração da sílaba) estariam vinculadas a diferenças sintáticas e, por outro lado, se informações acústicas e perceptuais forneceriam pistas aos falantes do PB sobre um limite entre clítico e sílaba pretônica. Com base nos resultados do teste de produção de fala, segundo o parâmetro da duração, não foram encontradas evidências que sustentassem diferenças entre os clíticos preposicionais e diferenças entre clíticos e sílabas pretônicas. Considerando os resultados do experimento de percepção de fala, foi possível constatar que informações sintáticas e fonéticas idênticas dificultam a percepção e categorização de uma sílaba átona como clítico ou como sílaba pretônica. No entanto, informação fonológica (evidenciada pela aplicação de processos fonológicos) é crucial para a identificação de estatutos distintos da sílaba átona, colocando em evidência que, em termos prosódicos, há distinção entre sílabas átonas internas e externas à estrutura de palavra. Nesse sentido, os dados de segmentação analisados fornecem mais pistas da organização das relações sintáticas entre preposições e seus complementos e menos pistas da organização prosódica de estruturas de clítico e hospedeiro.

Palavras-chave: Clíticos preposicionais. Segmentação de palavras escritas. Prosodização. Produção de fala. Percepção de fala.

ABSTRACT

This thesis investigates whether spellings in word segmentation would provide clues to the prosodization of prepositional clitics of Brazilian Portuguese (henceforth, PB). In order to achieve this goal, we analyze hyposegmentations involving prepositions (e.g. "denovo" ("de novo") - again) and hypersegmentations of pretonic syllables whose phonic chain is identical to a prepositional clitic ("de vagar" ("devagar") - slow). Analyzing the spellings in words segmentation, we verified morphosyntactic differences in the functioning of prepositional clitics and instability in categorizing an unstressed syllable or as clitic or as a pretonic syllable. From these results, speech production and speech perception experiments were constructed to verify, on the one hand, whether acoustic differences (at the time of syllable duration) would be related to syntactic differences and, on the other hand, if acoustic and perceptual informations would provide clues to PB speakers about a boundary between clitics and pretonic syllables. Based on the results of the speech production test, according to the duration syllable, no evidence was found to support differences between prepositional clitics and differences between clitics and pretonic syllables. Based on the results of the speech perception experiment, we verify that only syntactic and phonetic informations are not enough for perception and categorization of unstressed syllable as clitic or as pretonic syllable. However, phonological information (evidenced by phonological processes) is crucial for identification of distinct status of the unstressed syllable. Therefore, in prosodic terms, there is a distinction between pretonic syllables and clitics. Therefore, the word segmentation data provides more clues to the organization of the syntactic relationship between prepositions and their complements and less clues of the prosodic organization of clitic and host structures.

Keywords: Prepositional Clitics. Segmentation of written words. Prosodization. Speech production. Speech Perception.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1. Segmentação da estrutura *de novo* em unidades VV 140

Figura 2. Segmentação da estrutura *de novo* em sílabas 140

Figura 3. Estrutura do córpus de sentença do experimento de produção de fala 161

Gráfico 1. Percentual de identificação e não identificação do estatuto da sílaba átona, para o alvo ɷ 180

Gráfico 2. Percentual de identificação e não identificação do estatuto da sílaba átona, para o alvo clítico e hospedeiro 180

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Limites de segmentações não convencionais e limites de constituintes prosódicos 71
Quadro 2. Organização métrica da palavra convencional e da grafia de hipossegmentação99
Quadro 3. Organização métrica da palavra convencional e da grafia de hipersegmentação 106
Quadro 4. Conjunto de sentenças do G1 127
Quadro 5. Conjunto de sentenças do G2 128
Quadro 6. Fraseamento prosódico das sentenças do G1 e G2 128
Quadro 7. Conjunto de sentenças do G3 129
Quadro 8. Conjunto de sentenças do G4 131
Quadro 9. Tipos de comparações entre unidade VV e sílaba 141
Quadro 10. Sentenças e estímulos auditivos para o alvo palavra prosódica 160
Quadro 11. Sentenças e estímulos auditivos para o alvo clítico 160
Quadro 12. Tipos de comparações entre os pares do G1 162
Quadro 13. Tipos de comparações entre os pares do G2 162
Quadro 14. Tipos de comparações entre os pares do G3 162
Quadro 15. Tipos de comparações entre os pares do G4 163
Quadro 16. Tipos de comparações no interior do G1 163
Quadro 17. Tipos de comparações no interior do G2 164
Quadro 18. Tipos de comparações no interior do G3 164
Quadro 19. Tipos de comparações no interior do G4 164
Quadro 20. Tipos de comparações entre G1 e G2 165
Quadro 21. Tipos de comparações entre G1 e G3 165
Quadro 22. Organização da análise de dados (teste de produção) 167

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição das segmentações não convencionais de palavras pelo tipo de classe de palavra 88

Tabela 2. Associação entre classe de palavra e tipo de segmentação não convencional de palavras 89

Tabela 3. Nova distribuição das segmentações não convencionais de palavras pelo tipo de classe de palavra 91

Tabela 4. Nova associação entre classe de palavra e tipo de segmentação não convencional de palavras 91

Tabela 5. Elementos átonos (preposição/sílaba de palavra) identificados nas fronteiras de segmentação não convencional de palavras 93

Tabela 6. Associação entre tipo de elemento átono e tipo de segmentação não convencional de palavras 96

Tabela 7. Função sintática locução e não locução e distribuição pelas grafias de hipossegmentação e de segmentação convencional 110

Tabela 8. Valores das funções sintáticas locução e não locução em relação ao total de hipossegmentação e de segmentação convencional 111

Tabela 9. Posição da sílaba átona e distribuição pelas grafias de hipersegmentação e de segmentação convencional 113

Tabela 10. Associação entre a posição da sílaba átona e tipo de segmentação 113

Tabela 11. Valores das sílabas em posições pretônica e postônica em relação ao total de hipersegmentação e de segmentação convencional 114

Tabela 12. Duração em segundos da unidade VV (en) e da sílaba (de), na produção da estrutura *de novo* 142

Tabela 13. Duração em segundos da unidade VV (ov) e da sílaba (no), na produção da estrutura *de novo* 143

Tabela 14. Resultado do teste ANOVA fator duplo com repetição sobre a comparação entre as unidades VV (en) e (ov) e as sílabas (de) e (no), na produção da estrutura *de novo* 144

Tabela 15. Duração em segundos da unidade VV (en) e da sílaba (de) na produção da estrutura *de nojo* 144

Tabela 16. Duração em segundos da unidade VV (oj) e da sílaba (no) na produção da estrutura *de nojo* 145

Tabela 17. Resultado do teste ANOVA fator duplo com repetição sobre a comparação entre as unidades VV (en) e (oj) e as sílabas (de) e (no), na produção da estrutura *de nojo* 145
Tabela 18. Comparação entre as médias de duração das sílabas do PAR 1 (G1) 168
Tabela 19. Comparação entre as médias de duração das sílabas do PAR 2 (G1) 168
Tabela 20. Comparação entre as médias de duração das sílabas do PAR 1 (G2) 170
Tabela 21. Comparação entre as médias de duração das sílabas do PAR 2 (G2) 170
Tabela 22. Comparação entre as médias de duração das sílabas dos PARES 1 (G1 e G2) 171
Tabela 23. Comparação entre as médias de duração das sílabas dos PARES 2 (G1 e G2) 172
Tabela 24. Comparação entre as médias de duração das sílabas do PARES 1 (G3) 174
Tabela 25. Comparação entre as médias de duração das sílabas do PARES 2 (G3) 174
Tabela 26. Resultado do teste Tukey para comparações no G3 176
Tabela 27. Resultado do teste Tukey para comparações entre G1 e G3 177
Tabela 28. Comparação entre as médias de duração das sílabas do PAR 1 (G4) 178
Tabela 29. Comparação entre as médias de duração das sílabas do PAR 2 (G4) 178
Tabela 30. Identificação/não identificação dos estímulos envolvendo a sílaba *de* 181
Tabela 31. Identificação/não identificação dos estímulos envolvendo a sílaba *em* 182
Tabela 32. Identificação/não identificação dos estímulos envolvendo a sílaba *com* 183

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 16

CAPÍTULO 1. PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA SOBRE A PROSODIZAÇÃO DOS CLÍTICOS E CARACTERIZAÇÃO DOS CLÍTICOS PREPOSICIONAIS 27

1.1. Formalização da prosodização de clíticos: problemas teóricos 28

1.2. Evidências da prosodização de clíticos: processos fonológicos 42

1.3. Clíticos preposicionais: características morfossintáticas, gramaticais e prosódicas 54

CAPÍTULO 2. PROSODIZAÇÃO DE CLÍTICOS PREPOSICIONAIS: PISTAS A PARTIR DE SEGMENTAÇÃO EM PALAVRAS 68

2.1. Clíticos e sílabas pretônicas em grafias de segmentação não convencional de palavras 69

2.2. Procedimentos metodológicos 78

2.2.1. Textos do Ensino Fundamental II 78

2.2.2. Considerações sobre o dado de escrita como um dado linguístico 82

2.2.3. Forma de análise dos dados 85

2.3. Análise de dados: regularidades, problemas e hipóteses 88

2.3.1. Descrição geral dos resultados 88

2.3.2. Regularidades das grafias de hipossegmentação 98

2.3.3. Regularidades de grafias de hipersegmentação 103

2.3.4. Comparando grafias convencionais e não convencionais de segmentação em palavras 108

2.4. Hipóteses sobre o funcionamento prosódico dos clíticos 115

CAPÍTULO 3. PROSODIZAÇÃO DE CLÍTICOS PREPOSICIONAIS: EVIDÊNCIAS FONÉTICAS E PERCEPTUAIS 121

3.1. Os testes experimentais: produção e percepção 122

3.2. Experimento de produção de fala 124
3.2.1. Bases teórico-metodológicas 124
3.2.2. Design do experimento de produção de fala 126
3.2.3. Procedimentos metodológicos aplicados à medida de duração 135
3.2.3.1. Unidades VV e sílaba: análise teste para definição da unidade de medida 137

3.3. Experimento de percepção de fala 146
3.3.1. Bases teórico-metodológicas 146
3.3.2. Design do experimento de percepção de fala 156

3.4. Forma de análise dos dados experimentais 161

3.5. Evidências fonéticas e perceptuais da prosodização de clíticos preposicionais 167
3.5.1. Resultados do experimento de produção 167
3.5.2. Resultado do experimento de percepção 179
3.5.3. Discussão dos resultados do experimento de produção e percepção 184

CONSIDERAÇÕES FINAIS 188

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 201

ANEXOS 212

Anexo I 212
Anexo II 215

A P R E S E N T A Ç Ã O

Esta tese investiga a prosodização de preposições clíticas do Português Brasileiro (doravante, PB) e parte de grafias de segmentação em palavras para extrair pistas da relação entre clítico e hospedeiro. Tocante às grafias, elegemos, em especial, as chamadas segmentações não convencionais de palavras. Tendo como critério a norma ortográfica, essas segmentações correspondem a registros divergentes das fronteiras de palavra. Dentre os possíveis registros não convencionais, recortamos os casos de *hipossegmentação* envolvendo um clítico preposicional e uma palavra, conforme o exemplo (0.1), e os casos de *hipersegmentação* envolvendo sílabas pretônicas homófonas a algum clítico preposicional do português, como mostrado em (0.2)[1].

(0.1)

Convenção	Hipossegmentação
de novo	"**de**novo" (clítico preposicional + palavra)

(0.2)

Convenção	Hipersegmentação
devagar	"**de** vagar" (sílaba pretônica correspondente à preposição *de* + potencial correspondência à forma infinitiva do verbo *vagar*)

A partir do exemplo (0.1), definimos que a hipossegmentação é o tipo de segmentação não convencional que envolve a ausência de fronteira gráfica entre palavras escritas. Na hipossegmentação "**denovo**", a ausência da fronteira gráfica é identificada entre as palavras *de* e *novo*. Por sua vez, como mostrado em (0.2), definimos que a hipersegmentação diz respeito à presença de fronteira gráfica no interior de palavras

[1] Nos exemplos, identificamos, entre parênteses os elementos envolvidos nas segmentações não convencionais e, em negrito, destacamos a sílaba relevante para este trabalho.

escritas. No exemplo "**de vagar**", a presença não convencional ocorre entre a sílaba pretônica *de* e o restante da palavra, isto é, *vagar*.

Assim, o recorte para os casos de hipossegmentação e de hipersegmentação envolvendo, respectivamente, preposições e sílabas átonas correspondentes a preposições, se alinha ao objetivo geral desta tese. No entanto, para chegar ao conjunto desses dados, consideramos, em um primeiro momento, todas as grafias de segmentação não convencional de palavras identificadas no córpus, conforme explicitaremos na análise geral das grafias a ser apresentada no Capítulo 2.

Por sua vez, nesta apresentação inicial, já adiantamos que, para analisar a relação entre clítico preposicional e hospedeiro, desconsideramos grafias de segmentação não convencional de palavras que:

(i) Envolveram unidades linguísticas maiores que a sílaba, como nos exemplos (0.3).

(0.3)

Convenção	*Hipossegmentação*
vamos fazer	"vamofazer"(palavra + palavra)

Convenção	*Hipersegmentação*
maravilha	"mara vilha"(pseudopalavra + pseudopalavra)[2]

(ii) Envolveram clíticos fonológicos correspondentes a outra classe de palavras (por exemplo, artigos), como apresentado em (0.4).

(0.4)

Convenção	*Hipossegmentação*
agente	"agente"(clítico correspondente ao artigo *a* + palavra)

Convenção	*Hipersegmentação*
amanhã	"a manhã"(sílaba pretônica correspondente ao artigo *a* + correspondência à palavra *manhã*)

[2] A noção de pseudopalavra foi definida por Cunha (2010) para nomear unidades restantes de uma hipersegmentação, as quais podem não corresponder a palavras segundo critérios ortográficos, mas poderiam ser entendidas como palavras prosódicas, em razão de apresentarem um possível acento primário. A palavra *maravilha*, por exemplo (cf. (0.4)), tem o acento primário identificado na sílaba *vi*, sendo que sobre a sílaba *ma* pode recair a proeminência de acento secundário. Assim, considerando os dois tipos de proeminências sobre sílabas *ma* e *vi* da palavra *maravilha*, essa palavra, quando hipersegmentada, passa a formar duas possíveis palavras dissílabas, de modo que a proeminência configurada sobre a sílaba *ma* pode ser entendida como possível acento primário de palavra.

(iii) Envolveram ausência ou presença de hífen, como em (0.5)[3].

(0.5)

Convenção	*Hipossegmentação*
chamá-lo	"chamalo"(palavra + clítico pronominal *lo*)

Convenção	*Hipersegmentação*
conversasse	"conversa-se"(palavra + sílaba postônica correspondente ao clítico pronominal *se*)

Em termos teóricos, o tema da prosodização de clíticos tem como questão central a aceitação ou a negação de um domínio prosódico específico para os clíticos, o *grupo clítico*, proposto inicialmente por Hayes (1989) e por Nespor e Vogel (1986[2007]). Muitos argumentos tanto favoráveis quanto contrários ao grupo clítico são encontrados na literatura. Na linha de posicionamento favorável, podem ser citados Nespor e Vogel (1986[2007]), Vogel (2009), Bisol (2000a, 2005) e Veloso (2012). Nas propostas contrárias, encontram-se Selkirk (1984, 1986, 1996), Inkelas (1990); Vigário (2003, 2007, 2010) e Simioni (2008). Essas posições divergentes são sustentadas em evidências fonológicas de diferentes línguas sobre o tipo de relação que o clítico mantém com seu hospedeiro e, portanto, tratar da prosodização dos clíticos é teoricamente desafiador seja quando comparados fatos entre línguas diferentes (HORNE, 1989; BOOIJ, 1996; PEPERKAMP, 1996, HALPERN, 1998; VIGÁRIO, 2003) seja quando analisados fatos no interior de uma língua específica (PB, por exemplo: BISOL, 2000a; SIMIONI, 2008; BRISOLARA, 2008; GUZZO, 2015).

O percurso teórico para a compreensão da prosodização dos clíticos, que é permeado pela necessidade ou não de um domínio como o grupo clítico, é especialmente um entrave para modelos de Fonologia Prosódica fundamentados em princípios universais

[3] Referente ao hífen, interpretamos que esse recurso gráfico tem estatuto ambíguo (de juntar e separar simultaneamente), de modo a seu uso acarretar complexidade particular, que é indiciada, em partes, pela ação mais direta de outras informações linguístico-discursivas, vindas de práticas letradas/escritas mais institucionalizadas (TENANI, 2011), ou seja, variáveis que ultrapassam o tema da prosodização dos clíticos.

de constituição da estrutura prosódica (SELKIRK, 1984, 1986, NESPOR; VOGEL, 1986). Entretanto, em outras bases teóricas, como a da Teoria da Otimalidade (doravante, OT, do inglês, *Optimality Theory*), parte dos problemas de formalização da prosodização não se verifica e, embora a OT possa se apresentar como uma abordagem alternativa de natureza menos restritiva (ver SELKIRK, 1996, 2004), mantém-se o desafio de serem identificadas evidências do comportamento dos chamados clíticos fonológicos e, consequentemente, o exercício de formalização de sua prosodização. Nesta tese, as reflexões serão pautadas pela busca de evidências da prosodização de clíticos preposicionais, em particular, apontando possíveis contribuições para teorias fonológicas.

Ainda no que concerne a falta de consenso sobre a prosodização dos clíticos, entendemos que parte dela se configura na própria natureza linguística dos clíticos. Restringindo a características dos clíticos no PB, Bisol (2005) descreve esses elementos como universalmente átonos – diferentemente das palavras prosódicas, que sempre carregam acento primário (NESPOR, VOGEL, 1986; AIKHENVALD; DIXON, 2002; BISOL, 2004; VASILÉVSKI *et.al.,* 2015) –, dependentes de itens proeminentes (seu hospedeiro fonológico) e não pertencentes a uma única classe morfológica de palavra[4].

Spencer e Luís (2012), na mesma linha de Bisol (2005) para o PB, defendem que os clíticos são itens prosodicamente fracos e dependentes de uma palavra proeminente. Considerando a dependência dos clíticos, na abordagem estruturalista de Câmara Jr. (1964, 1970), esses elementos são identificados por *formas dependentes*. Conforme esse autor, as formas dependentes se diferem, por um lado, das formas livres, já que não se sustentam sozinhas na oração (a preposição está sempre acompanhada do seu complemento, por

[4] São clíticos no PB: artigos (o, a, um, uma), preposições (de, em, com, sem, por, a), pronomes (me, se, te, nos, o, a, lhe, que) e conjunções (e, ou, mas, se, que).

exemplo), e, por outro lado, se diferem das formas presas, pois têm mais independência em relação à palavra que se liga que um afixo a sua base. Diferentemente dos afixos, alguns clíticos são essencialmente proclíticos (i.e., pré-hospedeiro), como os preposicionais (por exemplo: "de maçã"), enquanto outros, como os pronominais, podem ser proclíticos (por exemplo: "se espera") e/ou enclíticos (i.e., pós-hospedeiro) (por exemplo: "espera-se")[5], demonstrando mobilidade desses elementos em relação ao hospedeiro. Além disso, os clíticos têm a capacidade de eleger a classe gramatical de seus hospedeiros: os clíticos pronominais sempre se ligam a verbos, já os preposicionais, alvos desta pesquisa, podem estar apoiados em nomes, em verbos e até em orações[6].

Assim, as propriedades dos clíticos, ora descritas, convergem para o entendimento desses elementos como *palavras morfossintáticas sem estatuto prosódico claramente definido* (WERLE, 2009). Enquanto, do ponto de vista sintático, os clíticos constituem nós terminais capazes de encabeçar sintagmas[7], prosodicamente eles apresentam outro estatuto, uma vez que só se integram à estrutura prosódica acompanhados de uma palavra proeminente. Nesse sentido, a natureza da relação entre o clítico e o hospedeiro é a chave para se compreender a sua prosodização.

Tendo por base a configuração das grafias de segmentação não convencional de palavras, nos concentramos em pistas da relação entre os clíticos preposicionais e seus hospedeiros. Nesta tese, adotamos o conceito de *pista*, segundo desenvolvido nas análises de Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997), para quem os registros escritos se constituem como indícios que permitiriam, ao pesquisador da linguagem, reconstituir fatos da relação

[5] Apesar de os clíticos pronominais poderem ocupar posição enclítica, no PB essa é uma posição marcada, sendo a próclise preferencial nessa variedade do português (ABAURRE E GALVES, 2002).
[6] No Capítulo 1, trataremos de algumas características gramaticais dos clíticos preposicionais, como, por exemplo, o tipo de elemento regido pelas preposições.
[7] As preposições são os elementos cabeça de um sintagma preposicional.

sujeito-linguagem e, nesse aspecto, as pistas não são de natureza concreta. Em nosso trabalho, a forma como se deu as junções e separações não convencionais das fronteiras de palavras nos auxiliará na reconstituição da organização linguística de sílabas átonas por parte de escreventes da língua.

A investigação se as segmentações não convencionais de palavras podem indiciar a prosodização de clíticos preposicionais do PB está organizada em três capítulos, somada as considerações finais.

No capítulo *Problematização teórica sobre a prosodização dos clíticos e caracterização dos clíticos preposicionais* (Capítulo 1), trataremos das representações prosódicas que o clítico pode ter na hierarquia prosódica, conforme discutido na literatura fonológica (NESPOR; VOGEL, 1986[2007], INKELAS, 1990, SELKIRK, 1996, 2004 e outros), e das características morfossintáticas, gramaticais e prosódicas dos clíticos preposicionais do PB.

Na primeira seção do capítulo, partindo do embate sobre a pertinência de um constituinte específico para os clíticos, demonstraremos como quaisquer das alternativas teóricas têm consequências diretas na constituição da estrutura prosódica. Na segunda seção, apresentaremos as análises de cada proposta teórica de prosodização dos clíticos, observando os processos fonológicos que se aplicam aos clíticos. A terceira e última seção, será dedicada às características morfossintáticas, gramaticais e prosódicas dos clíticos preposicionais do PB.

No capítulo *Prosodização de clíticos preposicionais: pistas a partir de segmentação em palavras* (Capítulo 2), dedicaremos atenção aos dados de segmentação em palavras. Na primeira seção, a proposta é discutir análises anteriores acerca de grafias de hipossegmentação e de hipersegmentação envolvendo registros de clíticos fonológicos (TENANI, 2011, SILVA; TENANI, 2014, TENANI, 2016 e outros). A partir da literatura, situamos os avanços que

propõe esta tese. Na segunda seção, trataremos dos aspectos metodológicos referentes: 1) ao material e ao córpus de investigação, com atenção especial para o tipo de texto a partir do qual foram selecionadas as ocorrências de segmentação; e 2) aos critérios adotados para a análise da relação entre clítico e hospedeiro, bem como sob qual perspectiva foram compreendidos os dados de escrita. A esse respeito, marcamos desde já o nosso distanciamento em relação a qualquer noção normativa atrelada às grafias de segmentação não convencional.

Sendo conduzidos, pois, pelas reflexões de Abaurre (1991, 1996, entre outros) e Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997), nos afastamos de abordagens que concebem, por exemplo, grafias não convencionais como erros ortográficos (cf. ZORZI, 1997). Defendemos que a visão de erro exclui *a priori* a possibilidade de investigar uma questão linguística a partir do modo como se configuram os registros de segmentação em palavras, na medida em que a ideia de *erro* leva em conta apenas o fato de que existe uma norma ortográfica a ser atendida. Da perspectiva adotada nesta tese, assumimos que um registro não convencional é um objeto privilegiado de investigação linguística, pois coloca em evidência lugares em que o funcionamento da língua é mais instável, os quais são, aparentemente, "apagados" nos registros convencionais. Um desses locais instáveis é o estatuto dos clíticos, pois como já mostramos, sua definição não se fundamenta em critérios de uma só natureza linguística.

Acrescentamos, que a aproximação dos dados de escrita aos aspectos prosódicos da língua é feita neste trabalho segundo uma perspectiva teórica segundo a qual a fala não é oposta ou exterior à escrita, mas ambas são heterogeneamente constituídas (cf. CORRÊA, 2004). É, pois, a partir desse olhar para as grafias, que vemos a segmentação não

convencional de palavras como lugar privilegiado para investigar a relação entre fala e escrita.

Para fundamentar a análise dos dados de escrita, de modo a construir hipóteses sobre o funcionamento prosódicos dos clíticos preposicionais, nos guiamos pelas seguintes questões:

1. Quais características da hipossegmentação e da hipersegmentação permitem extrair informações sobre a relação entre clítico e hospedeiro?
2. O que tais informações indiciam sobre o funcionamento prosódico dos clíticos?

Na terceira seção, dedicada à exposição dos resultados, constatamos que as sílabas átonas investigadas variam em relação ao seu funcionamento morfossintático, especificamente:

(i) No caso dos clíticos preposicionais, eles integram construções sintáticas em que, junto com a palavra adjacente, formam uma estrutura mais dependente (i.e., estrutura de locução, como em: *de novo*, *com certeza*, *em frente*), ao mesmo tempo em que atuam de modo mais independente como preposições plenas (i.e., estabelecendo relações sintáticas entre elementos da oração, como em: *cansado de correr*, *cheguei em casa*, *moro com meu pai*);

(ii) Em relação às sílabas pretônicas que são interpretadas como clíticos preposicionais, a configuração prosódica das palavras junto ao fato de serem homônimas a palavras morfossintáticas, possibilita maior independência de elementos internos à estrutura de palavra.

Na seção que encerra o capítulo, a partir da compilação desses resultados, postulamos um conjunto de hipóteses relacionadas ao funcionamento prosódico dos clíticos:

(i) A primeira hipótese apoia que diferenças morfossintáticas motivam diferenças prosódicas. Desse modo, a organização prosódica seria distinta em função de cada funcionamento morfossintático dos clíticos preposicionais.

(ii) A segunda hipótese afirma que diferenças morfossintáticas **não** motivariam diferenças prosódicas. As diferenças morfossintáticas não seriam diretamente representadas na estrutura prosódica.

(iii) A terceira hipótese é a de que informações prosódicas permitiriam identificar/perceber a existência de uma fronteira morfológica entre clíticos e sílabas de palavra.

(iv) A quarta hipótese é a de que **não** haveriam informações prosódicas suficientes para identificar/perceber a existência de uma fronteira morfológica entre clíticos e sílabas de palavra.

A primeira e segunda hipótese englobam o funcionamento dos clíticos preposicionais e a terceira e quarta hipótese tratam da relação entre clítico e sílaba de palavra. Considerando a interação entre as hipóteses, esclarecemos que elas foram construídas em caráter de oposição. Assim, a confirmação de uma das hipóteses leva à refutação da outra. Por exemplo, a confirmação da primeira hipótese infirma a segunda; e a confirmação da terceira hipótese refuta a quarta e vice-versa.

No capítulo *Prosodização de clíticos preposicionais: evidências fonéticas e perceptuais* (Capítulo 3), mobilizaremos dados de produção de fala controlada e de percepção de fala para confirmar ou refutar as hipóteses formuladas. Seguindo a visão tradicional de estudos de base fonético-fonológica, analisaremos os dados obtidos experimentalmente como *evidências* que comprovam ou refutam hipóteses.

Na primeira seção, apresentaremos as bases teórico-metodológicas subjacentes aos *designs* experimentais de cada tipo de teste, bem como o córpus de sentenças construído para os procedimentos de produção e de percepção de fala. Para que pudéssemos verificar as características prosódicas, no teste de produção de fala, a proposta foi a de medir o tempo de duração dos clíticos preposicionais e das sílabas átonas que são parte da estrutura de palavra. No experimento de percepção de fala, o objetivo foi o de observar se somente o estímulo auditivo era suficiente para que um ouvinte (falante nativo do PB) identificasse o sentido de duas sequências fônicas idênticas na língua.

Na segunda seção, conduziremos a análise de um conjunto de sentenças, com o intuito de testar metodologicamente o tipo de unidade de medida da duração. Foram testadas duas medidas de sílaba: de natureza fonética (unidade VV) e de natureza fonológica, sendo adotada, para esta tese, a noção de sílaba fonológica. Na terceira seção, apresentaremos os resultados dos experimentos. Em termos gerais, no teste de produção, a análise acústica, fundamentada na duração da sílaba, mostra que:

(i) As diferenças morfossintáticas particulares dos funcionamentos dos clíticos preposicionais não se vinculam a diferenças acústicas.

(ii) Clítico e sílaba átona de palavras não seriam tipos distintos de sílabas átonas.

No teste de percepção, as respostas dos participantes revelaram que o estímulo auditivo (quando considerada apenas a natureza física) não é suficiente para diferenciar estruturas segmentalmente idênticas. No entanto, informação de natureza fonológica, a respeito de processos fonológicos aplicados a clíticos e sílabas pretônicas, são relevantes para diferenciar o estatuto da sílaba átona, ou seja, quando ela é uma palavra funcional e quando é uma sílaba de palavra.

Em relação às hipóteses de pesquisa, os resultados experimentais confirmam, por um lado, a segunda hipótese, pois, do ponto de vista acústico, seguindo o parâmetro da duração, não há evidências de diferenças na classe dos clíticos preposicionais; e, por outro lado, confirmam a terceira hipótese, pois, do ponto de vista da percepção, há critérios de ordem fonológica (mas não somente) que guiam a identificação e diferenciação de sílabas átonas que se configuram externas e internas à estrutura de palavra.

Por fim, nas considerações finais, retomaremos o percurso de análise, apontando as contribuições dos resultados para a teoria fonológica e para o entendimento linguístico das grafias de segmentação não convencional de palavras.

C A P Í T U L O 1

PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA SOBRE A PROSODIZAÇÃO DOS CLÍTICOS E CARACTERIZAÇÃO DOS CLÍTICOS PREPOSICIONAIS

Os clíticos fonológicos são unidades átonas das línguas e, por essa característica, devem ser prosodizados junto a um hospedeiro. Identificar o domínio em que clíticos são prosodizados é tema central de pesquisas em diferentes línguas. A formalização teórica desse processo não se mostra consensual, cuja ausência pode ser explicada, em alguma medida, em função de diferenças de filiações teóricas. Neste capítulo, um dos objetivos é o de discutir a problemática que envolve a prosodização dos clíticos, tendo como ponto de partida a formação do constituinte prosódico *grupo clítico*, domínio específico de estruturas de clítico e hospedeiro. Baseado na formação desse constituinte, exporemos os argumentos de algumas propostas e as evidências fonológicas que sustentam, por um lado, a pertinência de um domínio específico para prosodização de clíticos e, por outro lado, a eliminação de um domínio específico para essa prosodização (cf. seções 1.1 e 1.2).

Seguida da discussão dos aspectos teóricos da prosodização dos clíticos, voltaremos atenção para a classe dos clíticos preposicionais (cf. seção 1.3), pois, como já anunciado, consiste no tipo de clítico investigado. Quanto à caracterização, serão apresentadas as características morfossintáticas, gramaticais (segundo as normas) e prosódicas dos clíticos

preposicionais no PB, acenando para problematização feita em línguas, como o persa, sobre a mesma categoria de clítico.

1.1. Formalização da prosodização de clíticos: problemas teóricos

A Fonologia Prosódica é um arcabouço teórico que trata da estruturação universal dos sons das línguas. Essa organização é derivada da interface entre sintaxe e fonologia, por meio da qual tem origem um conjunto de estruturas, denominadas constituintes prosódicos. Segundo os fundamentos dessa teoria, o contínuo da fala é segmentado em constituintes prosódicos, que correspondem a unidades abstratas, que se evidenciam, nas línguas, por meio de fenômenos fonético-fonológicos (segmentais, rítmicos, entoacionais) que se aplicam tanto no interior quanto entre as fronteiras dos constituintes. Outra premissa básica acerca dos constituintes prosódicos é que, embora originados na interface com a sintaxe, eles não necessariamente coincidem com constituintes morfossintáticos. Os clíticos, por exemplo, representam a não correspondência entre unidades morfossintáticas e prosódicas, pois constituem-se em palavras funcionais de diferentes classes, mas pela atonicidade não se constituem como palavras prosódicas.

A organização dos constituintes prosódicos é dada de forma hierarquizada. No entanto, como são formadas e quais são as unidades prosódicas são questões debatidas até hoje. Notadamente, Selkirk (1984) e Nespor e Vogel (1986, 2007) propuseram dois modelos teóricos distintos, considerando diferentes informações na construção dos

constituintes prosódicos[8]. Em (1.1) é exposta a hierarquia prosódica proposta em ambos os modelos citados.

(1.1)

SELKIRK (1984):		NESPOR E VOGEL (1986):	
IP	Frase Entoacional	U	Enunciado Fonológico
PPh	Frase Fonológica	I	Frase Entoacional
PWd	Palavra Prosódica	ϕ	Frase Fonológica
Ft	Pé Métrico	C	Grupo Clítico
σ	Sílaba	ω	Palavra Prosódica
		Σ	Pé Métrico
		σ	Sílaba

No que toca ao constituinte de prosodização dos clíticos, é relevante comentar que tal domínio gera dissensões entre ambos os modelos. Na hierarquia prosódica, segundo Nespor e Vogel (1986), os clíticos são prosodizados em um constituinte específico, o *grupo clítico* (C), domínio localizado entre ω e ϕ[9]. Por sua vez, na hierarquia prosódica proposta por Selkirk (1984), não há esse domínio, pois, para a autora, os clíticos, a depender de seu funcionamento, se prosodizam junto a ω ou junto a ϕ. Mais recentemente, Selkirk (1996, 2004) reafirmou a proposta sobre diferentes domínios de prosodização, com base na existência de tipos universais de clíticos. Detalhes sobre essa proposta recente serão dados mais adiante.

Dessa divergência sobre a formalização dos clíticos surgem posicionamentos teóricos em duas direções. O primeiro defende a manutenção de um domínio prosódico constituído de sequências de clítico e hospedeiro (NESPOR; VOGEL, 2007; VOGEL,

[8] O modelo de Selkirk (1984), conhecido como *end-based*, é fundamentado na premissa de que as fronteiras dos constituintes prosódicos são definidas a partir de fronteiras sintáticas. Por sua vez, o modelo de Nespor e Vogel (1986), conhecido como *relation-based*, considera que os constituintes prosódicos se constroem a partir de relações sintáticas.

[9] Para fazer referência aos constituintes prosódicos, será utilizada a notação proposta por Nespor e Vogel (1986). Sem desconhecer diferenças entre arcabouços teóricos, optamos por uma notação padrão para identificação dos constituintes prosódicos.

2009). Já o segundo posicionamento argumenta em favor da prosodização dos clíticos em diferentes constituintes da hierarquia prosódica (SELKIRK, 1996, 2004; SIMIONI, 2008), incluindo domínios recursivos (INKELAS, 1990; SELKIRK, 1996, 2004; VIGÁRIO, 2003; ZEC, 2005). Por ora, salientamos que independentemente do posicionamento, ambas as propostas trazem implicações para a organização da estrutura prosódica, uma vez que incidem sobre os princípios de boa-formação que regulam a constituição dessa estrutura.

Como apresentado em (1.2), de acordo com Nespor e Vogel (1986, p. 7), são quatro os princípios de boa-formação que regem a estruturação da hierarquia prosódica. Desse conjunto, os dois primeiros princípios são fundamentados pela *Strict Layer Hypothesis* (SLH), proposta inicialmente em Selkirk (1984).

(1.2)

> *Princípio 1.* Uma dada unidade não-terminal da hierarquia prosódica, X^p, é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente inferior, X^{p-1}.[10]
>
> *Princípio 2.* Uma unidade de um dado nível da hierarquia está exaustivamente contida na unidade superordinária da qual é parte.
>
> *Princípio 3.* As estruturas hierárquicas são de ramificação n-ária.
>
> *Princípio 4.* A relação de proeminência relativa entre os nós irmãos é tal que para um é atribuído o valor forte (s) e para todos os outros é atribuído o valor fraco (w)[11].

A partir desses princípios, a construção dos constituintes prosódicos é definida como se descreve em (1.3):

[10] X^p representa qualquer domínio prosódico; X^{p-1} representa domínio prosódico imediatamente inferior.

[11] Original: "*Principle 1.* A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy, X^p, is composed of one or more units of the immediately lower category, X^{p-1}. *Principle 2.* A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is part. *Principle 3.* The hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branch. *Principle 4.* The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one is assigned the value strong (s) and all the other nodes are assigned the value weak (w)".

(1.3)

> Construção de constituinte prosódico[12]
> Junte em uma ramificação n-ária X^p todos os X^{p-1} incluídos em uma cadeia delimitada pela definição do domínio de X^p.

Associando os princípios de boa-formação e o algoritmo geral de formação dos constituintes prosódicos, destacamos particularmente o preceito de *Exaustividade*. Essa noção na construção dos domínios prosódicos determina que um domínio mais alto domine diretamente o constituinte inferior e que um domínio mais baixo deve estar totalmente presente no constituinte imediatamente acima. No que diz respeito à construção do C, essa noção traz duas consequências, sendo a primeira a de que se um X^p é composto de X^{p-1}, então o clítico passa a ter o estatuto de ω, uma vez que o constituinte inferior ao C é a ω; já a segunda é a de que ωs, sem qualquer clítico associado, também deve se configurar como C antes de ser dominada por uma ϕ[13].

Com base em Bisol (2000a, p. 9), ambos os problemas são exemplificados em (1.4), em que os parênteses representam fronteira de constituinte prosódico:

(1.4)

Aquelas meninas apanharam todas as rosas do jardim
( )( )( )( )( )( )( )( )ω
( )( )( )( )( )( )( )C
( )( )( )( )( )ϕ

A atribuição de estatuto de ω ao clítico, como representado na primeira linha em (1.4), foi amplamente questionada na literatura, especialmente porque essa assunção é

[12] Original: "Prosodic Constituent Construction: Join into na n-ary branching X^p all X^{p-1} included in a string delimited by definition of the domain of X^p" (NESPOR E VOGEL, 1986, p. 7).
[13] Para posições contrárias ao C (cf. INKELAS, 1990), a segunda consequência do princípio de Exaustividade na construção do C representa uma redundância de constituintes prosódicos, pois se palavras não acompanhadas de clíticos precisam ser primeiro analisadas no interior de um C antes de compor uma ϕ, então significa que apenas um constituinte deve ser parte da hierarquia prosódica.

contrária ao real estatuto linguístico desse elemento (sílaba átona), sendo assim uma posição falseável à existência do C, conforme argumentam pesquisadores como Vigário (2007, p. 678), por exemplo. Segundo Bisol (2005), os clíticos do PB não atendem as propriedades que, de acordo com Booij (1983), definem uma ω, a saber:

1. Apresentar relações de proeminência. Em (1.5), são marcadas as proeminências forte (s) e fraca (w) das sílabas internas da palavra *lâmpada*. Como destacado, toda ω tem apenas uma sílaba com prominência forte, a qual receberá o acento primário.

(1.5)

(lâmpada)$_{\omega}$

lâm.	pa.	da
s	w	w

2. Ser domínio de aplicação de regras fonológicas lexicais. Em (1.6), ilustramos a regra de neutralização vocálica, por meio da qual se observa a perda de contraste entre vogais média-baixa e média-alta em contexto de sílaba pretônica (átona):

(1.6)

m[é]dico > m[e]dicina

3. Ser domínio de restrições fonotáticas. O PB restringe ωs iniciarem por consoantes palatais, com exceção para os casos de palavras estrangeiras, como em (1.7):

(1.7)

lhama (espanhol)
nhoque (italiano)

Seguindo as três propriedades que definem uma ω, os clíticos do PB não têm estatuto de ω, já que:

1. Em relação à proeminência, os clíticos são itens átonos, de modo que na relação com o hospedeiro, a proeminência sempre recai sobre o último. Em (1.8), na sequência *na casa*, a sílaba com proeminência forte é uma das que compõem a ω *casa*:

(1.8)

$(na)_{\sigma}$ $(casa)_{\omega}$

na. **ca.** sa
w **s** w

2. Quanto às regras fonológicas lexicais, os clíticos são insensíveis para determinados processos que se aplicam à ω. Em (1.9), apresentamos a regra de harmonia vocálica, a qual é aplicada à ω (1.9a), mas não à sequência de um clítico e hospedeiro (1.9b):

(1.9)

a. palavra: a elevação da vogal da sílaba pretônica é motivada pela vogal alta da sílaba seguinte:

v[e]stido > v[i]stido

b. clítico e hospedeiro: a elevação da vogal do clítico não é motivada pela vogal da sílaba seguinte. A elevação se assemelha à neutralização de sílaba postônica final

d[o] destin[o] > d[u] destin[u]
s[e] fer[e] > s[i] fer[i]
m[e] pediu > m[i] pediu

3. Referente às restrições fonotáticas, a restrição do PB de que palavras não são iniciadas por consoantes palatais não se aplica aos clíticos. No exemplo em (1.10), destacamos o clítico *lhe*:

(1.10)

Eu **lhe** disse tudo

Nespor e Vogel (2007), ao retomarem a formação do constituinte C, afirmam que a atribuição do estatuto de ω aos clíticos é um problema decorrente da geometria da hierarquia prosódica e não tem relação com o conjunto de constituintes prosódicos que compõem a estrutura prosódica. A fim de solucionar esse problema formal, as autoras propõem uma modificação dos princípios de boa-formação, que consiste em permitir "saltos" de até dois constituintes prosódicos. Desse modo, essa proposta aceita que haja *flexibilização* do princípio de Exaustividade. A consequência dessa nova formulação é, por um lado, a de que os clíticos garantem o seu estatuto de sílaba átona, pois não precisam mais, por convenção, serem analisados como Σ e ω e, assim, são sílabas se unem diretamente a seus hospedeiros já no domínio do C, mas, por outro lado, ao permitir flexibilização, tem-se um enfraquecimento dos preceitos gerais da proposta teórica de princípios universais.

As autoras defendem, ainda, que modificações na base de um quadro teórico devem avaliar os custos que geram para a abrangência explicativa dos fatos linguísticos. Nesse cenário, elas defendem que para explicar o funcionamento dos clíticos, uma versão "enfraquecida" do princípio de Exaustividade resolve melhor o problema inicial dos clíticos com rótulo de sílaba dentro do C.

No entanto, a proposta de flexibilizar a noção de Exaustividade não é a única possibilidade no quadro de soluções para a controversa formalização do clítico como ω. Como anunciado no início do capítulo, outras opções encontradas preveem a eliminação do constituinte C e a inclusão de estruturas recursivas na estrutura prosódica. Para Nespor

e Vogel (2007), ambas as propostas têm resultados negativos maiores quando consideradas tanto a explicação dos fatos fonológicos quanto a formação e particularidade da estrutura prosódica frente a outras estruturas gramaticais, como a sintática, por exemplo. Nessa linha de argumentação, embora a exclusão do C possa simplificar o arranjo da hierarquia prosódica, com a vantagem de que seriam necessários poucos domínios para explicar os fatos prosódicos das línguas, se passariam a ignorar as evidências fonológicas exclusivas que se mostram apenas entre um clítico e um hospedeiro (mais detalhes se encontram na seção seguinte). Nespor e Vogel (2007), portanto, salientam que a exclusão do C não se justifica, na medida em que para a formalização dos clíticos passam a ser admitidas estruturas de natureza recursiva, pois uma ω recursiva (que incluem clíticos), por exemplo, não apresenta o mesmo funcionamento de uma ω "simples". Sendo assim, continua-se a distinguir duas estruturas com funcionamentos diferentes (palavra/palavra recursiva) e assumir a noção de ω recursiva consiste apenas de uma sobreposição da ideia de que há um constituinte que abriga a prosodização dos clíticos[14].

Vogel (2009) trata da diferença entre análises que consideram um constituinte como o C e análises que consideram as estruturas de clítico e hospedeiro como uma ω recursiva[15]. Para a autora, ambas as abordagens se diferem quanto à aceitabilidade de recursividade na hierarquia prosódica. Por princípio, a noção de recursividade é o que distingue a estrutura

[14] Como apresentado, na segunda edição do *Prosodic Phonology*, Nespor e Vogel (2007) reafirmam sua posição favorável ao constituinte C. Portanto, no decorrer deste trabalho, será referida somente a primeira versão da obra, de 1986, tendo em vista que na edição mais recente não ocorreram mudanças quanto à concepção teórica de constituintes que compõem a hierarquia prosódica.

[15] Vogel propõe a renomeação do constituinte C para *Grupo Composto*. Com a nova denominação, a autora inclui também a prosodização de compostos nesse domínio. Desse modo, a mudança no nome do constituinte se faz mais coerente ao tipo de elementos que passam a compô-lo (sequências de clítico e hospedeiro e estruturas de palavras compostas). Assim como o dos clíticos, o estatuto prosódico de compostos é um problema, em especial pela presença de mais de um acento. Trabalhos como os de Vogel (2009), Vigário (2007, 2010), Guzzo (2015), Toneli (2015) propõem a prosodização de compostos em um constituinte prosódico específico. A proposta de Peperkamp (1997), Bopp da Silva (2010) e Schwindt (2013) defendem que compostos se prosodizam como estrutura recursiva.

prosódica (não recursiva) da estrutura sintática (recursiva). Essa diferença quanto à recursividade permite que a noção de constituinte prosódico seja definida com base em propriedades específicas do componente fonológico. Portanto, segundo Vogel (2009), a presença de um constituinte específico para a prosodização do clítico acarreta menos problemas à constituição da estrutura prosódica.

Ao avaliar a necessidade de um constituinte como o C, Vogel (2009, p. 18) dialoga com a solução que indica mudança nos princípios de boa-formação, ou seja, a de um enfraquecimento que permita a um constituinte dominar mais que um domínio abaixo, como representado a seguir:

(1.11)



Mantendo uma abordagem teórica de que na hierarquia prosódica há um domínio localizado acima da ω e abaixo da ϕ, Vigário (2007, 2010) apresenta uma revisão do C, a partir do que tinha sido definido em relação a esse constituinte na proposta de Nespor e Vogel (1986). A reanálise defendida por Vigário discute que o constituinte seja renomeado em função dos elementos que estão sob seu domínio, assim, de C, o constituinte passa a ser denominado Grupo de Palavra Prosódica (PWG, do inglês *Prosodic Word Group*), posto que, segundo Vigário (2007, p. 679), "o que este constituinte agrupa não são, necessariamente, clíticos, mas sim palavras prosódicas". Assim, compõem o PWG:

> palavras derivadas com sufixos que formam domínios acentuais independentes da sua base (-mente, z-avaliativos, -avos), palavras derivadas com prefixos acentuados (e.g. pré-acentual), compostos morfológicos (não-lexicalizados), compostos morfossintáticos (e.g. porta-óculos), alguns compostos sintácticos (com certo grau de lexicalização), estruturas mesoclíticas (e.g. dar-te-emos), siglas (e.g. RFM), sequências de letras (e.g. em matrículas, como LM-33-53), sequências de letras e números (e.g. nome de estradas N1) e certas sequências de

> numerais+N (onde parece haver um efeito de frequência, associado à pertença dos membros da expressão e classes fechadas) (VIGÁRIO, 2007, p. 683)

Em relação aos clíticos, a remodelação do antigo C para o constituinte PWG tem por consequência a exclusão da prosodização dos clíticos do constituinte intermediário entre a ω e a ϕ[16]. Dessa maneira, a proposta de Vigário (2007, 2010), quanto à integração prosódica dos clíticos, admite recursividade na formação de estruturas prosódicas (cf. na próxima seção: Vigário, 1999; 2003). Fazendo um paralelo entre as propostas de manutenção de um constituinte intermediário na hierarquia prosódica, salientamos a diferença entre a concepção de Vigário (2007, 2010) e a de Vogel (2009), em especial, pelo fato de que Vogel mantém a prosodização dos clíticos no constituinte originado da revisão do C, ou seja, o Grupo Composto, e não admite recursividade na construção de nenhum domínio prosódico.

Contrária à noção de C (e de qualquer outro constituinte específico de prosodização dos clíticos), Inkelas (1990) aceita recursividade na formação de domínios prosódicos. Em seu trabalho, a autora defende que estruturas de clítico e hospedeiro formam uma ω recursiva. Essa formalização leva em consideração que a prosodização dos clíticos é mais bem explicada a partir da diferença entre: (i) palavras prosódicas e regras lexicais; e (ii) palavra prosódica e regras pós-lexicais. Isto é, haveria palavras prosódicas formadas no léxico (morfologia) e palavras prosódicas formadas no pós-léxico (sintaxe); essas últimas incluiriam os clíticos.

Vale frisar que a proposta de Inkelas (1990) é desenvolvida em um arcabouço que a autora define como Fonologia Lexical Prosódica, o qual, segundo Lee (1995, p. 8),

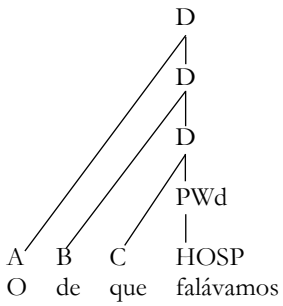
---

[16] A posição de um constituinte intermediário entre a ω e a ϕ pode ser questionada se considerados trabalhos que apontam a ϕ e a I também como hospedeiros dos clíticos (cf. INKELAS, 1990; PEPERKAMP, 1997). Desse modo, se o hospedeiro do clítico não é unicamente uma ω não se justifica que o constituinte específico das estruturas de clítico e hospedeiro esteja localizado entre a ω e a ϕ.

"introduz os constituintes prosódicos no léxico, que funcionam como domínio de aplicação de regras fonológicas, motivadas independentemente das estruturas métricas – mora, sílaba, pé e palavra prosódica". Nessa abordagem de Inkelas (1990), a retirada do C do conjunto de constituintes prosódicos simplifica a hierarquia prosódica, pois as evidências para a existência desse constituinte podem ser reinterpretadas com a distinção na formação de palavras prosódicas.

A partir de dados do PB, Guzzo (2015) delega outro estatuto à recursividade na estrutura prosódica. A autora defende que a recursividade seja admitida como mecanismo de adjunção do clítico ao hospedeiro e não como formação de constituintes, posição que é defendida em Inkelas (1990) e Zec e Inkelas (1991), por exemplo. Ou seja, para Guzzo (2015, p. 92), "recursão é o mecanismo pelo qual, em representação prosódica, constroem-se relações hierárquicas dentro de constituintes". Essa noção adotada pela autora permite formalizar, por exemplo, que, em uma sequência de clíticos, todos estão dependentes prosodicamente do mesmo hospedeiro, como mostrado em (1.12), em que D equivale a um domínio prosódico[17].

(1.12)



[17] Na pesquisa de Guzzo (2015), *domínio* diz respeito à constituição interna de um constituinte prosódico. Portanto, constituinte trata-se da estrutura que é formada a partir das unidades organizadas sob um domínio.

Nessa representação, os clíticos: (i) *que* é ligado diretamente ao hospedeiro *falávamos*; (ii) *de* se liga ao constituinte formado por *que falávamos*; e (iii) *o* se liga à estrutura que já existe e forma o constituinte: *o de que falávamos*. De acordo com Guzzo (2015), essa formalização, embora recursiva, assegura a relação entre clítico(s) e hospedeiro. Essa proposta de que a recursividade é um mecanismo de adjunção prosódica conserva a relação de que os clíticos vão se ligando, a partir da direita, à estrutura formada inicialmente apenas pela palavra hospedeira.

No âmbito da OT (PRINCE; SMOLENSKY, 1993), Selkirk (1996, 2004) adota o conceito de restrições de dominância prosódica, apresentadas em (1.13), em substituição à noção de princípios de boa-formação. Sob essa mudança está subjacente a diferença entre os conceitos de princípio e restrição, ou seja, enquanto princípios sempre devem ser atendidos, restrições podem ser violadas. Vale salientar, que a concepção de gramática na OT é diferente daquela baseada em princípios e parâmetros na qual se fundamentam os modelos iniciais da Fonologia Prosódica. Em síntese, a gramática na OT é constituída de um componente "GEN" que gera as estruturas linguísticas as quais serão avaliadas por "EVAL", componente que compara os possíveis *outputs*, a partir de um ranking de restrições. Uma característica importante dessa diferença de concepção de gramática está justamente na possibilidade de violação dos padrões subjacentes à constituição dos domínios prosódicos. Por consequência, essa característica também se mostra mais abrangente no tocante às particularidades de cada língua, como mais à frente será explicado.

(1.13)

Restrições de Dominância Prosódica[18]

Layeredness: Nenhum C^i domina um C^j, j>i
"Nenhuma σ domina um Ft"
Headedness: Qualquer C^i deve dominar um C^{i-1} (exceto $C^i = \sigma$)
"uma PWd deve dominar um Ft"
Exaustividade: Nenhum C^i domina imediatamente um constituinte C^j, j<i-1
"Nenhuma PWd domina imediatamente uma σ"
Não-recursividade: Nenhum C^i domina C^j, j = i
"Nenhum Ft domina um Ft"[19]

Dentre as restrições listadas em (1.13), *Layeredness* e *Headedness* são invioláveis, enquanto *Exaustividade* e *Não-Recursividade* são violáveis. O ranqueamento das restrições é específico das línguas, prevendo qual(is) domínio(s) são eleitos para a prosodização. Nesse aspecto, não é problemático que os domínios prosódicos não atendam à recursividade e à exaustividade, como é o caso em modelos governados por princípios. Nessa abordagem teórica, não é preciso a existência de um constituinte específico para os clíticos e a prosodização desses elementos ocorre no nível da ω (e ω recursiva) ou da ϕ, a depender do funcionamento do clítico (mais dependente ou menos dependente do hospedeiro).

No que diz respeito especificamente à natureza do clítico, Selkirk (1996, 2004) define que há clíticos com três estatutos: interno, afixal e livre. Os tipos de clíticos conservam a natureza da relação com o hospedeiro, isto é, um clítico interno funciona como uma sílaba interna de palavra e se prosodiza como uma ω (cf. 1.14a); um clítico afixal tem funcionamento semelhante ao de um afixo adjungido, formando uma ω recursiva (cf.

[18] C^n representa alguma categoria prosódica.
[19] Original: Constraints on Prosodic Domination (where C^n = some prosodic category): (i) *Layereness*. No C^i domina a c^j, j>i (e.g., "No σ dominates a Ft") / (ii) *Headedness*. Any C^i must dominate a C^{i-1} (except if $C^i = \sigma$) (e.g., "A PWd must dominate a Ft) / (iii) *Exhaustivity*. No C^i immediately dominates a constituent C^j, j < i-1 (e.g., "No PWd immediately dominates a σ") / *Nonrecursivity*. No C^i dominates C^j, j=i (e.g., "No Ft dominates Ft) (cf. SELKIRK, 2004, p. 466-467).

1.14b); por fim, o clítico livre é mais independente do hospedeiro e é prosodizado diretamente na ϕ[20] (cf. 1.14c).

(1.14)[21]

a. clítico interno	$((fnc\ lex)_{\omega})_{\phi}$
b. clítico afixal	$((fnc\ (lex)_{\omega})_{\omega})_{\phi}$
c. clítico livre	$(fnc\ (lex)_{\omega})_{\phi}$

Esses três tipos de clíticos prosódicos, defendidos por Selkirk (1996, 2004), são, segundo a autora, possibilidades universais. Essa afirmação implica que, em todas as línguas do mundo, o funcionamento dos clíticos pode ser de natureza interna, afixal ou livre. Porém, em uma língua não há necessariamente todos os tipos de clíticos, como atesta, por exemplo, Simioni (2008), para o PB. Cada tipo de clítico tem um domínio de prosodização distinto (i.e., ω, ω recursiva, ϕ), fato que implica que esteja envolvido um ranqueamento de restrições de dominância prosódica que é específica de língua para língua a depender do tipo de clítico que é encontrado.

Assim, essa proposta de Selkirk (1996, 2004), baseada na OT, tem um poder mais abrangente na explicação de fatos de línguas particulares, o qual é decorrente da forma como a teoria prevê a organização universal da informação prosódica, ou seja, a partir de um conjunto de padrões a ser seguido (i.e., as restrições de dominância prosódica), mas que podem ser atendidos em conformidade com o funcionamento de cada língua. Por sua vez, quando se trata de um arcabouço teórico fundamentado em princípios, ainda que a partir de uma visão enfraquecida, as diferenças linguísticas entre funcionamento dos clíticos têm

[20] Peperkamp (1997), para os clíticos do italiano, interpreta os tipos de clíticos como tipos de prosodização. Nessa abordagem, a diferença relevante não é sobre o elemento clítico, mas cobre a forma de integração na estrutura prosódica.

[21] Notações: *fnc:* palavra funcional; *lex:* palavra lexical. Essa notação mostra que a partir de uma única estrutura sintática (fnc + lex) é possível obter diferentes estruturas prosódicas.

uma formalização mais fixa, agrupada em um único domínio prosódico (NESPOR; VOGEL, 1986; VOGEL, 2009). Como consequência desse traço menos flexível, está o fato de que as línguas particulares devem seguir sempre o mesmo padrão na representação prosódica das estruturas e, para tanto, é necessário encontrar evidências fonológicas que justifiquem a formação de um domínio específico de sequências compostas por clíticos.

Em resumo, procuramos demonstrar que a investigação do processo de prosodização dos clíticos esbarra em problemas de constituição da estrutura prosódica. Observando a falta de consenso quanto ao domínio prosódico a que pertencem os clíticos no interior das possibilidades teóricas descritas, essa discussão permite problematizar uma questão importante sobre a universalidade da estrutura prosódica, ou melhor, da forma como ela é constituída, portanto, com base em princípios fixos ou regras flexíveis que atendem as particularidades das línguas. A fim de acrescentar fatos para embasar o desenvolvimento de discussão dessa temática, serão apresentados na seção seguinte, os argumentos que sustentam as abordagens de formalização da prosodização dos clíticos ora apresentadas.

1.2. Evidências da prosodização de clíticos: processos fonológicos

Nas investigações sobre prosodização, processos fonológicos constituem-se em evidências importantes para endossar abordagens teóricas. No caso dos clíticos, esses processos são fundamentais para ser sustentada a proposta de um domínio prosódico específico (quando são identificados processos considerados exclusivos da sequência de clítico e hospedeiro) ou para se defender a proposta alternativa segundo a qual clíticos seriam prosodizados em diferentes constituintes prosódicos, não havendo um constituinte

específico. No decorrer desta seção, análises de clíticos do PB serão apresentadas com o intuito de mostrar que definir o estatuto prosódico desses elementos gera diferentes interpretações mesmo quando são considerados fatos de uma mesma língua.

A assunção tradicional de que os clíticos se aproximam ora do estatuto de palavras independentes e ora do estatuto de afixos (ZWICKY, 1985) é o ponto de partida para Nespor e Vogel (1986) assumirem que os clíticos têm natureza híbrida, ou seja, são elementos com um funcionamento particular. Essa natureza é demonstrada pelo fato de as sequências de clítico e hospedeiro serem um domínio de aplicação de regras fonológicas que não são observadas em nenhum outro domínio. Por essa razão, as autoras defendem que clítico e hospedeiro compõe um constituinte independente da hierarquia prosódica.

No grego, condições de boa-formação na localização de acento preveem a presença de acento em uma das três últimas sílabas (1.15a) e não permitem mais que duas sílabas não-acentuadas localizadas à direita do acento primário. Em uma sequência de hospedeiro mais enclítico, é aplicada uma regra de reajuste de acento (1.15b), em que a presença do enclítico leva à inserção de um novo acento da borda direita da palavra (cf. NESPOR; VOGEL, 1986, p. 151):

(1.15)

a. διάβασε (*leia*)
b. διάβασέ το (*leia-o*) > διάβασέ μου το (*leia-o para mim*)

Em palavras compostas, equivalentes a uma ω no grego, o acento primário também obedece à condição de acento nas três últimas sílabas. No composto, o acento não recai sobre nenhuma das sílabas que portavam o acento primário antes da composição (1.16).

(1.16)

a. palavra simples: kúkla (*boneca*) spíti (*casa*)

b. palavra composta: kuklóspito (*casa de boneca*)

Da comparação entre (1.15) e (1.16), Nespor e Vogel (1986) concluem que o reajuste de acento que ocorre em um C e em palavras compostas é essencialmente diferente, pois: (i) no C, o acento primário do hospedeiro não é alterado para qualquer outra sílaba da palavra, mas um acento extra é adicionado quando é violada a condição de boa-formação de acento; (ii) já nos compostos, o acento primário é redefinido para uma nova sílaba e esse processo não é motivado pela condição de que a partir do acento primário não se exceda duas sílabas átonas. As autoras defendem, dessa maneira, que a regra de reajuste de acento é específica do C.

A posição do acento de palavra também foi apresentada por Veloso (2012) como uma evidência para a existência do C no Português Europeu (PE). Como no grego, em línguas românicas, como o português, o acento não excede a terceira sílaba a partir da posição direita da palavra, como em *fa**lá**vamos*. Para Veloso (2012, p. 7), casos de estruturas proproparoxítonas, ou seja, "palavras/grupos acentuais com acento para lá da terceira sílaba a contar do seu limite direito" (cf. *falávamo-nos*), só são possíveis no português por se tratar de uma combinação de hospedeiro e clítico, sendo que se os clíticos integrassem uma ω, estruturas proproparoxítonas não seriam aceitáveis em razão da regra de localização de acento. Assim, o autor assume que o C é o constituinte prosódico que melhor representa a prosodização dos enclíticos em PE. A perspectiva adotada pelo autor já assume uma versão enfraquecida dos princípios de boa-formação, conforme Vogel (2009).

Tanto no grego (NESPOR; VOGEL, 1986) quanto no PE (VELOSO, 2012), as evidências de natureza acentual convergem para a interpretação do clítico como um elemento que está externo à palavra. Desse modo, o clítico, segundo as evidências ora apresentadas, não faz parte do hospedeiro, já que não altera a sua estrutura, mas passa a formar com ele uma nova estrutura prosódica.

No PB, Bisol (1996, 2000a, 2005) defende o C como um domínio da hierarquia prosódica. Para a autora, os clíticos não formam parte de palavra, uma vez que são suscetíveis a regras pós-lexicais junto com a ω, como a neutralização da átona final. Nos exemplos em (1.17), as vogais médias dos clíticos são afetadas pela mesma regra de alçamento que atinge as vogais das sílabas átonas em fim de palavra, como é destacado entre os colchetes (BISOL, 1996, p. 234, adaptado)[22]:

(1.17)

m[e] lev[e] > m[i] lev[i]
[o] lequ[e] > [u] lequ[i]
lev[e]-m[e] > lev[i]-m[i]

Porém, a evidência principal de que a combinação de clítico e hospedeiro constitui "o primeiro constituinte prosódico pós-lexical" (BISOL, 2000a, p. 19) é encontrada a partir dos processos de sândi, designadamente a degeminação e a elisão. Bisol (2000a, p. 26) mostra que a degeminação ocorre dentro de palavra com e sem contexto de fronteira morfológica (1.18), entre clítico e hospedeiro (1.19) e no interior de uma ϕ (1.20).

[22] Bisol (2000a) também destaca a invisibilidade do clítico à restrição das três janelas (acento de palavra não ir além da terceira sílaba a partir da borda direita), que afeta a ω. Salienta-se, porém, que essa é uma característica de enclíticos, predominantemente, conforme já apresentado por Nespor e Vogel (1986) e Veloso (2012). Por isso, não será explorada essa evidência no trabalho de Bisol (2000a), pois como já discutido em outros trabalhos, a posição enclítica não caracteriza a gramática do PB (ver ABAURRE; GALVES, 1996).

(1.18)

reestabelecer > restabelecer (com fronteira)
álcool > álcol (sem fronteira)

(1.19)

do oceano > [do]ceano

(1.20)

casa amarela > ca[za]marela

A elisão da vogal /a/, por sua vez, não se aplica no interior de uma palavra (1.21), mas ocorre entre clítico e hospedeiro (1.22) e entre elementos de uma ϕ (1.23) (BISOL, 2000a, p. 26):

(1.21)

baunilha > *bunilha

(1.22)

uma hotelaria > u[mo]telaria

(1.23)

casa escura > ca[zes]cura

Na observação de ambos os processos, Bisol (2000a) defende que se a elisão, ao contrário da degeminação, inicia aplicação a partir de uma combinação de clítico e hospedeiro, ignorando o domínio de palavra. Segundo a autora, esse fato mostra que a elisão se trata de um fenômeno fonológico que abrange apenas estruturas pós-lexicais. Portanto, ela constitui uma evidência de que o clítico "não faz parte da palavra fonológica

lexical, mas constitui com a palavra de conteúdo com que se relaciona um constituinte prosódico pós-lexical" (p.28). De acordo com a autora, esse constituinte é o C.

A elisão da vogal /e/ é, para Bisol (2005, p. 175), o processo fonológico que só se aplica na presença de um clítico. O processo ocorre especialmente entre dois clíticos (cf. 1.24) e entre um clítico e uma palavra funcional (cf. 1.25). Porém, não se aplica na combinação de um clítico e uma palavra lexical (cf. 1.26), tampouco no interior de ϕ (cf. 1.27).

(1.24)

de+um > dum dia

(1.25)

em outro dia > noutro dia

(1.26)

de amor > *damor

(1.27)

cidade antiga > *cidadantiga

A elisão não é observada em (1.26) e (1.27), pois o elemento designado terminal (DTE) do constituinte impede a aplicação do processo (respectivamente: *amor* e *antiga*)[23]. De todo modo, é sempre na presença de um clítico que a regra acontece, sendo a elisão da vogal /e/ um fenômeno exclusivo que ocorre entre elementos funcionais e, portanto, uma regra específica do domínio que abrigam clíticos e um hospedeiro acentuado. Para Bisol (2005), esse processo é mais uma evidência da existência do C para explicar fatos do PB.

[23] Um elemento designado terminal consiste em um "elemento de proeminência relativa que projeta na grade uma posição forte, pronta para carregar o acento preponderante" (BISOL, 2005, p. 174).

Retornando à prosodização de clíticos no PE, Vigário (1999, 2003) e Frota e Vigário (2003) trazem argumentos a favor de assimetria na prosodização de enclíticos e de proclíticos, com base em processos segmentais. Os proclíticos se unem ao hospedeiro que lhe segue por adjunção, já os enclíticos são incorporados junto à ω precedente. Assim, segundo essa perspectiva, enclíticos e seus respectivos hospedeiros são dominados por uma só ω pós-lexicalmente, e os proclíticos ligam-se por adjunção às ω que o seguem, também, no nível pós-lexical, formando, nesse caso, uma ω recursiva.

Nessa proposta, Vigário (2003, p. 186) observa que regras fonológicas pós-lexicais, como o processo de semivocalização da segunda vogal (V2) em uma sequência vocálica, que se aplica na borda direita final de palavra (cf. 1.28), também afeta uma sequência de palavra e enclítico (cf. 1.29), evidenciando que o clítico (restrito aos pronominais em posição pós-verbal) tem comportamento idêntico ao de segmento interno de palavra. O mesmo processo não é verificado quando um clítico pronominal está localizado antes do verbo (cf. 1.30), nem para artigos definidos com mesma cadeia sonora (cf. 1.31) (cf. VIGÁRIO, 2003):

(1.28)

o ri[u]/[w] lento (o ri<u>o</u> lento)

(1.29)

eu vi-[u]/[w] deitado (eu vi-<u>o</u> deitado)

(1.30)

só a ti [u]/*[w] diz (só a ti <u>o</u> diz)

(1.31)

eu vi [u]/*[w] texto (eu vi <u>o</u> texto)

Por sua vez, a presença de um proclítico é contexto favorável para a ocorrência de regras pós-lexicais na margem esquerda inicial de palavra, sinalizando, segundo Vigário (2003), que entre o proclítico e o hospedeiro há a presença de uma fronteira prosódica: nesse caso, o clítico não pode ser considerado parte da palavra. A presença de um proclítico (cf. 1.32) não altera a realização da vogal em início de palavra prosódica (cf. 1.33) (VIGÁRIO, 2003, p. 197):

(1.32)

a **o**rganização [o]/[ɔ]

(1.33)

organização [o]/[ɔ]

Essa abordagem de clíticos pronominais feita por Vigário (1999, 2003) também é considerada válida por Brisolara (2008) para o PB. A pesquisadora brasileira defende que, no PB, os clíticos se integram à estrutura prosódica por recursividade, de modo semelhante ao proposto por Vigário (1999, 2003) para os proclíticos do PE. A representação para a incorporação prosódica dos clíticos pronominais, conforme indicada por Brisolara (2008, p. 153, adaptado) é apresentada para os proclíticos em (1.34) e para os enclíticos em (1.35).

(1.34)

$[[[se]_{\sigma}[conta]_{\omega}]_{\omega}]_{\phi}$

(1.35)

$[[[conta]_{\omega}[se]_{\sigma}]_{\omega}]_{\phi}$

As formalizações em (1.34) e (1.35) mostram que no PB não há assimetria na prosodização de enclíticos e proclíticos, pois os clíticos em ambas as posições são

adjungidos à ω. Uma evidência da simetria de proclíticos e enclíticos é o processo de neutralização da átona final (ver exemplo 1.17), uma vez que esse processo se aplica independentemente da posição em que o clítico está em relação ao hospedeiro.

Como constatado inicialmente por Bisol (2005, p. 164) e reafirmado por Brisolara (2008, p. 154), os clíticos do PB são suscetíveis apenas a regras pós-lexicais e, assim, não podem ser integrados como parte de uma ω simples. No entanto, Brisolara assume que o C não é um constituinte da hierarquia prosódica, admitindo a prosodização dos clíticos como uma palavra recursiva, a qual está no mesmo domínio da ω, uma vez que nas sequências de clítico e hospedeiro só há um acento de palavra. Além disso, as regras fonológicas pós-lexicais que afetam os clíticos também atingem a ω (por exemplo, neutralização de átonas finais). Observa-se que, nessa proposta de Brisolara (2008), esse argumento é crucial para a defesa de que a prosodização dos clíticos ocorre em um domínio de palavra pós-lexical, pois caso fosse assumida a prosodização no constituinte superior à ω, ou seja, na ϕ, por consequência determinadas regras da língua deveriam mudar seu domínio de aplicação.

Dando continuidade aos argumentos que sustentam as posições contrárias à visão de que os clíticos são prosodizados em um domínio específico da escala prosódica, na seção anterior foi discutida a proposta de Selkirk (1996, 2004) acerca da existência de tipos universais de clíticos. Sob essa perspectiva, os tipos de clíticos propostos pela autora estão discutidos em Simioni (2008) para o PB.

Segundo Simioni (2008), os clíticos do PB são do tipo *livre* e se anexam diretamente a uma ϕ. Quantos aos outros tipos de clíticos e domínios de prosodização, a autora refuta a possibilidade de ser um clítico afixal com base em processos fonológicos que atingem determinados prefixos legítimos adjungidos a uma raiz (SCHWINDT, 2000). Para Simioni (2008), esses tipos de prefixos apresentam, por exemplo, processos de ressilabificação que

não ocorrem em uma combinação de clítico e palavra. É o caso de prefixos terminados em segmento nasal seguidos de palavras iniciadas por vogal, como em (1.36), que passam a ter a sua consoante nasal como o ataque da próxima sílaba da palavra, mas o mesmo não se aplica aos clíticos, como mostrado em (1.37) (cf. SIMIONI, 2008, p. 438, adaptado):

(1.36)

(an+(aeróbico)$_{\omega}$)$_{\omega}$ > (a[na]eróbico)$_{\omega}$)$_{\omega}$

(1.37)

(em(apuros)$_{\omega}$)$_{\phi}$ > *(e([ma]puros)$_{\omega}$)$_{\phi}$

A configuração que representa um clítico interno leva à interpretação de que o clítico está integrado à ω. A consequência dessa interpretação é a de que o clítico funcionaria, quando proclítico, como uma sílaba pretônica. Simioni (2008) mostra, por exemplo, que clíticos terminados pelos segmentos /e/ e /o/ sofrem processos característicos de sílabas átonas finais de palavra, como é o caso da neutralização da átona final. Esse processo de neutralização, porém, não é esperado em sílabas pretônicas, como mostra (1.38a), com exceção para os casos de harmonia vocálica, como em (1.38b), e de alçamento sem motivação aparente (BISOL, 2014), como em (1.38c).

(1.38)

a. elefante > *[i]l[i]fante
b. m[e]nino > m[i]nino
c. b[o]neca > b[u]neca

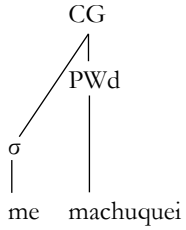
Portanto, para Simioni, a configuração a qual o clítico se anexa diretamente a uma ϕ é a estrutura que se mostra mais coerente para o PB quando se toma por base a observação de processos fonológicos segmentais, pois indica que o clítico é um elemento diferente de

um afixo que está integrado e adjungido a uma ω, ou seja, marca que o tipo de relação entre clítico e hospedeiro é mais livre. Assim, clítico e hospedeiro formariam uma ϕ com apenas um item acentuado, configuração que seria semelhante às frases formadas por apenas uma ω.

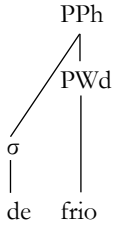
Recentemente, Guzzo (2015) propôs que a prosodização de clíticos pronominais e não pronominais do PB é formalizada em constituintes prosódicos distintos. Os clíticos pronominais estariam no domínio do Grupo Composto (VOGEL, 2009), conforme representação em (1.39a) e os não pronominais (i.e., artigos, preposições, conjunções) se integrariam a uma ϕ, como formalizado em (1.39b).

(1.39)

a.



b.



A distinção na prosodização de tipos de clíticos (pronominais e não pronominais) é feita a partir da comparação do funcionamento morfossintático e fonológico dos clíticos. Por um lado, clíticos não pronominais apresentam fusão clítica (*de+um* = *dum*), não têm uma classe específica de hospedeiro, são afetados com mais frequência pela regra de neutralização da átona final (cf. GUZZO, 2010) e podem formar uma sequência de clíticos (*o de que falávamos*). Por outro lado, clíticos pronominais não se fundem a nenhum tipo clítico (*me+o* = **mo*) e sempre elegem formas verbais como hospedeiro (*me deu*). As características dos clíticos pronominais indicam que junto ao hospedeiro esses clíticos

formam uma estrutura composicional, ou seja, mais dependente. Já os clíticos não pronominais são mais independentes e funcionam como elementos sintáticos.

Considerados os procedimentos de investigação da prosodização de clíticos, constatamos que poucas pesquisas fundamentaram suas análises e argumentações no funcionamento de uma classe específica de clítico. Foi possível perceber que quando analisado particularmente um tipo de clítico, os estudos focalizaram a análise dos pronominais, os quais, dada sua característica de mobilidade em relação ao hospedeiro, trazem questões interessantes quanto à integração prosódica de proclíticos e enclíticos em diferentes línguas.

Apesar de não haver distinção clara entre classes de clíticos, entendemos que, em alguma medida, certas perspectivas teóricas têm se concentrado em uma diferenciação no funcionamento dos clíticos, ao proporem diferentes domínios de prosodização. Selkirk (1996, 2004) discute diferentes tipos de clíticos e de prosodização com base em evidências de línguas como o inglês e o servo-croata. Peperkamp (1997), na mesma linha, defende haver diferentes constituintes de prosodização para os clíticos italianos. No PB, o trabalho de Guzzo (2015) discute diferentes domínios de prosodização, ao propor a existência de dois conjuntos de clíticos: pronominais e não pronominais. A autora sustenta essa divisão em diferenças que caracterizariam os funcionamentos morfossintático e fonológico de cada conjunto.

Nesta tese, ponderamos os apontamentos da literatura sobre prosodização de clíticos, a partir do funcionamento de uma classe específica: os clíticos preposicionais. O pressuposto para eleição dessa classe está firmado em duas constatações. A primeira se refere às características linguísticas das preposições, em especial, ao complexo funcionamento morfossintático dessas formas (cf. próxima seção). A segunda constatação

está no registro gráfico dos clíticos preposicionais em casos de segmentação em palavras, o qual revela certas regularidades que corroboram a particularização das preposições átonas (cf. próximo capítulo).

A seguir, será explicitada a primeira constatação, com base na apresentação de características morfossintáticas, gramaticais e também prosódicas das preposições do PB.

1.3. Clíticos preposicionais: características morfossintáticas, gramaticais e prosódicas

Diferentemente de verbos, substantivos e adjetivos, que são classes de palavras de categoria lexical, as preposições, ao lado de outras classes como artigos, pronomes e conjunções, são consideradas uma categoria funcional. Na literatura linguística, é empregado alternativamente o conceito *gramatical*, para a referida categoria funcional (ILARI et.al., 2015; CASTILHO, 2009). Nesta tese, adotamos a denominação *funcional*, a qual é empregada em trabalhos sobre prosodização de clíticos (NESPOR, VOGEL, 1986; SELKIRK, 1996, 2004, ZEC, 2005).

Em relação à constituição das categorias lexical e funcional, se considerados os traços nominal [N] e verbal [V], os quais combinados em diferentes graus (+ ou -) definem um núcleo lexical, as preposições não se enquadram na classificação de categoria funcional, ao receberem os traços distintivos [-N] [-V]. Para o português, Mioto et. al. (2007) avaliam que as preposições não são uma classe de palavras puramente lexical como são os verbos, os substantivos e os adjetivos, em função de características que serão discutidas a seguir. Embora os autores ponderem a classificação das preposições como uma categoria lexical, há itens, como *sobre,* que, igual aos elementos lexicais, são capazes de selecionar

semanticamente seu argumento. Em relação ao fato de certas preposições terem características de palavras lexicais, interessa destacar que essa discussão não será aprofundada, uma vez que as preposições investigadas nesta tese apresentam claramente características que as relacionam à categoria funcional de palavras.

Conforme Abney (1987, p. 64-68) e Cook e Newson (1996, p. 187), as palavras de categoria lexical constituem uma classe aberta (i.e., admitem a criação de novos elementos[24]), são independentes tanto fonológica quanto morfologicamente (i.e., são palavras prosódicas e podem ocorrer sem complementos), podem ter um ou mais complementos (i.e., em se tratando de verbos, esses podem ser transitivos ou bitransitivos). Em oposição, as palavras de categorial funcional formam uma classe fechada (i.e., apresentam um número restrito de elementos), em geral são clíticos fonológicos[25] e dependentes morfologicamente (i.e., formas que precisam necessariamente de um complemento: **fomos ao cinema com*). Em termos semânticos, entende-se que as palavras funcionais não têm o que Abney (1987), por exemplo, definiu como conteúdo descritivo. Esse conceito diz respeito à ligação de um elemento com o "mundo real". De acordo com o autor, se uma pessoa diz *bola*, automaticamente tem-se qual é o significado desse substantivo, sem necessariamente tê-lo a sua frente. Tal característica não se verifica para palavras funcionais, cujo sentido é de natureza abstrata, gramatical.

Em termos da representação prosódica, também há distinção entre a prosodização de palavras lexicais e funcionais (SELKIRK, 1996, 2004). Para o PB, Toneli (2009) constata

---

[24] Conforme destaca Basílio (2014), processos de formação de palavras (derivação e composição) são os responsáveis pela expansão lexical.

[25] Nem todas as palavras funcionais são clíticos fonológicos. Algumas delas, ao formarem pé e receberem acento primário, se configuram como ϖs, como é o caso da preposição *sobre*. No entanto, em alguns casos, as palavras funcionais podem ser suscetíveis a reduções, perdendo informações segmentais e se cliticizando. A preposição *para*, por exemplo, representa um processo de cliticização, sendo realizada, na fala, como "pra" e até mesmo "pa" (ver Bisol (2005) e Marcato (2013) sobre a cliticização da preposição *para*, respectivamente, nas variedades gaúcha e paulista do PB).

que palavras lexicais, por carregarem acento primário, são prosodizadas como ω. Por sua vez, as palavras funcionais são bastante variadas, podendo ser prosodizadas como clítico ou como ω. As palavras funcionais dissílabas e trissílabas atendem a condição de formação de pé, recebem acento primário e se prosodizam como ω, assim como as palavras lexicais. Já as palavras funcionais monossilábicas são átonas e se prosodizam como um elemento clítico. No entanto, Toneli (2009) ressalva que em contexto de focalização, palavras funcionais monossilábicas recebem um evento tonal, sendo prosodizadas como ωs.

Quanto à constituição da classe das preposições, com base em Câmara Jr. (1979), destacamos que nas línguas românicas elas substituíram a marcação flexional do sistema de casos do latim. Em virtude dessa substituição, as preposições se tornaram os elementos indicativos das relações de subordinação entre os constituintes de uma oração (por exemplo, entre os nomes, os verbos e os seus complementos). Gramaticalmente, Raposo e Xavier (2013, p. 1497) definem as preposições como "palavras invariáveis e geralmente monossilábicas, cuja função consiste em estabelecer uma relação sintática e semântica entre duas expressões x e y". Seguindo a definição feita por Bechara (1999), Raposo e Xavier (2013) adotam para o termo "x" a noção de subordinante, que é o que define a presença da preposição e para o termo "y" a noção de subordinado, que corresponde ao complemento da preposição[26].

Ainda no que diz respeito à constituição das preposições, em latim, *preposição* significa *posicionar-se a frente.* O sentido etimológico da palavra é revelador da posição que as preposições ocupam como o primeiro elemento de um sintagma preposicional (doravante,

[26] Vale observar que nem sempre são empregados esses termos. Em Cunha (1979, p. 377) e em Cunha e Cintra (1986, p. 551), por exemplo, os termos *subordinante* e *subordinado* são, respectivamente, *antecedente* e *consequente.*

SP), independentemente da classe de palavra a que estejam ligadas (cf. ILARI et.al., 2015, p. 163):

(1.40)

preposição + *verbo:* começar [*a* dançar]$_{SP}$
preposição + *substantivo:* gostar [*de* música]$_{SP}$
preposição + *adjetivo:* texto [*em* prosa]$_{SP}$
preposição + *pronome:* mostrar [*para* mim]$_{SP}$

Conforme os exemplos em (1.40), o SP é formado pela preposição e o termo subordinado, marcados entre colchetes. A relação entre esses elementos é de tal forma coesa que, entre a preposição e o seu complemento não pode ser intercalado outros elementos (RAPOSO; XAVIER, 2013, p. 1499), como é o caso, em (1.41), do advérbio *tarde* posicionado entre *para* e *o seu escritório*. Por sua vez, é possível inserir um elemento entre o termo subordinante e a preposição, como o advérbio *tarde* entre *voltou* e *para*, em (1.42).

(1.41)

*O Pedro voltou *para* tarde *o seu escritório.*

(1.42)

O Pedro *voltou* tarde *para* o seu escritório.

Cunha (1979) discute que o sentido da preposição é dependente da função sintática que ela ajuda a construir. Por exemplo, a preposição *com* está relacionada ao sentido de associação e companhia, os quais estão garantidos prioritariamente em *Estive com Pedro* e menos em *Concordo com você*, por exemplo. A combinação do verbo *concordar* com a preposição *com* é uma expressão já fixa no português, de modo que se perde um pouco o sentido base da preposição em favor de garantia da função puramente relacional do item.

Assim, o autor considera que as preposições participam de três tipos de relações sintáticas: fixa, necessária e livre.

A relação sintática do tipo fixa consiste em casos como o exemplificado em (1.43). Segundo Cunha (1979, p.381), nessa relação

> a primitiva função relacional e o sentido mesmo da preposição se esvaziam profundamente, vindo a preponderar tanto na organização da frase como no valor significativo o conjunto léxico resultante da gramaticalização da relação sintática preposicional.

(1.43)

Custa crer que vivam no Rio *de* Janeiro.

Desse modo, em uma relação fixa, a preposição e os elementos ligados a ela não se desvinculam, criando uma conexão que os aproximam da estrutura de palavras compostas.

O segundo tipo, a relação necessária, é aquele em que a preposição é exigida para introduzir elementos sintaticamente obrigatórios, como, por exemplo, ligação entre verbo e objeto indireto, como em (1.44). Nesse caso, é a regência do verbo *gostar* que leva a necessariamente ser empregada a preposição *de*.

(1.44)

Gosto *de* flores.

Finalmente, a relação livre marca os casos em que as preposições não são sintaticamente obrigatórias, nem fundamentais para a garantia do sentido gramatical da sentença, como no exemplo (1.45), em que a retirada da preposição *com* em nada afeta o sentido da sentença.

(1.45)

a. Encontrar *com* um amigo.

b. Encontrar *um* amigo.

Outra característica bastante apontada pelas gramáticas é a formação de *locuções* envolvendo preposições. Rocha Lima (1992), por exemplo, aponta a existência de locuções prepositivas, como *acerca de*, *a respeito de*, em que duas ou mais palavras cumprem a função conectiva de uma preposição simples. O autor ainda acrescenta, no conjunto das locuções, as de natureza adverbial, como *de repente, de novo*. Nota-se, nesse caso, que a locução adverbial é formada também pela presença de uma preposição, embora não se tenha qualquer função prepositiva associada a essas locuções.

De outra perspectiva, Lemle (1984, p. 129) dá destaque à função sintática como critério de rotulação das locuções formadas por preposições. Para a autora, as locuções devem ser analisadas no interior da estrutura sintática, ou seja, sua natureza "obedece ao princípio de que o nome da locução é dado em termos da função que ela exerce dentro da construção maior". Com base nessa ideia, a mesma estrutura locucional pode ter diferentes denominações. Por exemplo, *a cavalo* corresponde a uma locução adjetiva em (1.46), mas tem natureza adverbial em (1.47).

(1.46)

Um homem *a cavalo.*

(1.47)

Chegou *a cavalo.*

Outro trabalho que se volta para a discussão da função sintática de locuções é o de Dias (2001). A autora defende que locuções que verdadeiramente têm uma função sintática são constituintes da oração. Seguindo esse raciocínio, uma locução adjetiva pode funcionar como um adjunto adnominal, como em (1.48), e uma locução adverbial como um adjunto adverbial, como em (1.49) (cf. DIAS, 2001, p. 108).

(1.48)

a. Casa *de boneca*.

b. Homem *sem coragem*.

(1.49)

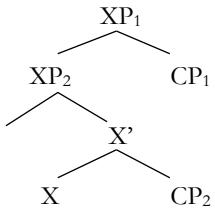
a. Aconteceu *por milagre*.

b. Veio *às pressas*.

Dias (2001, p. 109-110) faz distinção de locuções, como as apresentadas em (1.48) e (1.49), e as locuções prepositivas, como, por exemplo *a fim de*, pois, no primeiro caso, "as chamadas 'locuções adjetivas' e 'locuções adverbiais' são formações sintáticas idiossincráticas, e só recebem esses rótulos por causa de sua função de adjunto", ou seja, essas estruturas são agrupamentos condicionados sintaticamente. As locuções prepositivas, por sua vez, têm caráter locucional fixo, o qual é independente da construção sintática.

Como elementos que participam da construção de relações de subordinação, as preposições introduzem tanto adjuntos quanto complementos. No entanto, na representação sintática, complemento e adjunto não têm o mesmo estatuto. A diferença pode ser explicada a partir da organização em (1.50), em que CP_1 corresponde à posição de adjunto e CP_2 à posição de complemento, de acordo com Mioto et. al. (2007, p. 66):

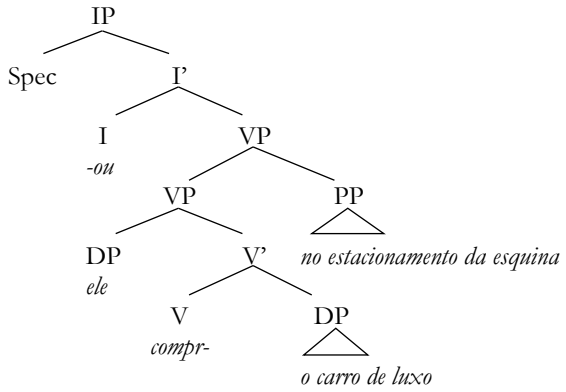
(1.50)



Nessa representação arbórea, o constituinte CP_2 está *incluído* na projeção máxima (XP), ao ser dominado pelos segmentos que a compõe (XP_1 e XP_2). Por sua vez, CP_1 está *contido* na projeção máxima, visto que é dominado por apenas um de seus segmentos (XP_1).

As noções de inclusão e continência são fundamentais na diferenciação de complementos e adjuntos, pois inclusão significa que um constituinte está totalmente dominado pelos segmentos da projeção máxima, enquanto continência quer dizer que nem todos os segmentos da projeção máxima dominam um determinado constituinte. Seguindo essa explicação, em (1.51) é exibida a representação da sentença *Ele comprou o carro de luxo no estacionamento da esquina*, sendo *o carro de luxo* o complemento e *no estacionamento da esquina* o adjunto (ver MIOTO et. al., 2007, p. 85)[27].

(1.51)



Em termos gramatical e morfossintático, as preposições são unidades complexas, na medida em que participam da construção de relações bastante variadas, como a introdução de complementos (mais essenciais à estrutura sintática) e de adjuntos (menos essenciais à estrutura sintática). Entendemos que essa participação das preposições em diferentes tipos de construções permite delinear dois tipos de funcionamentos centrais: um que pode ser classificado como mais independente como quando a preposição apresenta uma função mais relacional entre elementos sintaticamente necessários; outro como mais dependente (como casos de locução, formadoras de adjuntos), em que a preposição,

[27] Na árvore, as notações representam: IP: sintagma flexional (inflectional phrase); VP: sintagma verbal (verbal phrase); PP: sintagma preposicional (preposicional phrase); DP: sintagma determinante (determiner phrase).

embora continue sendo uma palavra independente, ela é apenas um elemento no interior de uma construção que, em termos morfossintáticos, equivalem a uma única unidade.

No que se refere ao estatuto prosódico das preposições, Marcato (2013) constatou que algumas dessas formas são clíticos fonológicos, a partir de evidências de processos segmentais. A autora analisou tanto processos que afetaram os segmentos internos das preposições (primeiro tipo) quanto os que se aplicaram entre as preposições e as palavras adjacentes (segundo tipo). Nesse trabalho, as formas analisadas foram: *a*, *de*, *com*, *em*, *por*, *para*, *do(s)*, *da(s)*, *no(s)*, *na(s)*, *ao(s)*, *à(s)*. Em (1.52), encontram-se os processos identificados do primeiro tipo e as preposições afetadas por cada um deles:

(1.52)[28]

	Preposição	**Exemplo**
a. apagamento do "r" em final de sílaba	*por*	Eu num queria ficá(r) com ele né? *p[u]* vários motivos.
b. assimilação da nasal	*com*	Eu tava *[ku]* muito medo.
c. ditongação fora do contexto de juntura	*com, em*	Pessoas que conviveram *[kõʊ]* pessoas mais velha. Fiquei grávida *[ẽi]* dois mil.
d. metátese	*em*	"Vem descen(d)o vem descen(d)o até::… aTÉ chegá(r) *n[i]* nós mesmos"
e. queda da consoante nasal	*com*	Ô caipira eu num posso í(r) junto *[ku]* você
f. neutralização vocálica[29]	*de, do, em, por, no, ao, com*	Aí nós comemo(s) esse tal churrasco *d[ʒi]* bode. Além de tê(r) que vende(r) as coisas *d[u]* enxoval das coisas *d[u]* nenê. Até que eu tinha pensado *[i]m* desisti(r). Despeja aquele caldo... e deixa *p[u]r* vinte minutos. Casei... só *n[u]* cartório. Mas nenhum se compara *a[u]*condomínio.

[28] Os exemplos e a denominação dos processos fonológicos foram extraídos de Marcato (2013).
[29] Neste trabalho, adotamos a denominação de *alçamento vocálico* para o processo descrito por Marcato (2013) como neutralização vocálica.

		Depois *[kũ]* sessenta em quatro a gente já sofreu... uma certa interferência.
g. palatalização da consoante "d"	*de*	Aí nós comemo(s) esse tal churrasco *d[ʒi]* bode.
h. redução fonológica	*para*	Nós fomos embora *pra* São Paulo. Eu tinha que trabalhá(r) *pa* pô(r)... dinhe(i)ro dentro de casa.

Em relação aos processos apresentados em (1.52), constata-se que uma preposição pode estar suscetível à aplicação de mais de um processo segmental, como, por exemplo, sobre a preposição *com* foram verificados os processos de queda da nasal e de neutralização vocálica; sobre a preposição *de* foram observados os processos de neutralização vocálica e de palatalização da oclusiva /d/ na variedade do português do noroeste paulista. Os processos segmentais foram combinados ainda a processos de juntura das preposições e palavras adjacentes (processos do segundo tipo), os quais são apresentados em (1.53).

(1.53)

	Preposição	**Exemplo**
a. haplologia	*de*	Ela aTÉ te/ ela tem *vontad[ʒi]* vende(r) lá.
b. vozeamento da consoante fricativa na coda	*das, nas, aos/às, dos, nos*	E ela me contava *da[z]amigas*. Especialmente *na[z]escolas* primárias. As ideias devem sê(r) apresentadas *ao[za]lunos*. Não que seja melhor *do[z]o(u)tros* dois meus irmão. Comecei a implantá(r) esses sistemas... *no[z]o(u)tros* escritórios de contabilidade.
c. degeminação consonantal	*às, das, dos*	Então ele nasceu *à[s]eis* e quarenta. Quarta e sexta *da[s]eis* às sete e meia eu tava lá. Casa *do[s]ete* anões.

d. tapping[30]	*por*	*po*[ɾa]*lguns*, *po*[ɾe]*xemplo*, *po*[ɾɛ]*la*, *po*[ɾi]*sso*
e. hiato	*na, com, da*	Só que *n[aɔ]ra* que teve... que teve a criança viu que era menina. Um acontecimento *[kõʊa]* patroa da minha filha. Era *d[aɛ]ra* nossa esse [posto] e comecei vende(r) tam(b)ém po:: pos clientes do posto.
f. degeminação	*para, com, em, de, no, do*	Com o(u)tra porta *pa* saída. Eu c'a filha de::la *[kõʊs]* filhos dela. Ele saiu *[ku]ma* mulher. Abre e espeta né? *[ko]* palito. Então eu decido *hoj[ĩ]* dia minhas amizade. Só *d[eu]* está(r) aqui tá bom. Todo mundo entrô(u) *n[o]spital* e ficô(u) no quarto esperan(d)o. Era de um jeito o(u)tro do lado era *d[o](u)tro***.**
g. ditongação	*da, de, para, do, no, na, com*	Tem uma reposição *d[aj]flação.* Uma área voltada pro segmento *d[ʒia]dministração.* Depois uma época continuei trabalhando de empregado *pr[au]s* o(u)tros. Aí eu cheguei em Cuiabá eu lembro que eu até::... comprei batata pra comê(r) dentro *d[ua]vião.* A gente vai sempre *n[ua]no* novo pra lá. Eu sempre falava que eu gostaria de tá trabalhan(d)o *n[aĩ]presa* aérea. Tem várias coisas a hor::ta a marcenari::a serralheria pro cê ficá(r) lá conversan(d)o *[kʊa]* rapazia::da.
h. elisão	*para, de, com, no, na*	Nós vendemos o látex... a borracha *puma* empresa aí. Aí a gente chama o pessoal **d[ũ]s** trin::ta garçom. Eu *[ka]* filha de::la com os filhos dela acabamo(s) ficamo(s) brincan(d)o. Cê num foi *n[uɛ]roporto.* Depois aqui *n[o](u)tra* sa::la… aí tem uma estan::te.

[30] Neste trabalho, adotamos a denominação de *reestruturação silábica* para o processo descrito por Marcato (2013) como tapping.

Em relação à aplicação dos processos de juntura, Marcato (2013) identifica que para as preposições *de*, *da*, *do*, *no* e *na* o processo mais recorrente foi a ditongação, enquanto que para as preposições *com* e *para*, foi mais frequente a degeminação. Dentre as preposições analisadas, a forma *em* se diferenciou por ter sido verificada a aplicação apenas do processo de degeminação. A partir da descrição dos processos fonológicos, a autora avaliou o funcionamento prosódico dos clíticos preposicionais, analisando o contexto morfofonológico em que ocorreu cada preposição. Desse procedimento, Marcato (2013, p. 136) identificou três contextos, sendo o primeiro o da preposição seguida de um item gramatical acentuado (*com esse menino*), o segundo o da preposição seguida de um item gramatical átono (*para a menina*) e o terceiro o da preposição seguida de um item lexical (*da rapaziada*). Assim, o conjunto das preposições *de*, *da*, *do*, *no*, *na* se prosodizam, mais frequentemente, junto a um hospedeiro de categoria lexical. Por sua vez, as preposições *com* e *para* tendem a se realizar como um elemento clítico, em especial, quando seguidos por um item gramatical e átono. Essa diferença de prosodização observada por Marcato (2013) pode ser interpretada pelo fato de o primeiro conjunto das preposições (*da*, *do*, *na*, *no*) já terem passado pelo processo de contração com outro elemento clítico (de+a, de+o, em+a, em+o), o qual está sendo experimentado, na fala, pelas preposições *com* e *para*.

Na literatura internacional, Hosseini (2012) discute para a língua persa o funcionamento prosódico de preposições clíticas. Nesse trabalho, o funcionamento de clíticos preposicionais é utilizado como evidência para distinção na integração prosódica de proclíticos e de enclíticos. Assim como no português, as preposições do persa estão sempre em posição proclítica.

Hosseini (2012) defende assimetria na prosodização de enclíticos e proclíticos do persa. Para o autor, essa assimetria mostra que as categorias prosódicas podem ser

recursivas e não exaustivas, seguindo o modelo teórico baseado em restrições de dominância prosódica (SELKIRK, 1996, 2004). Considerando os tipos universais de clíticos, os enclíticos persas seriam do tipo afixal e formariam uma ω recursiva, enquanto os proclíticos persas (como as preposições) seriam do tipo livre e se anexariam diretamente a uma ϕ. Tratando especificamente dos proclíticos, Hosseini (2012) dispõe de evidências fonéticas a fim de demonstrar a natureza livre dos proclíticos, ou seja, que esses clíticos estão fora da estrutura de palavra. O autor desenvolveu um experimento em que compara o grau de aspiração de oclusivas e, para tanto, controlou estruturas de preposição e palavras iniciadas pela mesma sílaba, como em (1.54):

(1.54)

tu tunél
(em) (tunel)

tâ tâbestún
(até) (verão)

No persa, há graus de aspiração a depender da posição da oclusiva no interior da palavra. Em início de palavra, por exemplo, o grau de aspiração é sempre maior. Com base nessa informação, Hosseini (2012), por meio de estruturas como as expostas em (1.54), buscou verificar se a aspiração de proclíticos iniciados por oclusivas é menor que a aspiração de sílabas em início de palavra, considerando a hipótese de que o clítico é uma sílaba átona externa à estrutura da palavra.

O resultado da análise acústica, fundamentada em medidas de VOT (do inglês, *Voice Onset Time*) das sílabas de palavra e clíticos, mostrou que a aspiração dos proclíticos foi menor que a aspiração das sílabas em início de palavra. Segundo Hosseini (2012, p. 131), esse resultado indica que os proclíticos no persa não têm o mesmo funcionamento de sílabas em posição inicial de palavra. Portanto, os proclíticos persas, representados pela classe das preposições, são clíticos livres ligados diretamente à ϕ.

Após caracterização dos clíticos preposicionais, ressaltamos que o funcionamento dessa classe traz informações importantes para a organização prosódica também de outras línguas além do PB. Nesse aspecto, essa classe de clíticos mostra-se como um conjunto de dados interessante para a investigação prosódica. No próximo capítulo, grafias de segmentação em palavras envolvendo preposições monossilábicas serão trazidas como evidência de um funcionamento particular dessa classe de palavra, o qual permite formular hipóteses quanto ao seu funcionamento prosódico em PB.

C A P Í T U L O 2

PROSODIZAÇÃO DE CLÍTICOS PREPOSICIONAIS: PISTAS A PARTIR DE SEGMENTAÇÃO EM PALAVRAS

Neste capítulo, o objetivo principal é o de apresentar, a partir de um conjunto de grafias de segmentação em palavras, hipóteses sobre o funcionamento prosódico dos clíticos preposicionais do PB. Inicialmente, na seção 2.1, serão feitas considerações acerca das segmentações não convencionais de palavras, com atenção especial às grafias que envolvem, nas fronteiras de palavra, clíticos e sílabas pretônicas cujos segmentos podem ser considerados homófonos a clíticos. Partindo das hipóteses iniciais de pesquisas prévias, enfatizamos, como contribuição deste trabalho, a análise linguística das características que constituem as junções e as separações não convencionais e que permitem entender mais sobre a relação entre clítico e hospedeiro e, consequentemente, sobre a organização prosódica dos clíticos no Português.

Na seção 2.2, serão descritos o material a partir do qual foram selecionadas as grafias de segmentação em palavras e os procedimentos metodológicos adotados na análise dos dados. Na seção seguinte (2.3), que abordará a análise das grafias de hipossegmentação e de hipersegmentação, inicialmente apresentamos considerações gerais a respeito das sílabas átonas identificadas nas fronteiras não convencionais de palavras. De modo particular, a análise de cada tipo de segmentação não convencional de palavras será guiada pela caracterização do funcionamento dos elementos átonos (clíticos e sílabas pretônicas). No final da seção, as regularidades das hipossegmentações e hipersegmentações serão

contrastadas com os registros convencionais dos elementos átonos encontrados em textos do material analisado. Essa comparação possibilitará definir claramente o funcionamento dos clíticos preposicionais investigados.

Encerrando o capítulo, na seção 2.4, os resultados da análise dos dados de segmentação em palavras serão reunidos a fim de embasar a construção de hipóteses sobre a prosodização das preposições clíticas, tema a ser investigado no capítulo subsequente.

2.1. Clíticos e sílabas pretônicas em grafias de segmentação não convencional de palavras

Como objeto de análise, as segmentações não convencionais de palavras têm suscitado questões importantes à reflexão linguística. No cenário brasileiro, as pesquisas de Abaurre (1988, 1991), Abaurre e Cagliari (1985), Abaurre e Silva (1993) são referência para um conjunto de estudos recentes que abordam a relação das segmentações não convencionais de palavras com a organização prosódica do português e com características verbo-visuais que remetem à própria escrita (CHACON, 2004, 2005, 2006; CAPRISTANO, 2003, 2007; SERRA, 2007; TENANI, 2009, 2010, 2011, 2016; SILVA; TENANI, 2014, CAPRISTANO; TICIANEL, 2014, CUNHA 2004, 2010. CUNHA; MIRANDA, 2013 entre outros).

Neste trabalho, não apresentamos resenha exaustiva das pesquisas sobre segmentação não convencional de palavras, pois um exercício dessa natureza está feito, por exemplo, em Silva e Tenani (2014). Propomos, de modo específico, contextualizar três aspectos relevantes sobre o tema, a saber:

(i) Modos pelos quais a relação entre organização prosódica e características verbo-visuais da escrita se materializam nas segmentações não convencionais de palavras;

(ii) Tipos de material escrito em que ocorrem essas grafias e como eles se particularizam entre si; e

(iii) Propostas de interpretação das hipo e hipersegmentações envolvendo sílabas átonas, sejam elas clíticos (no caso das grafias hipossegmentadas), como "*concerteza*" (com certeza), sejam sílabas pretônicas de palavras (no caso de grafias hipersegmentadas), como "*de mora*" (demora).

A seleção desses três aspectos é fundamental, de modo amplo, para a análise a ser desenvolvida sobre as segmentações não convencionais a partir de produções escritas de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental (doravante, EF-II), e, de modo específico, para a investigação dos elementos átonos.

Iniciamos as considerações tomando, como ponto de partida, o trabalho de Capristano (2003), no qual a autora faz uma organização dos dados de segmentação não convencional de palavras em quatro funcionamentos distintos. Em dois deles, a autora observa: 1) segmentações não convencionais resultantes de oscilação entre constituintes abaixo do domínio da palavra fonológica na hierarquia prosódica (sílaba e pé) e informações sobre o código escrito institucionalizado; e 2) segmentações não-convencionais resultantes de uma maior percepção de constituintes acima do domínio da palavra fonológica na hierarquia prosódica e, talvez em menor grau, de informações sobre o código escrito institucionalizado (cf. CAPRISTANO, 2003, p. 97). Nesses dois funcionamentos, Capristano relaciona a estrutura das segmentações não convencionais com a estrutura dos constituintes prosódicos (segundo modelo de NESPOR; VOGEL, 1986), pois sua defesa é a de que os registros não convencionais têm respaldo em unidades

relevantes à estruturação dos sons. No Quadro 1, apresentamos alguns exemplos dados pela autora em que os limites das segmentações coincidem com limites de constituintes prosódicos (marcados por parênteses).

Quadro 1. Limites de segmentações não convencionais e limites de constituintes prosódicos

Domínio prosódico	**Grafia segundo a convenção**	**Grafia não convencional**	**Correspondência: grafia não convencional – domínio prosódico**
σ	Então	em tão	$(em)_{\sigma}$ $(tão)_{\sigma}$
Σ	Felisbina	feliz bina	$(feliz)_{\Sigma}$ $(bina)_{\Sigma}$
C	socorrê-la	socorela	$(socorela)_{C}$
ϕ	muito feliz	mutoveliz	$(mutoveliz)_{\phi}$
I	estava vendo [um monte] de homem	estavaveidodehomem	$(estavaveidodehomem)_{I}$
U	qual material que usa?	comariaodeuza	$(comariaodeuza)_{U}$

Fonte: elaboração própria, a partir de Capristano (2003)

Ao mesmo tempo em que os limites das hipo e hipersegmentações correspondem aos limites de constituintes prosódicos, a configuração das grafias apresentam simultaneamente relação com aspectos verbo-visuais da escrita. É o caso, por exemplo, das partes hipersegmentadas das palavras *então* e *Felisbina*, uma vez que *em*, *tão* e *feliz* correspondem a palavras escritas da língua.

Outro exemplo de como as pesquisas têm mobilizado aspectos da própria escrita para explicar as segmentações não convencionais de palavras é trazido do estudo de Tenani (2010). A análise da autora se volta para o tipo de letra que é eleito pelo escrevente para registrar fronteiras de hipo e hipersegmentação. Em se tratando da escolha entre o grafema <M> ou <N> para registro de coda nasal, nos casos de hipersegmentação, a eleição de <M> para registrar a posição final de sílaba, quando na convenção essa mesma sílaba é grafada com <N>, é interpretada como reconhecimento da regra ortográfica que prevê

<M> e não <N> para grafar sílabas em final de palavra (ex. *então* > *em tão*). Já nos casos de hipossegmentação, a escolha de <N> para representar o grafema convencional <M> em posição de fim de palavra é vista como indício de que o escrevente opera com a regra de registro de <N> em sílabas internas à palavra antes de consoantes distintas de <P, B> (ex. *com certeza* > *concerteza*).

Parte dos trabalhos anteriormente referidos, como os de Chacon (2004, 2005, 2006), Capristano (2003, 2007), Capristano e Ticianel (2014) e Serra (2007), desenvolvem suas análises a partir de textos de crianças no início da escolarização. Esses autores mostram, por meio das segmentações não convencionais de palavras, a complexidade da escrita infantil, na medida em que essas grafias revelam hipóteses sobre como pode ser a escrita de unidades linguísticas (como as de natureza prosódica, por exemplo). Nesses trabalhos, há um esforço teórico dos autores em demonstrar que as produções infantis não são "manifestações 'imperfeitas' de uma gramática 'adulta'" (ABAURRE; FIAD; MAYRINK-SABINSON, 1997, p. 18), senão fonte privilegiada de reflexão sobre a língua por parte da criança.

As pesquisas de Tenani (2009, 2010, 2011, 2016), por exemplo, analisam hipos e hipersegmentações em produções do EF-II. Por mais que o objeto investigado seja o mesmo, seu estatuto não é semelhante quando identificado no interior dos textos do começo em relação ao desenvolvimento da escolarização no EF-II. Se, por um lado, na chamada aquisição da escrita, as segmentações não convencionais são esperadas porque os escreventes ainda não estão "habituados à reflexão metalinguística que tal segmentação pressupõe" (ABAURRE; CAGLIARI, 1985, p. 27), por outro lado, no EF-II reconhecer os

limites convencionais de palavras deve ser um conhecimento consolidado.[31] Como consequência da perspectiva do que se espera da escrita de um escrevente do EF-II, as segmentações não convencionais de palavras deixam de ser grafias esperadas e passam a ser vistas, por determinadas abordagens, como erros ortográficos que denunciam problemas cognitivos relacionados a distúrbios específicos de escrita, como a disortografia[32]. Diante desse cenário, as pesquisas de Tenani (2009, 2010, 2011, 2016) e de Silva e Tenani (2014), sobre o EF-II, se distanciam dessa visão atrelada aos dados de segmentação não convencional de palavras, em favor de um tipo de análise que procura mostrar a complexidade da noção de palavra que é central na tarefa de segmentar um texto em palavras escritas. Em outros termos, os trabalhos apresentam dados que sustentam a interpretação de que a segmentação em palavras envolve conhecimentos linguísticos específicos que extrapolam a ideia de um conhecimento que deve ser delimitado (e atendido) dentro de um período específico de escolarização formal.

Além disso, em termos linguísticos, vale destacar as características que diferenciam as estruturas das segmentações não convencionais de palavras nas produções escritas de crianças e nos textos do EF-II. Silva (2011) fez a comparação das então 4ª e 8ª séries, com o objetivo de encontrar quais eram as diferenças nas grafias de segmentação em palavras. Como resultado, a autora observou que as segmentações não convencionais encontradas na 4ª série abrangiam, com frequência, a união entre duas palavras lexicais (i.e., nunca mais > "*nucamasi*") e a separação de sílabas átonas que não tinham correspondência com palavras

[31] Em documentos oficiais, como, por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008) e as Matrizes de Referência para a avaliação SARESP (2009), encontram-se indicações sobre os conteúdos e conhecimentos esperados de estudantes das diferentes etapas do Ensino Fundamental.

[32] Essa é uma postura comum na área da saúde, em pesquisas do ramo fonoaudiológico. Tenani (2016) faz uma discussão minuciosa e aborda as consequências dessa perspectiva para o entendimento de grafias não convencionais.

monossilábicas da língua (i.e., começo > "*co meço*"). Por sua vez, as grafias encontradas na 8ª série, tanto hipo quanto hipersegmentação, envolveram elementos átonos correspondentes a palavras escritas da língua (i.e., de repente > "*derrepente*" e agora > "*a gora*"). A conclusão a que se chega dessa comparação dialoga com a afirmação de Paranhos (2014, p. 108-109) sobre o fato de que

> alunos em aquisição da escrita parecem ter maiores dificuldades em decidir os locais para a colocação do espaço em branco, ao passo que os escreventes do EF II encontram maiores dificuldades em atribuir *status* de palavras (ou não) que certas partículas (átonas) – como as preposições 'de, em, com, etc.' – podem ter na escrita.

Na produção escrita do EF-II, os registros de hipo e hipersegmentação envolvem predominantemente clíticos e sílabas átonas interpretadas como clíticos, como mostra as análises de Tenani (2009, 2011, 2016), Silva (2014), Paranhos (2014) e Tenani e Fiel (2016). A seguir, apresentamos a forma em que os resultados dessas pesquisas são interpretados para a proposição de uma possível estrutura prosódica que estaria subjacente a essas fronteiras não convencionais de palavras.

As pesquisas de Tenani (2009, 2011) iniciaram uma linha de investigação voltada aos casos de hipossegmentação e de hipersegmentação do EF-II em que nas fronteiras estão presentes clíticos fonológicos, como "*enseguida*" (em seguida) e sílabas átonas de palavra, como "*em canto*" (encanto), por exemplo. A autora procura mostrar como esses registros deixam ver a complexidade no modo de organização de elementos átonos (clíticos/sílabas), a qual é marcada pela dificuldade em conceituar graficamente quando eles são elementos que constituem uma palavra (como uma de suas sílabas) e quando eles são unidades independentes que se relacionam com uma palavra.

Esse tipo de abordagem havia sido feito, anteriormente, pelos trabalhos sobre a escrita inicial de crianças (por exemplo, CAPRISTANO, 2003, 2007; CHACON, 2005,

2006; SERRA, 2007). Em relação aos trabalhos sobre segmentação de palavra no EF-I, Tenani (2009, 2011) buscou avançar na descrição sobre esse tipo de dado do EF-II tendo por norte a seguinte questão: "de quais constituintes prosódicos há evidências em dados de segmentação não convencional de palavras escritas por alunos do EF-II?" (TENANI, 2011, p. 94). Assim, ao descrever as estruturas das segmentações não convencionais envolvendo elementos átonos em comparação com as estruturas prosódicas que foram descritas segundo o modelo de Nespor e Vogel (1986), Tenani (2009, 2011) analisa que, nas hipossegmentações, há interpretação da cadeia fônica como uma unidade gráfica que corresponderia a uma potencial unidade lexical. Retomando a hipossegmentação "*enseguida*", exemplificada anteriormente, identifica-se que o clítico *em* não é interpretado como uma palavra gráfica, mas como uma sílaba pertencente à palavra *seguida,* de modo que a sequência *em seguida* passa a ser representada como uma única unidade. Fazendo relação com a organização prosódica, grafias com essa característica corresponderia, segundo a autora, a um C analisado como uma ω. No sentido contrário, na divisão de uma sílaba átona em relação ao restante da palavra (i.e., hipersegmentação), uma sequência fônica é analisada como duas unidades independentes, como, por exemplo, uma palavra como *embora* quando grafada "*em bora*", as duas partes resultantes da hipersegmentação são interpretadas como palavras independentes. Prosodicamente, as grafias de hipersegmentação corresponderiam a uma ω interpretada como um C.

Nessa aproximação entre estruturas de natureza gráfica e natureza prosódica, podemos observar, por meio das hipóteses sobre os limites de palavra escrita, em especial sobre limites de palavras funcionais átonas (preposição, pronome e conjunção), a imprecisão no estatuto dos clíticos e sílabas átonas de palavra, pois ora os clíticos são entendidos como parte de uma palavra escrita e ora sílabas internas de palavras são

entendidas como palavras funcionais clíticas. Quanto à prosodização dos clíticos, há problema semelhante no que diz respeito a definir qual é o estatuto do clítico e qual é a relação dessa sílaba átona com o seu hospedeiro, ou seja, definir se essas sílabas são ou não unidades átonas integradas à palavra hospedeira. Entendemos que a compreensão dessa relação permite melhor interpretar o lugar do clítico na estrutura prosódica.

Pesquisas posteriores estiveram orientadas pelas hipóteses interpretativas de Tenani (2009, 2011). Paranhos (2014), por exemplo, atesta que um clítico parece formar parte de uma palavra quando é hipossegmentado e parece ser uma palavra independente, como uma estrutura do tipo clítico e hospedeiro, quando é hipersegmentado. Silva e Tenani (2014) e Tenani (2016) propõem uma análise exclusiva de hipersegmentações. Em ambos os trabalhos, há descrição, a partir da organização métrica da palavra convencional, de como se caracteriza a estrutura da hipersegmentação, isto é, desde o número de sílabas da palavra, é observado como se dá a hipersegmentação. De modo geral, independentemente de quantas sílabas seja composta a palavra (trissílaba ou polissílaba), a sílaba pretônica foi a mais segmentada não convencionalmente, como em "*de mora"* (demora) e "*em cantado"* (encantado)[33]. A estrutura predominante da hipersegmentação, então, corrobora a interpretação de que uma ω tenha sido registrada como um C, como assim proposto em Tenani (2009, 2011).

Nos estudos apresentados, a imprecisão dos estatutos de sílabas átonas e clíticos fonológicos vista por meio dos registros gráficos acarreta em se considerar a pertinência dos constituintes prosódicos ω e C. Esse último, especialmente porque trata da formação específica de uma estrutura de clítico e hospedeiro, conforme propõem Nespor e Vogel

[33] Tanto Silva e Tenani (2014) quanto Tenani (2016) encontram hipersegmentações de palavras dissílabas, mas todas as palavras com essa estrutura foram hipersegmentada em duas sílabas, sem exceção, fato interpretado como evidência da atuação do pé métrico, nesses casos.

(1986). No capítulo anterior, procuramos mostrar como a admissão do C no conjunto de constituintes prosódicos é debatida, se tratando, pois, de uma questão teórica complexa aos trabalhos sobre escrita que buscam, na organização prosódica, uma interpretação linguística para os dados de segmentação não convencional de palavras.

No entanto, essa questão teórica envolvendo os clíticos não é desconhecida dos trabalhos com dados de escrita, pois como afirma Tenani (2016, p. 100), ao assumir uma noção de hierarquia prosódica que admite o C, não se está descartando a possibilidade "de se problematizar que (i) todos os sete domínios são universais linguísticos e (ii) a construção da hierarquia prosódica possa ser feita com base em princípios ou em restrições violáveis". Assim, reafirmamos a proposta de colocar em investigação se, de fato, grafias de clíticos que não atendem a convenção quanto aos limites de palavra dão pistas da prosodização das sequências de clítico e hospedeiro sob um domínio prosódico específico, ou se indiciam a prosodização dos clíticos em outros níveis da hierarquia prosódica.

Para tanto, voltamos esta análise para o funcionamento dos elementos átonos (clíticos e sílabas), com foco na natureza da relação que se constitui entre clítico e hospedeiro. Mais especificamente, buscamos verificar como a marca gráfica resultante da ausência ou da presença do espaço em branco permite extrair evidências do modo como o clítico se liga ao hospedeiro. Defendemos que as análises das hipo e hipersegmentações auxiliarão no entendimento da espacialização sintagmática dos elementos átonos e, ao possibilitar esse entendimento, permitirão analisar os critérios linguísticos subjacentes a quando tais elementos são considerados sílabas de uma palavra prosódica e quando são reconhecidos como unidades (clíticos) que constituem, por hipótese, um domínio maior.

2.2. Procedimentos metodológicos

Nesta seção, vamos tratar dos procedimentos metodológicos que envolvem a seleção dos textos escritos do EF-II, o estatuto linguístico do dado de escrita e a forma de análise dos resultados.

2.2.1. *Textos do Ensino Fundamental II*

As grafias de segmentação em palavras, a partir das quais será discutida a relação entre clítico e hospedeiro, foram retiradas de textos escritos produzidos por estudantes das séries finais do EF (antigas 5ª a 8ª séries e atuais 6º a 9º anos)[34]. Os textos são parte do "Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II" (TENANI, 2015), cuja constituição é resultado do projeto de extensão universitária "Desenvolvimento de Oficinas Pedagógicas de Leitura, Interpretação e Produção Textual", que foi credenciado e financiado pela Pró-Reitoria de Extensão da UNESP[35].

O processo de formação do banco de dados ocorreu de 2008 a 2011. Durante esse período, foi coletado 5.468 textos, organizados em amostra transversal (2.752 textos) e longitudinal (3.614 textos), decorrente do modo como foram desenvolvidas as atividades do projeto de extensão. Em 2008, primeiro ano de coletas de textos, participaram todos os alunos das quatro séries do EF-II. O conjunto desses textos é o que compõe a amostra transversal do banco. Do segundo ano de projeto em diante, foi acompanhada as

[34] Nesta tese, considera-se a nomenclatura série ao fazer referência à etapa final do Ensino Fundamental, pois os escreventes que produziram os textos analisados cursaram o Ensino Fundamental organizado em um regime seriado de oito anos e não de nove anos escolares, conforme é a vigência atual para esse nível de ensino.

[35] Desde 2015, as produções escritas do banco de dados estão disponibilizadas gratuitamente em: http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/efetuaLogin. A organização e informatização do banco de dados contaram com dois financiamentos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, identificados sob os processos 2009/14848-6 e 2013/14546-5.

produções textuais dos alunos que, em 2008, iniciavam o EF-II. Nessa dinâmica de trabalho, em 2009 participaram apenas os alunos da 6ª série; em 2010, os alunos da 7ª série; e, em 2011, os alunos da 8ª série. Junto dos textos da 5ª série, essas demais produções formam a amostra longitudinal do banco (cf. mais detalhes em TENANI; LONGHIN, 2014).

Dentre os textos do banco de dados, selecionamos uma amostra de 266 produções (compostas por um total de 34.269 palavras) escritas por 12 escreventes (sete meninos e seis meninas). Esse conjunto de textos faz parte da amostra longitudinal do banco e foi previamente analisado por Silva (2014). Nessa pesquisa, foi realizada uma análise descritiva de hipersegmentações de palavras, a fim de identificar regularidades linguísticas subjacentes a esses tipos de grafias. Nesta tese, adotamos a mesma amostra de textos, uma vez que os resultados da pesquisa anterior deixaram em aberto uma possível relação entre as hipersegmentações e o estatuto prosódico dos clíticos.

De acordo com Silva (2014, p. 92-94), a amostra de textos foi selecionada com base em dois critérios, um referente à quantidade de textos produzidos durante todo o EF-II, e outro relacionado à escrita de segmentação não convencional de palavras, a saber:

1. Escreventes que, na 5ª série, tenham produzido, de cinco a seis textos e, nas demais séries do EF-II, de três a seis textos; e
2. Escreventes que tenham produzido em todos as séries grafias de hipersegmentação em seus textos.

Tendo em vista o objetivo geral de investigação desta tese, dentro do conjunto de textos considerados por Silva (2014), foi realizado, também, o levantamento dos dados de hipossegmentação que tinham como característica a presença de clíticos preposicionais. Assim, foi feito o levantamento de dados dos dois tipos de segmentações não

convencionais de palavras, de modo a ser possível a comparação entre sílabas átonas internas e externas de palavra.

Como abordado no início deste capítulo, as segmentações não convencionais de palavras presentes nas produções escritas do EF-II têm como traço característico a presença de um clítico (ou possível clítico) fonológico nos registros de fronteiras fora das convenções ortográficas.

Em parte, atribuímos que esse traço característico das segmentações não convencionais aparece como resposta aos conteúdos gramaticais privilegiados no ensino de produção de textos nessa etapa final do EF. Dentre os conteúdos, pode ser citado o de construção de relações de subordinação, que exigem o emprego de conectores como preposições, por exemplo. As propostas textuais que guiaram a elaboração dos textos analisados tinham como preocupação o tratamento desses conteúdos previstos para o EF-II, pois, a pedido da escola em que se desenvolveu a coleta de textos, as propostas textuais deveriam contemplar as indicações da Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008) voltada à disciplina de língua portuguesa[36].

Chamamos atenção para a complexidade envolvida no emprego de uma preposição, uma vez que nessa tarefa está envolvida saber empregar sintagmaticamente elementos que, em termos de cadeia fônica, são idênticos. Por exemplo, é o caso de reconhecer que a sílaba *de* é uma preposição (palavra funcional) em *de repente*, diferente do *status* de parte da estrutura de palavra em *devagar*; e, também, saber reconhecer os sentidos e as funções das preposições no interior de diferentes construções sintático-semânticas, conhecimento que é

[36] Sobre os conteúdos previstos para o ensino de língua portuguesa nos anos finais do EF, conforme indicado na Proposta Curricular do Estado de São Paulo, apresentamos, no Anexo I, desta tese, um quadro expositivo dos conteúdos gerais a serem ensinados nessa etapa fundamental da escolarização.

importante para reconhecer que o elemento átono é uma preposição e não uma sílaba de palavra, como visto no exemplo dado.

Nesse cenário, entendemos que definir os limites gráficos de uma preposição coloca em interação informações sintáticas e prosódicas simultaneamente, sendo essa última informação importante à compreensão da prosodização do clítico junto a outros elementos da sentença. Portanto, o ato de segmentar um enunciado, não é restrito ao emprego de um recurso gráfico que delimita palavras na escrita, mas se trata de uma noção que é fundamental para a identificação e delimitação de unidades linguísticas. Considerando a relação entre clítico e sílaba átona, presente nos dados de escrita, a diferenciação de clíticos (proclíticos ao hospedeiro), em comparação a sílabas (pretônicas) de palavras, esbarra na dificuldade em segmentar a cadeia fônica e definir fronteiras entre clítico e unidades que estão internas à palavra (ver VIGÁRIO; FROTA; MARTINS, 2011).

A complexidade de conceituação das preposições já foi, em certa medida, sinalizada na literatura acerca dos dados de hipo e de hipersegmentação. Na pesquisa de Paranhos (2014), do total de grafias de hipersegmentação analisada, em 64,8% (35/54) a sílaba pretônica foi interpretada como uma preposição, como mostram os exemplos em (2.1), os quais permitem comparar sílabas pretônicas e clíticos preposicionais *em*, *na*, *de*, *com*.

(2.1)

então > “em tão”
naquela > “na quela”
demais > “de mais”
comprar > “com prar”

Paranhos (2014) constata que a preposição é também a categoria mais grafada quando ocorre ausência não convencional da fronteira gráfica (exemplos em (2.2)). Na mesma linha, Tenani e Fiel (2016) mostram que as preposições correspondem a 43,75%

das hipossegmentações em um conjunto de 96 ocorrências. O grande número de grafias motivadas pela preposição revela, em certa medida, sua complexidade linguística, pois, como mostraram os resultados quantitativos de Paranhos (2014), Silva (2014) e Tenani e Fiel (2016), escreventes no fim da escolarização fundamental têm mais dúvida em atribuir estatuto de palavra ortográfica a elementos átonos que podem ser ora sílabas pretônicas ora preposições monossilábicas.

(2.2)

em frente > "enfrente"
de repente > "derrepente"
com tudo > "comtudo"

Somada às considerações acerca do funcionamento morfossintático e gramatical das preposições do português (cf. capítulo anterior), justificamos, também, com base nas grafias não convencionais das preposições, a seleção dessa classe de palavra para a análise da relação entre clítico e hospedeiro a ser aprofundada. A seguir, tratamos do estatuto linguístico dos dados de segmentação não convencional de palavras.

2.2.2. *Considerações sobre o dado de escrita como um dado linguístico*

Nesta pesquisa, a análise dos dados de segmentação não convencional de palavras é mobilizada com o intuito de responder uma questão linguística. A premissa que sustenta essa afirmação está na base dos trabalhos em que mais diretamente embasam esta tese. Assumimos uma posição teórico-metodológica em relação às grafias que é decorrente de uma articulação entre: 1) uma visão de dados de escrita como um dado linguístico (ABAURRE, 1988, 1990, 1991, 1996; ABAURRE; FIAD; MAYRINK-SABINSON, 1997); 2) uma conceituação de escrita heterogênea, que não opõe fala e escrita (CORRÊA, 2001,

2004); e 3) a defesa de que a prosódia é parte integrante da gramática de uma dada língua (SONCIN; TENANI, 2015).

Os trabalhos de Abaurre (1988, 1990, 1991, 1996, entre outros) se particularizam no interior da Linguística por, de modo pioneiro, terem dado destaque às grafias encontradas no início da chamada aquisição da escrita, em especial àquelas caracterizadas pela distância em relação às normas da escrita padrão. Embora essa autora tenha tratado, como mencionado, da escrita inicial de crianças, sua forma de abordar e conceber os dados de escrita, em particular os não convencionais, não se restringe a um período específico. Na verdade, as formulações de Abaurre se aplicam à investigação linguística ao tratar da relação sujeito-linguagem. Dessa perspectiva, vemos as segmentações não convencionais investigadas como dados que podem revelar o funcionamento da língua e mais: a partir da configuração dessas grafias, questões importantes podem ser levantadas, de modo a esses dados "vir a constituir-se em fonte de renovação epistemológica para a própria teoria linguística" (ABAURRE, 1996, p. 112). Referente ao tema que nos toca nesta tese, consideramos que as segmentações de palavras podem fornecer pistas quanto ao funcionamento dos clíticos em Português.

Junto dessa abordagem sobre os dados de escrita, assumimos a concepção de Corrêa (2001, 2004) sobre a constituição da escrita pela complexa relação entre fala e escrita. Segundo o autor, a escrita é heterogeneamente constituída pelo "encontro entre as práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, considerada a dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido" (CORRÊA, 2004, p. 9). Nessa definição de escrita, Corrêa (2004) busca aproximar fala e escrita e dar a esses fatos linguísticos o estatuto de modos de enunciação, o que, em outras palavras, coloca a fala e a escrita no mesmo patamar, ou seja, a de que ambas são manifestações de uma mesma língua (embora realizadas em semioses

diferentes). Portanto, na perspectiva proposta por Corrêa e adotada neste trabalho, fala e escrita não se opõe ou estabelecem qualquer relação de interferência, pois ambas interagem de tal modo nas práticas sociais em que não é possível estabelecer um limite entre o que é exclusivamente escrito e o que é exclusivamente falado. Assim, compartilhamos da afirmação de Corrêa (2001, p. 142) acerca do fato de que "é sempre o produto do trânsito entre práticas sociais orais/faladas e letradas/escritas que nos chega como *material de análise* do modo de enunciação oral e do modo de enunciação escrito" (destaque nosso). Na materialidade do texto escrito, muitas informações de natureza linguística-discursiva permitem observar a heterogeneidade constitutiva da escrita. Nesse sentido, o aspecto fonológico da língua é um dos aspectos constitutivos da escrita, mas não o único. Portanto, ao selecionarmos a investigação da organização prosódica dos clíticos preposicionais, fazemos um recorte do modo como a heterogeneidade da escrita pode ser apreendida.

Por fim, a terceira noção adotada é a de que os aspectos prosódicos estão representados no sistema linguístico, como defendido por Soncin e Tenani (2015). As autoras partilham da perspectiva de que a fala e a escrita são modos pelos quais é possível se enunciar em uma língua. Em outras palavras, essas autoras concebem que a prosódia é parte integrante da língua, a qual é materializada tanto por meio da fala quanto por meio da escrita. A partir dessa noção de língua, apropriada da abordagem de Corrêa (2004), Soncin e Tenani (2015) defendem que a prosódia não está desvinculada dos registros escritos, sejam eles convencionais ou não convencionais, já que é

> a mesma língua que se tem como referencial seja quando se escreve um texto, seja quando se conta uma história numa conversa entre amigos. Em outras palavras, a língua é a mesma no uso da escrita ou da fala (SONCIN; TENANI, 2015, p. 476).

Para este trabalho, a articulação das concepções presentes em Abaurre (1988, 1990, 1991, 1996), Corrêa (2001, 2004) e Soncin e Tenani (2015) permite justificar a maneira

como dados de escrita é considerado um material relevante para a investigação linguística, de modo que sua análise não se restringe somente a fatos de natureza pedagógica, por exemplo. Soma-se, como consequência dessa base teórico-metodológica, que é possível, também, estabelecer um distanciamento em relação a qualquer olhar depreciativo sobre os dados de segmentação de palavras, que os venham a considerar simplesmente erros ortográficos, resultado de falta de atenção ou de capacidade cognitiva do aluno do EF II.

Estabelecidas as bases teóricas que sustentam a perspectiva de análise adotada, passamos à caracterização da forma de análise dos dados de escrita.

2.2.3. *Forma de análise dos dados*

A análise das segmentações não convencionais de palavras será dividida em quatro etapas. Na primeira delas, será desenvolvida uma descrição das grafias, tendo por eixo norteador a observação do tipo de classe de palavra que se encontra na fronteira não convencional e do tipo de sílaba átona correspondente às preposições do PB, as quais caracterizam os dados de hipo e hipersegmentação identificados. Nessa etapa, pois, serão verificadas possíveis associações:

1. Entre preposições e outras classes de palavras funcionais e as grafias de hipo e hipersegmentação; e
2. Entre os tipos de preposições identificadas e as ocorrências de segmentação não convencional de palavras.

Por meio da consideração de ambas as associações, tencionamos averiguar se a natureza da classe de palavra e de determinados tipos de preposições átonas interfere sobre a forma não convencional de segmentação em palavras.

A segunda e a terceira etapa da análise de dados abordarão, respectivamente, as regularidades da hipossegmentação e da hipersegmentação. O ponto central a ser investigado consistirá na relação entre preposição e palavra, por um lado, e sílaba átona e restante da palavra, por outro lado.

Para tanto, as hipossegmentações, em particular, serão analisadas tendo em vista aquilo que será denominado como dois planos de funcionamentos morfossintáticos, a saber:

a. Funcionamento *específico*, que se define pela relação que há entre clítico e hospedeiro (i.e., entre preposição e palavra: *de novo* e *de correr*, por exemplo); e
b. Funcionamento *abrangente*, que abarca a sequência de clítico e hospedeiro na construção da sentença em que ocorrem (i.e., como funciona a estrutura composta por preposição e palavra no interior da sentença).

Por sua vez, nas hipersegmentações, o ponto de partida será a configuração desse tipo de dado, em busca da caracterização do funcionamento da sílaba correspondente a um clítico preposicional. Será analisada a posição da sílaba átona hipersegmentada (pretônica ou postônica) e o tipo de informação linguística presente tanto sobre essa sílaba quanto na relação entre ela e o restante da hipersegmentação.

Na etapa final da análise, os registros convencionais dos clíticos preposicionais e das sílabas de palavra serão considerados para fins de uma análise comparativa com as grafias não convencionais. Nosso propósito é mostrar que o confronto entre os tipos de grafias permite, de modo mais claro, caracterizar o funcionamento dos elementos átonos investigados. Em outros termos, os registros convencionais ganham destaque nesta discussão, pois será em função da contraposição com os registros não convencionais, que o funcionamento dos clíticos preposicionais e sílabas de palavra serão claramente

explicitados. Assim, na comparação entre hipossegmentação e convenção, o alvo será a avaliação dos planos de funcionamento morfossintáticos dos clíticos preposicionais. Já na comparação entre hipersegmentação e convenção, o ponto de cotejamento será a posição das sílabas átonas em relação à porção restante da palavra (i.e., pretônica ou postônica).

Como realizado na primeira etapa da análise, essas comparações serão guiadas pela verificação da existência (ou não) de associações entre:

1. Funcionamento morfossintático das preposições e tipos de segmentação em palavras (convencional e hipossegmentado); e
2. Posição da sílaba átona dentro da palavra e tipos de segmentação em palavras (convencional e hipersegmentado).

Todas as comparações passarão por tratamento estatístico, por meio da aplicação de testes de independência, os quais se destinam à verificação de associações entre variáveis de natureza qualitativa nominal[37], como as investigadas nesta pesquisa (cf. RILLO, 1997; COSTA NETO, 2002). Dessa maneira, será utilizado o teste Qui-quadrado e, nos casos em que as condições não permitam a sua realização, será aplicado o teste exato de Fisher[38].

Nos contextos em que forem verificadas associações entre as variáveis, será medido o nível dessa associação, ou seja, se alto ou se baixo. Para essa verificação, será adotado o coeficiente de contingência de Pearson, o qual é voltado para associações entre variáveis qualitativas (BUSSAB; MORETTIN, 2002, p. 80). Os valores desse coeficiente variam entre 0 e 1, sendo que os valores próximos a zero indicam associação baixa e os valores próximos a um sinalizam nível alto de associação.

---

[37] Variáveis qualitativas nominais se definem pela organização dos dados por categorias, as quais, por sua vez, não apresentam uma relação de ordenação entre si.

[38] A condição para aplicação do teste Qui-quadrado é a de que os valores esperados sejam maiores que 5. Quando os dados não atendem a esse requisito, recomenda-se, então, a aplicação do teste de Fisher.

Ainda para avaliar a relação entre preposição e segmentações não convencionais de palavras, outra medida de associação aplicada será o Risco[39]. O Risco corresponde à probabilidade de um evento ocorrer na presença de uma determinada condição. Desse modo, será observado se a presença de uma preposição, em relação à presença de outras classes de palavra, propiciaria maiores dificuldades para a tarefa de segmentar em palavras.

Na execução dos procedimentos estatísticos, foi utilizado o *software* Minitab 17, adotando-se, sempre, nível de significância de 5% (α= 0,05) e nível de confiança de 95%.

2.3. Análise de dados: regularidades, problemas e hipóteses

2.3.1. *Descrição geral dos resultados*

Na Tabela 1, expomos, em valores absoluto e percentual, a distribuição das ocorrências de segmentação não convencional de palavras, encontradas no conjunto de 266 textos analisados.

Tabela 1. Distribuição das segmentações não convencionais de palavras pelo tipo de classe de palavra

Classe de palavra	**Segmentação não convencional**		**Total** (%)
	Hipo (%)	**Hiper** (%)	
Preposição	33 (15,13)	50 (22,93)	83 (38,07)
Outras classes	72 (33,03)	63 (28,91)	135 (61,93)
Total (%)	**105** (48,16)	**113** (51,84)	**218** (100,00)

Fonte: elaboração própria

Das informações da tabela acima, destacamos que, no geral, foram identificadas 218 grafias não convencionais de segmentação em palavras, sendo 113 hipersegmentações e

[39] A grafia com letra maiúscula se justifica pelo fato de, nesse contexto, a palavras *risco* estar sendo empregada para se referir a um conceito matemático.

105 hipossegmentações, as quais envolviam todo o tipo de classe de palavra nas fronteiras não convencionais. Em particular, os casos de segmentação envolvendo um clítico ou possível clítico preposicional correspondeu a um total de 83 dados. Os casos de hipossegmentação, correspondente às junções de um clítico preposicional, como em "poriso" (*por isso*) foram de 33 grafias. Já os dados de hipersegmentação de sílaba átona correspondente a uma preposição clítica, como em "na quele" (*naquele*), foram de 50 grafias.

A fim de verificar se o tipo de classe de palavra (preposição e outras classes) estava associado ao tipo de segmentação não convencional de palavras (hipo e hipersegmentação), foi realizada a aplicação do teste não paramétrico Qui-quadrado. Ao se investigar associação entre dados, buscamos verificar se as variáveis se relacionam ao acaso ou apresentam uma relação estatisticamente significativa. O resultado do teste é apresentado na Tabela 2.

Tabela 2. Associação entre classe de palavra e tipo de segmentação não convencional de palavras

Classes de palavra	**Segmentação não convencional**		χ^2 (valor crítico 3,841)	**valor-p**
	Hipo	**Hiper**		
Preposição	33	50	3,793	0,051
Outras classes	72	63		
Total	**105**	**113**		

Fonte: elaboração própria

O resultado estatístico mostra que não há associação entre as classes de palavra e os tipos de segmentação não convencional (com valor de χ^2 menor que o valor crítico de 3,841 e $p = 0,051$), ou seja, a classe de palavra não interfere sobre a forma de segmentar. No entanto, sem desconsiderar esse resultado, propusemos uma nova associação entre

classe de palavra e tipo de segmentação não convencional, tendo por base uma nova distribuição dos dados encontrados, a qual retirou da contagem geral:

a. 53 hipossegmentações da forma "*agente*" (*a gente*, em substituição da forma pronominal de primeira pessoa do plural *nós*). Decidimos pela exclusão desses casos, em decorrência de essa hipossegmentação sinalizar para uma particularidade da estrutura linguística *a gente* e não para a classe de palavra artigo a qual pertence o clítico *a*. Portanto, a presença desses dados não corrobora para o tipo de associação entre classes de palavra e tipos de segmentação não convencional de palavras.
b. 15 hipersegmentações que envolveram hífen como marca de construções enclíticas, por exemplo, "*estava-mos*" (estávamos) e separações cujas estruturas foram maiores que a sílaba, como em "*contra bando*" (contrabando), em que cada parte da hipersegmentação correspondeu a duas ωs. Conforme explicado na introdução desta tese, esses tipos de hipersegmentação extrapolam os objetivos de investigar a relação entre grafias de segmentação em palavras e funcionamento prosódico dos clíticos. Desse modo, excluímos, do levantamento das hipersegmentações, os casos envolvendo hífen em relações enclíticas e unidades que não corresponderam a clíticos fonológicos.

Justificada as exclusões de alguns tipos de grafias, restaram 52 junções e 98 separações, obtendo um novo total de 150 grafias de segmentação não convencional de palavras. Na Tabela 3, a seguir, são apresentados esses valores. Destaca-se que os casos de segmentação envolvendo preposição representaram 55,33% do total de grafias nesse subconjunto de dados.

Tabela 3. Nova distribuição das segmentações não convencionais de palavras pelo tipo de classe de palavra

Classe de palavra	**Segmentação não convencional**		**Total** (%)
	Hipo (%)	**Hiper** (%)	
Preposição	33 (22,00)	50 (33,33)	83 (55,33)
Outras classes	19 (12,66)	48 (32,00)	67 (44,66)
Total (%)	**52** (34,66)	**98** (65,33)	**150** (100,00)

Fonte: elaboração própria

Com base nessa nova distribuição das grafias não convencionais em análise, foi refeito o teste Qui-quadrado, com objetivo de examinar se haveria, então, associação entre classes de palavra e segmentação não convencional de palavras. O resultado é apresentado na Tabela 4, abaixo:

Tabela 4. Nova associação entre classe de palavra e tipo de segmentação não convencional de palavras

Classes de palavra	**Segmentação não convencional**		χ^2 (valor crítico: 3,841)	**valor-p**
	Hipo	**Hiper**		
Preposição	33	50		
Outras classes	19	48	2,127	0,144
Total	**52**	**98**		

Fonte: elaboração própria

O resultado do teste Qui-quadrado (com valor de χ^2 menor que o valor crítico de 3,841 e $p = 0,144$), a partir da nova contagem dos dados, aponta que as variáveis classes de palavra e tipos de segmentação não convencional de palavras não estão associadas. Embora o resultado estatístico indique que as variáveis classe de palavra e tipo de segmentação não estão relacionadas, reiteramos que as preposições apresentam funcionamento linguístico complexo, o qual, em certa medida, está registrado por meio das ocorrências de hipo e hipersegmentação. A seguir, na análise de cada uma dessas grafias, pretendemos demonstrar essa afirmação. Porém, antes de ser desenvolvida essa etapa, foi calculado o

Risco de ocorrer uma segmentação não convencional envolvendo preposição em comparação ao Risco de acontecer uma segmentação não convencional envolvendo outras classes de palavra. Como já informado, o Risco consiste na probabilidade de ocorrência de um evento (variável resposta) na presença de uma determinada condição (variável fator de risco). No que se refere a esta investigação, consideramos como variável resposta as grafias de hipo e hipersegmentação (segmentação não convencional) e as classes de palavra (preposição e outras) como fator de risco. Além da probabilidade particular de ocorrência, consideramos, também, o Risco Relativo, que consiste em "uma razão na qual comparamos as probabilidades de um nível da variável resposta dentro dos dois níveis da outra variável que, no caso, é a variável fator de risco" (cf. RILLO, 1997, p. 8).

Assim, a probabilidade (Risco) de ocorrer uma *hipossegmentação com preposição* (i.e., 33/83 – ver Tabela 3) é 0,40 e a probabilidade de ocorrer uma *hipossegmentação envolvendo outras classes* de palavra (i.e., 19/67) é de 0,28. Consequentemente, o Risco Relativo de ocorrer hipossegmentação na presença de preposição é 1,4 vezes a de ocorrer em outras classes gramaticais. Já a probabilidade de ocorrer uma *hipersegmentação com preposição* (i.e., 50/83) é de 0,60 e a probabilidade de ocorrer uma *hipersegmentação envolvendo outras classes* de palavra (i.e., 48/67) é de 0,72. O Risco Relativo, nesse caso, de ocorrer hipersegmentação quando está envolvida uma sílaba correspondente a uma preposição é de 0,83 vezes a de ocorrer com outras possíveis classes de palavras.

Com base nesses resultados, nota-se que a probabilidade de uma preposição estar envolvida em uma grafia não convencional de segmentação em palavras é sempre maior do que a de acontecer essas grafias com outras classes de palavras gramaticais. Esse resultado apoia, pois, que, em comparação a outras classes de palavras, as preposições favorecem segmentações não convencionais de palavra.

Dando atenção exclusiva aos dados de segmentação não convencional com a presença de elementos preposicionais, passamos a tratar do tipo de preposição/sílaba átona que foi encontrado nos limites não convencionais. Observamos que os elementos átonos encontrados coincidem a oito preposições monossilábicas do português, são elas: *de*, *em*, *com*, *por*, *na*, *da*, *do*, *pra*[40].

Na Tabela 5, é explicitada a distribuição dessas preposições (e sílabas homófonas) entre as grafias de hipo e de hipersegmentação:

Tabela 5. Elementos átonos (preposição/sílaba de palavra) identificados nas fronteiras de segmentação não convencional de palavras

Elemento átono	**Segmentação não convencional**		**Total** (%)
	Hipo (%)	**Hiper** (%)	
de	11 (13,25)	24 (28,91)	35 (42,16)
em	6 (7,22)	9 (10,84)	15 (18,07)
com	5 (6,02)	7 (8,43)	12 (14,45)
por	7 (8,43)	0 (0,00)	7 (8,43)
na	1 (1,20)	4 (4,81)	5 (6,22)
da	0 (0,00)	4 (4,81)	4 (4,81)
pra	3 (3,61)	0 (0,00)	3 (3,61)
do	0 (0,00)	2 (2,40)	2 (2,40)
Total (%)	**33** (39,75)	**50** (60,24)	**83** (100,00)

Fonte: elaboração própria

A partir dos dados da Tabela 5, é possível ver que não são todos os elementos átonos que ora foram registrados como um clítico e ora interpretadas como parte de palavra, ou seja, nem todo clítico (ou possível clítico) preposicional foi encontrado em grafias de hipo e de hipersegmentação. Por exemplo, os itens *por* e *pra* só foram verificados em casos de hipossegmentação (cf., respectivamente, (2.3) e (2.4)[41]) e os itens *da* e *do* apenas

[40] Não foram contadas as contrações de preposição e artigo (*da, do, na*) como uma variação da mesma preposição, mas como uma ocorrência distinta de preposição, uma vez que ocorrências da preposição *de* em dados de fala é muito maior do que a ocorrência das formas *da* e *do*, por exemplo (MARCATO, 2013).
[41] Todos os exemplos que serão apresentados seguirão a ortografia original dos textos manuscritos.

foram identificados em ocorrências de hipersegmentação (cf., respectivamente, (2.5) e (2.6)).

(2.3)

"Mais **porenquanto** é só, me manda uma carta! Estou com saudades".

Texto: Z08_5A_10F_04[42]

(2.4)

"Então eu fui chutar, e na hora que chutei: pisei no cadarço e chutei **prafora**".

Texto: Z09_6A_10M_02

(2.5)

"Eu pesso mil desculpas **da quele** dia em que eu peguei aqueles jogos".

Texto: Z09_6B_26M_07

(2.6)

"a nona da casa falou que ela tinha a parecido no ano novo **qual do** tava os fogos".

Texto: Z09_6B_4M_04

Por um lado, é possível interpretar que *por* e *pra* foram exclusivamente hipossegmentados em função da estrutura que foi formada com a união do clítico à palavra: uma unidade que, embora composta de dois elementos, se configura em um único sentido. Essa característica será retomada a seguir, quando serão tratadas as estruturas das hipossegmentações. Por outro lado, as sílabas *da* e *do* tenderam a ser reconhecidas como palavras escritas em razão da alta ocorrência dessas preposições nos enunciados falados[43] e

[42] Essa sigla representa a codificação dos textos do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II. Separadas pelo sinal gráfico (_), cada bloco representa as seguintes informações: (escola/ano letivo) _(série/turma)_(sujeito/sexo)_(proposta de texto). Desse modo, a sequência "Z08_5A_10F_04", por exemplo, é lida como: escola Zulmira, ano de 2008; 5ª série, turma A; aluno 10, sexo feminino; proposta de texto número 4.

[43] Com base no estudo descritivo do comportamento prosódico de preposições monossilábicas na variedade falada no noroeste paulista (mesma variedade falada pelos escreventes que redigiram os textos analisados) realizado por Marcato (2013), foi possível constatar que a preposição *da* teve 1.062 ocorrências e preposição *do* teve 1.028 ocorrências. Vale ressaltar, que a autora analisou, no total, 12.896 ocorrências de preposições monossilábicas do português. Desse modo, do valor geral analisado, as preposições, *da* e *do* corresponderam, respectivamente, a 08,24% e 09,97%.

também pela baixa ocorrência de palavras do português iniciadas por essas sílabas[44]. Desse modo, o estatuto das unidades *da* e *do* estaria mais relacionado, segundo revelam as grafias, à função dessas sílabas como preposição e menos como sílaba de palavra.

Ainda sobre as informações da Tabela 5, fazemos o destaque de que ambos os tipos de segmentação não convencional envolveram os itens *de*, *em* e *com*, como mostrado de (2.7) a (2.9). Juntas, essas sílabas apareceram em 74,69% (62/83) das ocorrências não convencionais, percentual bastante alto, o qual será retomado mais à frente, quando da elaboração de testes experimentais envolvendo dados de fala. De acordo com as descrições gramaticais encontradas em Neves (2000) e Raposo e Xavier (2013) *de*, *em* e *com* são as preposições mais presentes em construções sintáticas no português, fato que, de certa forma, é marcado quantitativamente nos dados de hipo e hipersegmentação encontrados.

(2.7)

a. hipossegmentação envolvendo a preposição *de:*

"Ai **denoite** meu irmão foi na casa vizinha pegar um coxão".
Texto: Z09_6B_4M_04

b. hipersegmentação envolvendo a sílaba *de:*

"Eu amo **de mais** o meu Best (melhor), ele é um amor de pessoa".
Texto: Z11_8B_05F_01

(2.8)

a. hipossegmentação envolvendo a preposição *em:*

"Bom vamos **enfrente**. O meu terceiro desejo é: comprar coisas maravilhosas na Europa".
Texto: Z08_5C_39F_03

b. hipersegmentação envolvendo a sílaba *em:*

"**Em quanto** isso Juvencio entrou numa caverna dentro do vucão".
Texto: Z08_5B_30M_01

[44] Essa interpretação está alicerçada em um levantamento de palavras do português feito com base no repositório *Portal da Língua Portuguesa*, disponível em: http://www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=fonetica&act=list. Nesse levantamento, encontramos 82 palavras iniciadas pela sílaba *do* e 62 palavras iniciadas pela sílaba *da*.

(2.9)

a. hipossegmentação envolvendo a preposição *com:*

"Eu queria mora la na bera do mar com uma casa **comtudo** carros campo pesinas e mais coisas".

Texto: Z08_5C_09M_03

b. hipersegmentação envolvendo a sílaba *com:*

"a minha prima nos fica **com versando** ela chama eu para sai dodas as sextas-feiras".

Texto: Z11_8B_13M_01

Em suma, alguns elementos átonos foram pouco frequentes, no sentido de que ocorreram apenas em um tipo de segmentação não convencional e em poucas ocorrências, enquanto outra parte dos elementos identificados ocorreu tanto hipo e quanto hipersegmentado e em maior número de ocorrências. Em razão dessa constatação sobre a frequência dos elementos átonos presentes nas grafias de segmentação não convencional, decidiu-se fazer um agrupamento dos elementos menos frequentes e manter, separadamente, as sílabas *de*, *em* e *com*, para verificação de possível associação entre o elemento átono e os tipos de segmentação não convencional. O objetivo é observar se algumas das sílabas átonas seriam mais propensas de serem grafadas fora da convenção ortográfica. Para tanto, foi feita a aplicação do teste Qui-quadrado, cujo resultado é exposto na Tabela 6, a seguir.

Tabela 6. Associação entre tipo de elemento átono e tipo de segmentação não convencional de palavras

Elemento átono	**Segmentação não convencional**		χ^2 (valor crítico: 7,815)	**valor-p**
	Hipo	**Hiper**		
de	11	24		
em	6	9		
com	5	7	2,430	0,488
outros elementos	11	10		
Total	**33**	**50**		

Fonte: elaboração própria

O resultado do teste de hipótese não apoia que o tipo de elemento átono esteja associado ao tipo de segmentação.

Por fim, a partir dos resultados quantitativos ora apresentados, destacamos duas informações, a partir das quais fundamentamos uma interpretação quanto à forma de organização dos clíticos, a qual será desenvolvida nas seções posteriores. Sobre a primeira delas, comentamos o tipo de segmentação mais comum: as hipersegmentações. A conclusão imediata desse resultado é a de que as sílabas átonas homófonas tendem a ser interpretadas mais como externas à palavra do que como parte interna. Em termos prosódicos, hipotetizamos, nessa configuração de delimitação da sílaba átona como clítico, um possível funcionamento dos clíticos preposicionais que teria uma natureza mais independente quando ligado às palavras adjacentes (potencial "hospedeiro"). Essa interpretação sobre as hipersegmentações ganha mais sustentação quando a comparamos ao tipo de hipossegmentação encontrado no córpus.

Nas hipossegmentações, foi observado que um clítico preposicional é unido graficamente à palavra apenas quando clítico e palavra apresentam uma estrutura locucional, do tipo *por enquanto*. Em outras palavras, a estrutura formada pela hipossegmentação é bastante distinta daquelas encontradas nas hipersegmentações, pois os casos em que os clíticos são interpretados como sílabas de palavra foram bastante específicos, revelando que a dificuldade maior se concentra em grafar apenas determinadas estruturas linguísticas. Assim, com base na análise iniciada por Tenani (2009), consideramos a premissa de que um clítico é integrado à palavra, quando hipossegmentado ao seu hospedeiro; e que uma sílaba pretônica segmentalmente idêntica a um clítico foi interpretado como uma unidade prosódica que está fora da palavra (ortográfica).

Desse modo, o traço comum de emprego não convencional da fronteira gráfica que delimita palavra escrita adquire diferenças linguísticas importantes por meio do modo como se materializa na hipo e na hipersegmentação: na primeira se marca pela ausência e na segunda, pela presença. Essa informação, que diferencia cada uma das formas não convencionais, é relevante não só por permitir particularizar os usos não convencionais dos espaços gráficos, mas também porque permite compreender as informações linguísticas que motivariam mais diretamente hipo e hipersegmentação. Assim, a análise da relação entre a forma átona (clítico e sílaba de palavra) e a forma acentuada (palavra e possível palavra) será dirigida pela configuração das grafias de segmentação não convencional de palavras, de maneira em que o registro gráfico do espaço em branco será tomado como pista das regularidades linguísticas que estão mais próximas de cada tipo de segmentação não convencional, as quais auxiliarão na compreensão do funcionamento prosódico dos clíticos preposicionais.

Na sequência, serão discutidos os dados de junção envolvendo as preposições.

2.3.2. *Regularidades das grafias de hipossegmentação*

As hipossegmentações dão indícios de que os clíticos estabelecem com o hospedeiro uma relação mais interna, semelhante à de sílabas integradas a uma palavra (TENANI, 2009). Essa afirmação está alicerçada: (i) pela configuração métrica da unidade que é formada a partir da união entre o clítico e o hospedeiro; e (ii) pelo funcionamento morfossintático da estrutura hipossegmentada.

Para desenvolver o primeiro ponto, expomos, no Quadro 2, uma comparação entre a estrutura métrica (observada em termos de sílabas fracas e fortes) das sequências convencionais de clítico e hospedeiro e a das originadas pela hipossegmentação:

Quadro 2. Organização métrica da palavra convencional e da grafia de hipossegmentação

Estrutura convencional e organização métrica	**Hipossegmentação e organização métrica**
de novo $((\bullet)_{\sigma}(* \ \bullet)_{\omega})_{D}$	"denovo" $(\bullet \ * \ \bullet)_{\omega}$
com tudo $((\bullet)_{\sigma} \ (* \ \bullet)_{\omega})_{D}$	"comtudo" $(\bullet \ \ * \ \bullet)_{\omega}$
em frente $((\bullet)_{\sigma} \ (* \ \bullet)_{\omega})_{D}$	"enfrente" $(\bullet \ * \ \bullet)_{\omega}$
com certeza $((\bullet)_{\sigma} \ (\bullet \ * \ \bullet)_{\omega})_{D}$	"concerteza" $(* \ \bullet \ * \ \bullet)_{\omega}$
por enquanto $((\bullet)_{\sigma} \ (\bullet \ \ * \ \bullet)_{\omega})_{D}$	"porenquanto" $(* \ \bullet \ * \ \bullet)_{\omega}$ [45]

Fonte: elaboração própria

Comparando a sequência de sílabas fracas e fortes das estruturas convencionais e a mesma sequência nas hipossegmentações, é possível notar como, nos registros não convencionais, os clíticos podem ser interpretados como parte da estrutura rítmica que envolve as palavras enquanto uma de suas sílabas pretônicas, pois as sílabas átonas externas (primeira coluna) se integram à estrutura da palavra em (segunda coluna). As hipossegmentações "*denovo*", "*comtudo*" e "*enfrente*" apresentaram estrutura semelhante ao de uma palavra trissílaba, cuja estrutura é bastante comum no PB (sequência "fraca/forte/fraca"), vista, por exemplo, em palavras prosódicas como *encontro* e *conforme*. As outras hipossegmentações, como "*concerteza*" e "*porenquanto*", exibem a estrutura de uma palavra polissílaba, do tipo visto em *preguiçoso* e *excelente*. Especificamente, na grafia "*porenquanto*" (por enquanto), a evidência de que o clítico se torna uma sílaba integrada à

[45] A possibilidade de estrutura $(* \bullet * \bullet)_{\omega}$ apresentada para as hipossegmentações "*concerteza*" e "*porenquanto*" é dada em função de a sílaba pretônica poder receber um acento secundário, conforme algoritmo de atribuição de acento secundário do PB (cf. COLLISCHONN, 1994).

palavra *enquanto* é reforçada pelo processo de ressilabificação, presente na fala, da consoante do clítico que está na posição de coda e passa a fazer parte do ataque de uma nova sílaba, conforme a estrutura: $((po)_{\sigma}\,(\mathbf{r}en)_{\sigma}\,(quan)_{\sigma}\,(to)_{\sigma})_{\omega}$.

Para reforçar essa pista de que organização métrica das hipossegmentações indicia o funcionamento do clítico como uma sílaba interna, passamos a abordar a característica morfossintática das hipossegmentações encontradas, segundo aspecto relevante da análise.

A união do clítico ao hospedeiro originou, exclusivamente, estruturas que funcionam tanto morfossintática quanto semanticamente como uma *locução*. Vale esclarecer que essa noção é entendida enquanto "um grupo de palavras que pode corresponder a uma única palavra" (ILARI et.al., 2015, p. 290), ou seja, uma estrutura tem natureza locucional quando os elementos envolvidos precisam necessariamente estar juntos para que determinada função ou sentido seja cumprido. De (2.10) a (2.15), exemplificam-se casos de hipossegmentação em que se tem uma estrutura locucional veiculada a diferentes funções sintáticas:

(2.10)

hipossegmentação de uma estrutura com função adverbial de afirmação:

"se á partir de agora deste ano fossemos 'imortais', **concerteza** eu encontraria algum jeito de me matar!"

Texto: Z10_7D_04F_01

(2.11)

hipossegmentação de uma estrutura com função adverbial de frequência:

"a gente se recontrou e fico **denovo** numa festa do meu primo".

Texto: Z10_7A_28F_05

(2.12)

hipossegmentação de uma estrutura com função adverbial de julgamento, opinião:

"o cigarro **pramim** é uma droga".

Texto: Z11_8B_13M_06

(2.13)

hipossegmentação de uma estrutura com função adverbial de lugar:

"foi então que ele teve a ideia de vira padre, todos os dias ele ficava sentado na **enfrente** a igreja".

Texto: Z11_8B_15F_04

(2.14)

hipossegmentação de uma estrutura com função conjuncional de conclusão:

"**Poriso** estou me esforçando muito para ganhar".

Texto: Z08_5C_12M_02

(2.15)

hipossegmentação de uma estrutura com função conjuncional de tempo:

"Mais **porenquanto** é só, me manda uma carta".

Texto: Z08_5A_10F_04

Em todas as grafias apresentadas acima, as estruturas formadas a partir das hipossegmentações dos clíticos correspondem a unidades que desempenham uma única função sintática, que contribui para a construção do sentido mais amplo da sentença na qual estão inseridas. Desse modo, clítico e hospedeiro se ligam de uma maneira em que os elementos convencionalmente independentes "perdem a sua capacidade de significar e mantém apenas a capacidade de nos ajudar a reconhecer construções" (ILARI et.al., 2015, p. 306).

Outro aspecto fonológico importante sobre a prosodização dos clíticos é a direção da cliticização. Nesse aspecto, as hipossegmentações podem estar relacionadas a esse processo, pois sua configuração permite verificar a direção (direita/esquerda) segundo a qual o clítico se une graficamente ao hospedeiro.

Klavans (1985, p. 97) e Nespor e Vogel (1986, p. 154) discutem que a direção da cliticização é uma propriedade fonológica, ou seja, um clítico pode estar ligado sintaticamente em uma direção, mas fonologicamente em outra. Desse modo, não é a sintaxe que prevê a posição do clítico em relação ao seu hospedeiro fonológico, já que a

direção de prosodização pode ser uma propriedade intrínseca de alguns clíticos, segundo ressaltam as autoras. Assim, por exemplo, no enunciado "gosto de maçã", o clítico *de* é regido pelo verbo *gostar,* o que significa que essa preposição está ligada ao verbo sintaticamente, cumprindo a função de ligação entre o verbo e o seu complemento: $[[\text{gosto}]_{V}\ [\text{de}]_{prep}]_{SP}\ [[\text{maçã}]_{N}]_{SN}$. Em termos fonológicos, o hospedeiro do clítico *de* é o substantivo *maçã,* posicionado à direita: $[\text{gosto}]_{\omega}\ [[\text{de}]_{CL}\ [\text{maçã}]_{\omega}]$.

A partir dessa consideração, temos o interesse de observar em que medida os dados de escrita confirmam ou não a direção da ligação prosódica dos clíticos como ora apontada. Nas hipossegmentações identificadas no córpus, a junção do clítico ocorreu, de modo predominante, com a palavra localizada à sua direita, não tendo sido encontrado nenhuma ocorrência em que o clítico preposicional tivesse sido unido à palavra à esquerda, como mostrado em (2.16) e (2.17), a seguir.

(2.16)

"vou parando **poraqui** thau! thau! espero que gosta".
Texto: Z08_5B_31F_05

(2.17)

"falar sobre as coisas que esta acontecendo, você sabe! por o papo **endia**".
Texto: Z08_5B_33M_04

Embora esses dados de hipossegmentação ilustrem a junção categórica do clítico à palavra à direita, esse traço não pode ser generalizado como uma característica das hipossegmentações encontradas no EF II. A esse respeito, Tenani e Fiel (2016) discutem casos em que o clítico está ligado graficamente à palavra à sua esquerda como em "*temde fazer*" (tem de fazer). Esse tipo de dados, apesar de envolver um elemento clítico, parece indiciar não a direção da cliticização, mas o registro de estruturas em processo de

gramaticalização, como a sequência "tem de", indicando algo a se cumprir. Nesse sentido, os registros de hipossegmentação podem dar pistas de fenômenos linguísticos distintos. Esse exemplo reforça, então, a relevância de dados de segmentação não convencional de palavras para investigação de questões linguísticas importantes, por exemplo, para a fonologia da língua e também para fenômenos morfossintáticos.

Referente à direção da cliticização, esse tema é relevante por se relacionar com a direção da recursividade sintática, questão teórica relevante para tratar da interface sintaxe-fonologia e da constituição da estrutura prosódica, conforme apresentado no Capítulo 1. No entanto, as ocorrências de hipossegmentação encontradas no córpus não permitem afirmar categoricamente sobre a direção de cliticização de clíticos do PB, pois embora essas grafias mostrem a tendência de ligação à direita e não ao elemento à esquerda que determina a introdução da informação sintática, entendemos que essa ligação tem relação, em particular, com a estrutura morfossintática que é formada a partir da união entre clítico e hospedeiro. Como buscamos mostrar, as hipossegmentações ocorrem em sequências que funcionam como locuções sintáticas, de modo que a ligação do clítico preposicional à palavra seguinte é entendida como forma de registrar essa dependência sintático-semântica que existe entre clítico e hospedeiro.

2.3.3. *Regularidades de grafias de hipersegmentação*

Diferente das grafias de junções dos clíticos, as hipersegmentações são analisadas como indício de uma possível independência dos elementos átonos, tendo em vista que as sílabas que estavam internas à estrutura da palavra foram registradas como palavras independentes.

Essa hipótese interpretativa, de que a sílaba átona foi registrada como uma palavra funcional monossilábica, ou seja, um clítico, é embasada no fato de as grafias das sílabas hipersegmentadas corresponderem ortograficamente a palavras, no que toca, por exemplo, à escolha de grafemas para representar fim de palavra. Como mostram os exemplos de (2.18) a (2.20), as sílabas *in* e *en* das palavras *inteiro* e *então* e a sílaba *con* da palavra *conversa* foram, nos registros hipersegmentados, grafadas com as sílabas *em* e *com*, respectivamente.

(2.18)

"nos rodamos o bairro **em teiro** a tras da suzi".
Texto: Z09_6B_04M_04

(2.19)

"podia fazer só um pedido **em tão** pedi um vídeo game".
Texto: Z08_5C_12M_03

(2.20)

"se não você **com versa** com os seus amigos da escola".
Texto: Z08_5C_09M_04

Junto ao aspecto (orto)gráfico marcado nas sílabas hipersegmentadas, argumentamos a favor da hipótese de que essas grafias sinalizam maior independência dos elementos átonos apoiadas no argumento de que a segmentação da sílaba átona é condicionada por dois planos de proeminências prosódicas, sendo o primeiro *interno à estrutura da palavra*, referente à organização de saliências percebidas pelas sílabas que se alternam entre fraca e forte e/ou vice-versa (SILVA E TENANI, 2014) e o segundo plano ligado *à estrutura interna da sentença*, ou seja, do modo como se distribuem saliências às unidades no eixo sintagmático (TENANI, 2016).

Na investigação das saliências prosódicas que se configuram na estrutura das hipersegmentações, a premissa é a de que proeminências rítmicas, que se formam nos limites de palavra, são pontos de ancoragem para delimitação da sílaba átona como um clítico. Nesse sentido, é necessário também considerar a estrutura das palavras convencionais que foram hipersegmentadas.

No conjunto das grafias identificadas, a regra geral foi a do ponto de corte ocorrer na sílaba pretônica que marca a fronteira esquerda da palavra. Apenas dois dados ("falam do" [*falando*] e "qual do" [*quando*]) não seguiram essa tendência e a separação aconteceu na sílaba átona localizada à direita da palavra. A característica dessas grafias dá indícios de que a separação da sílaba postônica é decorrente mais de um fator verbo-visual relacionado ao reconhecimento, por um lado, da forma verbal *falam* e, por outro lado, da correlação da sílaba complexa *quan* com o pronome *qual* (forma pela qual a sílaba foi registrada pelo aluno) do que uma tendência predominante de hipersegmentações de sílabas átonas na borda direita da palavra. Sobre isso, temos a hipótese de que a fronteira direita de palavra tende a ser mantida, em razão da preservação de informação morfológica. Tal hipótese parece se confirmar, na medida em que nos textos do córpus foram identificadas várias palavras cuja sílaba postônica poderia corresponder a um clítico (*amizade*, *verdade*, *saudade*, *ouvido*) e, no entanto, embora tivesse contexto potencial para separação da sílaba que corresponderia a um possível clítico, não houve hipersegmentação nessas palavras. Mais sobre esse resultado será referido a seguir.

Desse modo, as hipersegmentações de sílabas pretônicas foram predominantes nas palavras do córpus, de modo que esse traço foi recorrente independentemente do número

de sílabas da palavra convencional, ou seja, sempre a sílaba pretônica foi hipersegmentada sendo a palavra trissílaba (i.e., 3 sílabas) ou polissílaba (i.e., 4 sílabas ou mais)[46].

A seguir, no Quadro 3[47], à semelhança do que foi feito com as hipossegmentações, fazemos relação entre a organização métrica das palavras convencionais e das grafias de hipersegmentação:

Quadro 3. Organização métrica da palavra convencional e da grafia de hipersegmentação

Grafia convencional e organização métrica	Hipersegmentação e organização métrica
Embora $(\bullet \ * \ \bullet)_{\omega}$	em bora $(\bullet)_{\sigma}\ (* \ \bullet)_{\Sigma}$
Naquele $(\bullet \ * \ \bullet)_{\omega}$	na quele $(\bullet)_{\sigma}\ (* \ \bullet)_{\Sigma}$
Enquanto $(\bullet \ * \ \bullet)_{\omega}$	em quanto $(\bullet)_{\sigma}\ (* \ \bullet)_{\Sigma}$
Conversando $(\bullet \ \bullet \ * \ \bullet)_{\omega}$ $(* \ \bullet \ * \ \bullet)_{\omega}$	com versando $(\bullet)_{\sigma}\ (\bullet \ * \ \bullet)_{\Sigma}$ $(*)_{\sigma}\ (\bullet \ * \ \bullet)_{\Sigma}$
Enfaixado $(\bullet \ \bullet \ * \ \bullet)_{\omega}$ $(* \ \bullet \ * \bullet)_{\omega}$	em fachado $(\bullet)_{\sigma}\ (\bullet \ * \ \bullet)_{\Sigma}$ $(*)_{\sigma}\ (\bullet \ * \ \bullet)_{\Sigma}$

Fonte: elaboração própria

Com base nos registros apresentados no Quadro 3, fazemos dois destaques quanto às proeminências silábicas indicadas. Em primeiro lugar, tratamos das palavras trissílabas. As hipersegmentações dessas palavras tem como estrutura predominante uma sílaba pretônica seguida de uma sequência dissílaba, como mostram "*em bora*", "*na quele*", "*em quanto*". Essa estrutura dissílaba corresponde majoritariamente a um pé troqueu (alternância forte/fraca, verificada em palavras do tipo *cama*, *casa*, *mesa*), o qual é uma unidade fonológica característica da formação de unidades prosódicas do PB, segundo Bisol (2000b). Um fato importante dessa configuração é o de que a delimitação gráfica da sílaba,

[46] Não foram mencionadas as palavras dissílabas, uma vez que nesses casos a única possibilidade possível foi a de separação entre duas sílabas (átona seguida da tônica ou tônica seguida da átona).

[47] No Quadro 3, os símbolos representam: •: batida fraca; *: batida forte; σ: sílaba; ω: palavra prosódica; Σ: pé métrico; ( ): fronteira prosódica

na borda esquerda de um pé troqueu, cria uma fronteira exatamente no limite em que se localiza o acento primário (por exemplo: "*em* ***bo****ra*"). Nesse sentido, analisamos que a identificação de uma saliência fônica pode ser o indicativo de fronteira de uma unidade prosódica, da qual os elementos que estão anteriores à sílaba proeminente não fazem parte.

Portanto, é entendido que essa característica prosódica somada à correspondência das sílabas hipersegmentadas com as preposições átonas são indicativos da possível independência dos elementos átonos, pois, como afirma Tenani (2016, p. 116), a hipersegmentação "permite verificar que os clíticos fonológicos têm sua identificação construída fortemente a partir de práticas letradas escritas". Assim como nas hipossegmentações, é na confluência de fatores prosódicos e morfossintáticos, por exemplo, que encontramos pistas sobre a relação entre clítico (sílaba) e hospedeiro.

Em segundo lugar, é voltada atenção às hipersegmentações de palavras polissílabas. Nessas ocorrências, são atestados dois possíveis estatutos à sílaba segmentada (rever Quadro 3). Primeiro é o de que a sílaba pretônica mantém seu estatuto átono, já o segundo é o de que essa sílaba poderia receber proeminência de acento secundário dada a sua configuração[48]. O acento secundário tende a ser atribuído no PB para desfazer uma sequência de duas sílabas átonas, visto que isso garante alternância entre sílabas fortes e fracas e caracteriza um ritmo binário preferencial na língua, segundo constataram Frota e Vigário (2000), Fernandes-Svartman (2009) e Fernandes-Svartman et.al. (2012). Seguindo as análises de Tenani (2016), apostamos na segunda possibilidade como a que poderia motivar a hipersegmentação de palavras polissílabas.

[48] No PB, de acordo com Collischonn (1994, p. 44), "os acentos secundários ocorrem em intervalos regulares, ou seja, a cada segunda sílaba". Nesse raciocínio, em uma palavra com número par de sílabas pretônicas (como é o caso das palavras exemplificadas no Quadro 3), o acento secundário recairá a partir da segunda sílaba à direita da sílaba tônica. Já em palavras com número ímpar de sílabas pretônicas, o acento secundário incidirá de duas formas: 1) na segunda sílaba à direita da sílaba tônica (i.e., *a**ba**ca**xí***); e 2) na terceira sílaba à direita da sílaba tônica (i.e., *a**baca**xí***).

Por exemplo, na palavra *conversando*, o acento primário, que marca sílaba tônica, está na localizado em *san*. Na posição pretônica estão as sílabas *ver* (uma posição antes da tônica) e *con* (duas posições antes da tônica). Como mostrado no Quadro 3, a hipersegmentação dessa palavra ocorre exatamente na sílaba localizada no limite esquerdo da palavra. Essa sílaba (*con*) é candidata a receber acento secundário e um possível tom, de acordo com Tenani (2016)[49]. Acento secundário é um fenômeno fonológico que tem como efeito imprimir proeminência a sílabas dos enunciados. Portanto, esses fenômenos possibilitariam o destaque de sílabas átonas no eixo sintagmático. Nesse sentido, uma hipótese é a de que as hipersegmentações marcariam graficamente tais saliências fônicas.

2.3.4. *Comparando grafias convencionais e não convencionais de segmentação em palavras*

As regularidades já descritas das grafias de segmentação não convencional de palavras serão comparadas às ocorrências de segmentação convencional. No que diz respeito às segmentações convencionais, foram analisadas todas as vezes em que um clítico preposicional foi registrado como uma palavra escrita (independente da função sintática), conforme mostrado em (2.21), e todas as vezes em que uma sílaba átona correspondente a uma preposição foi grafada interna à palavra (2.22 e 2.23):

(2.21)

"Seu pai estava já estava cansado **de** correr atrás da filha".
Texto: Z08_5A_04F_01

[49] Tenani (2002) elabora a hipótese de um tom adicional ser associado a sílabas átonas quando essas são candidatas a receber acento secundário. Essa hipótese é testada e confirmada por Fernandes-Svartman (2009).

(2.22)

"O fumo causa doenças, como a bronquite, **en**fisema e câncer".
Texto: Z11_8B_05F_06

(2.23)

"meus pais sempre me disseram que namorar nessa ida**de** não po**de**".
Texto: Z09_6D_05F_05

Tratando da relação entre hipossegmentação e registro do clítico dentro da convenção, procuramos mostrar que foram hipossegmentadas estruturas em que o clítico preposicional e o hospedeiro formaram juntos uma unidade significativa que desempenham uma função morfossintática específica (CÂMARA Jr., 1984), como de natureza adverbial, por exemplo (cf. "*denovo*"). Definimos, anteriormente, essa função sintática como a de uma locução. Por sua vez, nas grafias convencionais, os registros dos clíticos preservaram o funcionamento pleno das preposições, ou seja, de elemento morfossintático que estabelece relação de subordinação (cf. (2.24) a (2.26)):

(2.24)

preposição em construção semântica de conteúdo

"os cientistas estariam loucos procurando novos planetas, **com hoxigenio**, agua quase igual ao planeta Terra".
Texto: Z10_7D_04F_01

(2.25)

preposição ligando nome e complemento

"muitos países ia se aproveitar da Amazônia para **trafico de animais**, desmatamento".
Texto: Z11_8C_08M_05

(2.26)

preposição ligando verbo e complemento

"Um dia queria sé ir motal paro um dia mandar **na cidade**".
Texto: Z10_7C_23M_01

Nas hipossegmentações, clítico e hospedeiro têm entre si um funcionamento mais "interno" e, por isso, apresentam funcionamento de uma só unidade morfossintática em uma dada sentença. Por sua vez, nos registros convencionais, a função do clítico com o hospedeiro é mais relacional, pois o clítico une os itens de uma sentença e participa da construção do sentido dessa mesma sentença.

Na Tabela 7, é apresentada a ocorrência de preposição considerando se casos de locução e de não locução quando houve grafias hipossegmentadas e de segmentação convencional. Foram reunidas sob os casos de não locução, as ocorrências dos clíticos preposicionais em que esses sempre atuaram com a função de conector sintático. A partir dos dados da Tabela 7, foi aplicado o teste exato de Fisher, a fim de verificar a associação entre as funções sintáticas descritas e o tipo de segmentação. O resultado do teste, que resultou um valor-p=0,000, mostra que a função sintática (locução e não locução) está relacionada ao tipo de segmentação (hipossegmentação e segmentação convencional). Com base nesse resultado, entendemos que grafar convencional ou não convencionalmente as palavras é sensível à função sintática dos elementos envolvidos.

Tabela 7. Função sintática locução e não locução e distribuição pelas grafias de hipossegmentação e de segmentação convencional

Função sintática	**Tipos de segmentação**		**Total** (%)
	Hipo (%)	**Convenção** (%)	
Locução	33 (3,06)	95 (8,82)	128 (21,18)
Não locução	0 (0,00)	948 (88,10)	948 (88,10)
Total (%)	**33** (3,06)	**1043** (96,93)	**1076** (100,00)

Fonte: elaboração própria

Na Tabela 8, estão reapresentados os dados da Tabela 7 de modo a expor os valores de locução e não locução tendo em consideração os totais de hipossegmentação e de grafia convencional. Os casos convencionais de locução representaram 25,78% e os de

não locução, 74,21% do total de segmentações convencionais encontradas. Embora locuções tenham sido registradas de forma convencional nos textos analisados, os casos predominantes de grafias convencionais dos clíticos envolveram a função de conector sintático (não locução). Por sua vez, como discutido na seção de análise das hipossegmentações, esse tipo de grafia não convencional foi de 100% das ocorrências da função sintática de locução.

Tabela 8. Valores das funções sintáticas locução e não locução em relação ao total de hipossegmentação e de segmentação convencional

Função sintática	**Tipos de segmentação**	
	Hipo (%)	**Convenção** (%)
Locução	33 (100,00)	95 (25,78)
Não locução	0 (0,00)	948 (74,21)
Total (%)	**33** (100,00)	**1043** (100,00)

Fonte: elaboração própria

Os valores percentuais da Tabela 8 permitem estabelecer uma distinção que caracteriza, por um lado, as grafias de hipossegmentação e, por outro lado, as grafias de segmentação convencional. Sobre as primeiras, foi constatada que a formação de uma locução sintática é uma informação importante para que a preposição não seja mais reconhecida como uma palavra independente. No que toca às segmentações convencionais, conseguimos observar que a preposição com função clara de conector que veicula informações linguísticas (especialmente sintático-semânticas) favorecem para que seu estatuto de palavra independente seja, de nossa perspectiva, base para registro convencional.

Passando a tratar da comparação entre hipersegmentação e ocorrências convencionais, vale lembrar que, em relação às hipersegmentações, as sílabas que correspondem a clíticos preposicionais apresentam características prosódicas que

reforçariam sua possível independência (cf. SILVA, 2014; PARANHOS, 2014; TENANI, 2016):

a. Em casos de palavras trissílabas, a separação da sílaba se deu na fronteira do pé métrico que tem a sílaba portando o acento primário da palavra, sílaba mais proeminente em uma palavra, além do que formam estruturas paroxítonas bastante frequentes no português, como na sequência *mora* em "*de mora*";
b. Em palavras polissílabas, as sílabas pretônicas que são candidatas a receber acento secundário foram hipersegmentadas. Essa mesma sílaba pretônica pode receber tom eventual, um correlato do acento secundário (FERNANDES-SVARTMAN, 2009; TENANI, 2017).

Nesses dois casos, é possível observar que as sílabas pretônicas têm certa autonomia que é garantida, por hipótese, pela sua correspondência com um clítico preposicional, pela sua localização se mostrar extramétrica ao pé principal da palavra (BISOL, 1996) e, por último, por poder receber proeminências prosódicas.

Nos textos analisados, foi feito um levantamento da escrita convencional de palavras cuja sílaba átona pudesse corresponder a uma preposição clítica. Na Tabela 9, apresentamos as ocorrências de sílaba pretônica e postônica em relação às hipersegmentações e às grafias convencionais. Os resultados percentuais indicam predominância de hipersegmentações das pretônicas para o conjunto de dados analisados.

Tabela 9. Posição da sílaba átona e distribuição pelas grafias de hipersegmentação e de segmentação convencional

Posição da sílaba átona	**Tipos de segmentação**		**Total** (%)
	Hiper (%)	**Convenção** (%)	
Pretônica	48 (5,17)	618 (66,59)	666 (71,76)
Postônica	2 (0,21)	260 (28,01)	262 (28,23)
Total (%)	**50** (5,38)	**878** (94,61)	**928** (100,00)

Fonte: elaboração própria

A fim de se avançar na análise quantitativa no que diz respeito a se verificar associação entre a posição da sílaba átona e os tipos de segmentação investigados, os dados da Tabela 9 foram submetidos ao teste Qui-quadrado. Os resultados do teste, apresentados na Tabela 10, mostram apoio à interpretação de haver associação entre a posição da sílaba átona e as formas de segmentar. Em razão da existência dessa associação, foi medido o grau de associação entre as variáveis, com base no coeficiente de associação de Pearson, realizado a partir do software Minitab (versão 17). O valor do coeficiente foi de 0,127, mostrando que se trata de uma associação baixa entre as variáveis.

Tabela 10. Associação entre a posição da sílaba átona e tipo de segmentação

Posição da sílaba átona	**Tipos de segmentação**		χ^2 (valor crítico: 3,841)	**valor-p**
	Hiper	**Convenção**		
Pretônica	48	618		
Postônica	2	260	15,316	0,00009
Total	**50**	**878**		

Fonte: elaboração própria

Avançamos na análise apresentando, na Tabela 11, os valores de sílabas pretônica e postônica em relação os totais de hipersegmentação e de grafia convencional. As hipersegmentações envolvem, em 96,00% das ocorrências, uma sílaba pretônica, resultado que confirma quantitativamente a análise das estruturas dessas grafias apresentada anteriormente. Esse resultado é bastante importante para a caracterização das

hipersegmentações identificadas, pois se for observado os casos de sílabas pretônica e postônica nas grafias convencionais, constatamos que ocorreram diversas palavras envolvendo ambos os tipos de sílaba, no entanto, as separações não convencionais se concentraram nas palavras que tiveram uma sílaba pretônica correspondendo a uma preposição.

Tabela 11. Valores das sílabas em posições pretônica e postônica em relação ao total de hipersegmentação e de segmentação convencional

Posição da sílaba átona	**Tipos de segmentação**	
	Hiper (%)	**Convenção** (%)
Pretônica	48 (96,00)	618 (70,38)
Postônica	2 (4,00)	260 (29,61)
Total (%)	**50** (100,00)	**978** (100,00)

Fonte: elaboração própria

Os resultados, destacados da Tabela 11, convergem de modo a ser possível interpretar que a configuração da hipersegmentação se assemelha a de uma sequência de "clítico e hospedeiro", sobretudo, porque de modo predominante foi sempre hipersegmentada a sílaba pretônica. Assim, é possível traçar uma aproximação entre a estrutura da hipersegmentação e a estrutura das grafias convencionais. Parte-se da descrição de Raposo e Xavier (2013), segundo a qual a preposição tem ligação sintático-semântica mais forte com o elemento subordinado do que com o elemento subordinante, fato que explica que um SP seja formado exatamente pela preposição e seu complemento (elemento subordinado). Em termos prosódicos, a estrutura de um SP é a de um clítico e hospedeiro. Portanto, as hipersegmentações, em função da independência gráfica da sílaba pretônica, pode ser aproximada da estrutura em que os clíticos preposicionais grafados convencionalmente, pois, nesse caso, a preposição, embora mantenha uma relação coesa com seu complemento, não se mostra integrada a sua estrutura.

Na próxima seção, explicitamos como os resultados encontrados embasam a construção de hipóteses quanto ao funcionamento prosódico dos clíticos.

2.4. Hipóteses sobre o funcionamento prosódico dos clíticos

No decorrer da seção de análise dos dados, o processo de compreensão da relação entre clítico e hospedeiro foi construído tendo em consideração o tipo de informação linguística presente nas grafias de segmentação em palavras. A apreciação de tal informação foi direcionada pela forma como se deu o emprego do recurso gráfico do espaço em branco, uma vez que seu uso não ocorreu aleatoriamente, mas seguiu certas regularidades, seja quando seu uso não atendeu as convenções ortográficas seja quando foi empregado convencionalmente.

Com o término da análise, foi possível concluir que informações linguísticas de natureza *morfossintática* e *semântica* particularizam o funcionamento dos clíticos preposicionais, podendo-se afirmar que esse tipo de clítico se constitui enquanto uma classe não homogênea. O que permitiu alçar essa conclusão foi o fato de que as diferenças de funcionamento morfossintático e semântico não estiveram atreladas unicamente a determinadas preposições. Pelo contrário, foi observado que uma mesma preposição pôde cumprir diferentes funções, como foi o caso do clítico *de* na composição das estruturas *de novo* e *de correr* (retomar, respectivamente, exemplos 2.11 e 2.21). Assim, entendemos que os clíticos preposicionais seriam, recorrendo à definição de Zwicky (1994), uma espécie de categoria "guarda-chuva", já que sob a mesma denominação estariam abrigadas formas que apresentam características e funções distintas entre si.

Como consequência desse modo de caracterizar o funcionamento dos clíticos preposicionais propomos que esses elementos se organizam em *tipos*. Essa classificação leva em consideração o funcionamento sintático das preposições ou, ainda, mais especificamente, o grau de relação que o clítico preposicional estabelece com o elemento adjacente. Dessa maneira, haveria um *tipo de funcionamento* em que a preposição é mais *dependente* da palavra que a complementa, o qual pode ser exemplificado pelas locuções. Haveria, por outro lado, também um *tipo de funcionamento* mais *independente*, no qual a preposição se relaciona com o complemento marcando claramente sua função de conector sintático. Com base nessa classificação em *tipos*, é proposto que os clíticos preposicionais não dependem igualmente, em termos morfossintáticos, dos itens a que estão ligados.

Se considerarmos apenas esse resultado e o relacionarmos à organização prosódica dos clíticos preposicionais, interpretamos que as diferenças de funcionamento morfossintático seriam representadas em constituintes prosódicos distintos. Desse modo, os clíticos preposicionais integrantes de locução se prosodizariam junto a uma ω, pois a estrutura formada por clítico e hospedeiro, nesse caso, funcionam como uma só unidade. Por sua vez, os clíticos preposicionais com clara função de conector sintático se prosodizariam a uma ϕ, já que, nesse caso, a função mais independente de estabelecer relações sintáticas é preservada.

No entanto, se na morfossintaxe as preposições clíticas podem ser pensadas a partir de *tipos* de funcionamentos, no que se refere à representação prosódica essa asserção precisa ser cuidadosa. Como já definida, a estrutura prosódica é construída pela interface entre fonologia e sintaxe, mas uma ressalva importante é a de que os constituintes prosódicos não são necessariamente isomórficos a unidades de qualquer outro componente gramatical. Essa característica sobre a constituição das unidades prosódicas indica que não

é qualquer informação sintática que a fonologia tem acesso. Nesse sentido, é fundamental ponderar se, também em termos prosódicos, os clíticos preposicionais podem ser divididos em *tipos* diferentes.

Nesse cenário, almejamos investigar se prosodicamente também se sustenta uma diferenciação entre os clíticos preposicionais. Ou seja, a questão principal é a de que se existem evidências sonoras que permitem diferenciar os funcionamentos morfossintáticos dos clíticos. Em torno dessa formulação geral, um conjunto de hipóteses serão testadas. Foram construídas duas hipóteses nulas, as quais serão referidas como hipóteses um e três, e duas hipóteses alternativas, as quais denominaremos por hipóteses dois e quatro.

A *primeira hipótese* (doravante, H1) é a de que as diferenças morfossintáticas *acarretam* em diferenças prosódicas. Como decorrência, a organização prosódica de cada *tipo* de clítico preposicional é distinta em função do fato de que aos *tipos* de funcionamento estão relacionados graus de dependência dos clíticos em relação à palavra adjacente. Nessa perspectiva, assume-se que a estrutura prosódica tem acesso direto ao funcionamento morfossintático e, portanto, a prosodização dos clíticos é sensível a diferenças verificadas nesse componente.

A comprovação dessa hipótese permitiria mostrar que há diferenças na prosodização não só entre classes de clíticos, como afirmado por Guzzo (2015) para clíticos pronominais e não pronominais, bem como no interior de uma mesma classe de clíticos, como os preposicionais.

A *segunda hipótese* (doravante, H2), por sua vez, é a que as diferenças morfossintáticas *não acarretam* em diferenças prosódicas. Desse modo, tais diferenças não são diretamente representadas na estrutura prosódica e a prosodização dos clíticos preposicionais é dada sempre no mesmo domínio prosódico (BISOL, 2005).

Se confirmada essa hipótese, a consequência seria a de que os dados de segmentação em palavras, os quais permitiram uma discussão sobre o funcionamento dos clíticos, seriam evidências mais fortemente de uma informação morfossintática que permeia a escrita e menos de um dado que revela a prosodização de elementos gramaticais átonos.

A configuração das grafias de segmentação envolvendo clíticos trouxe fundamentos para uma investigação entre funcionamento sintático e representação prosódica dos clíticos preposicionais. No entanto, chegar ao entendimento do funcionamento dos clíticos preposicionais perpassou pela imprecisão no registro de uma unidade átona, que foi observada tanto pela interpretação de um clítico como sílaba incorporada à palavra (hipossegmentações) quanto pela interpretação de uma sílaba de palavra registrada como um clítico (hipersegmentações). Assim, abre-se também um questionamento sobre as informações que definem quando uma sílaba átona é um clítico ou quando ela é uma parte da palavra. A proposta, pois, é a de verificar se há informações prosódicas que diferenciaria clítico e sílaba de palavra, uma vez que, do ponto de vista da organização sintagmática desses elementos, tal distinção não se mostrou clara.

A divisão dos clíticos preposicionais em *tipos* pressupõe que há casos em que os clíticos funcionam mais internamente com a palavra adjacente, podendo essa relação ser comparada ao funcionamento de uma sílaba que faz parte de uma estrutura menor, tendo em vista que o funcionamento mais dependente dos clíticos preposicionais se relacionou à composição de estruturas locucionais (em que dois elementos representam uma única unidade). Por sua vez, a composição das grafias de hipersegmentação seguiu uma tendência geral de autonomia de sílabas pretônicas, a partir da qual foram formadas estruturas semelhantes à de sequências de clítico e palavra. Nesse cenário, não há informações suficientes que permitam delimitar uma fronteira entre clítico e sílaba de palavra.

Portanto, no que se refere à relação entre clítico e sílaba átona de palavra, duas outras hipóteses pretendem ser testadas, considerando também que a confirmação de uma delas infirma a possibilidade de realização da outra.

Assim, a *terceira hipótese* a ser testada (doravante, H3) é a de que *há informações prosódicas* que permitem identificar/perceber a existência de uma fronteira morfológica que sinaliza um limite entre sílabas átonas que são parte da estrutura da palavra e sílabas átonas que consistem em palavras funcionais. Em termos de representação prosódica, caso se confirme essa hipótese, será comprovada a defesa de modelos que preveem a formalização dos clíticos em domínios prosódicos acima do domínio da palavra prosódica (por exemplo, NESPOR; VOGEL, 1986; VOGEL, 2009). Desse modo, a estrutura prosódica fará distinção entre as sílabas átonas que compõe a palavra daquelas que se constituem como clíticos fonológicos.

A *quarta hipótese* (doravante, H4) é a de que *não há informações prosódicas* que permitem identificar/perceber a existência de uma fronteira morfológica que demarca um limite entre sílabas átonas que são parte da estrutura da palavra e sílabas átonas que são elementos gramaticais. Uma vez comprovada essa hipótese, não haverá evidência prosódica que sustente uma diferenciação entre um clítico e uma sílaba de palavra, de modo que ambos os tipos de unidades átonas se organizariam prosodicamente iguais. Esse resultado, caso confirmado, iria ao encontro de afirmações, como a de Câmara Jr. (1970), sobre clítico e hospedeiro corresponderem a um único vocábulo fonológico.

Entendemos que a formulação dessas hipóteses demonstra o alcance teórico dos dados de segmentação em palavras. Entretanto, a natureza dessas grafias não é suficiente para se chegar à confirmação de quaisquer das hipóteses, uma vez que as respostas necessárias envolvem, obrigatoriamente, informações fonético-fonológicas bastante

específicas. Por essa razão, no desenvolvimento deste trabalho, serão considerados dados de fala controlada e de percepção de fala, os quais permitirão testar de maneira bastante precisa os resultados ora encontrados. Os resultados decorrentes do desenvolvimento dessa etapa da investigação serão apresentados no próximo capítulo.

C A P Í T U L O 3

PROSODIZAÇÃO DE CLÍTICOS PREPOSICIONAIS: EVIDÊNCIAS FONÉTICAS E PERCEPTUAIS

Com base nos resultados da análise das grafias de segmentação em palavras, nos fundamentamos para a formulação de hipóteses acerca do funcionamento prosódico dos clíticos preposicionais do PB. Suscintamente, o primeiro conjunto de hipóteses visará comprovar ou refutar **se** o funcionamento morfossintático das preposições teria papel na representação prosódica dessa classe (hipóteses a serem referidas por H1 e H2). O segundo conjunto de hipóteses irá avaliar **se** haveriam informações prosódicas que auxiliariam na identificação/percepção de uma fronteira que demarca os limites entre clítico e sílaba de palavra (hipóteses a serem referidas por H3 e H4).

No presente capítulo, serão mobilizados dados de produção de fala controlada e de percepção de fala para desenvolver as hipóteses formuladas. Na primeira seção, apresentaremos informações gerais de cada um dos procedimentos experimentais. Nas duas seções seguintes, abordaremos, respectivamente, as bases teórico-metodológicas e os *designs* dos testes de produção e de percepção de fala. Sobre o experimento de produção, iremos discutir, também, dois métodos para definição da unidade de medida do tempo de duração. Em relação aos procedimentos de análise dos dados, na quarta seção, apresentaremos o tratamento estatístico adotado. A quinta seção será dedicada aos resultados de cada um dos testes experimentais. Encerrando o capítulo, na última seção,

faremos a avaliação dos resultados dos experimentos de produção e de percepção considerando-se a questão central que envolve a prosodização dos clíticos preposicionais.

3.1. Os testes experimentais: produção e percepção

Os experimentos de produção e de percepção de fala foram desenvolvidos junto ao Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (http://labfon.letras.ulisboa.pt/), sob a supervisão da professora Marina Vigário[50]. Neste laboratório, discutiram-se os *designs* de ambos os experimentos e a elaboração das sentenças utilizadas.

No que diz respeito à execução dos testes, o procedimento ocorreu nas dependências do Laboratório de Fonética do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) da UNESP (http://www.ibilce.unesp.br/#!/departamentos/estudos-ling-literarios/laboratorio-de-fonetica/), devido ao propósito de investigação com dados do PB. A infraestrutura desse laboratório dispõe de sala de gravação com isolamento acústico, onde estão disponíveis mesa de som de 10 canais, um decibilímetro e microcomputadores equipados com o Sound Forge Pro 11, *software* destinado à realização de gravação e edição de áudio, e com o Perception Evaluation Auditive & Visuelle (PERCEVAL), *software* desenvolvido para a realização de testes de percepção de fala. A instalação e a adaptação dos *softwares* foram realizadas por Rubens Leão, técnico responsável pelo laboratório, no período de realização dos experimentos.

Em ambos os testes, participaram informantes voluntários, todos graduandos do curso de Licenciatura em Letras do IBILCE/UNESP, pertencentes à faixa etária de 18 a 28

[50] O período de trabalho na Universidade de Lisboa se deu no âmbito do programa de Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE), outorgada pela FAPESP (Processo 2015/23238-8).

anos, nascidos na região de São José do Rio Preto, noroeste paulista, e falantes nativos do PB[51]. Atendendo a um procedimento ético, nesta tese, os participantes terão sua identidade preservada, na medida em que nenhum áudio e resposta serão identificados pelo nome do informante, apenas por codificação elaborada para apresentação dos experimentos.

Como mencionada, a realização dos procedimentos experimentais tem por objetivo a comprovação ou refutação das hipóteses de pesquisa (cf. seção 2.4, Capítulo 2). Desse modo, os *designs* dos testes de produção e de percepção de fala foram desenvolvidos de maneira a que seus resultados venham a ser respostas às hipóteses formuladas de modo que ambos os procedimentos experimentais visam respostas para as mesmas perguntas, sendo cada um deles desenvolvidos a partir de questões distintas desta tese.

Feitos esclarecimentos gerais sobre os testes, na próxima seção, apresentamos o teste de produção de fala.

[51] A realização dos experimentos foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IBILCE/UNESP, sob o processo de número 64739217.7.0000.5466. Durante a realização dos experimentos, os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aprovado pelo comitê avaliador (cf. ANEXO II).

3.2. Experimento de produção de fala

O experimento de produção foi delineado para avaliar se haveriam diferenças acústicas que apoiariam ou refutariam, por um lado, uma distinção de clíticos preposicionais vinculados a diferentes funcionamentos morfossintáticos e, por outro lado, uma diferenciação de clíticos preposicionais e sílabas pretônicas homófonas. A proposta desse experimento foi fundamentada em trabalhos de base fonética, os quais serão apresentados na próxima subseção. **3.2.1.** *Bases teórico-metodológicas*

Na área de estudos fonéticos, as pesquisas de Cho (2011, 2016), Fougeron (2001), Fougeron e Keating (1997), Keating et. al. (1999) e Keating (2006) se dedicaram à investigação de correlatos acústicos associados às fronteiras prosódicas. Em conjunto, esses autores demonstram que os movimentos articulatórios e a duração dos segmentos são características fonéticas estritamente relacionadas à posição prosódica. Com efeito, esses estudos procuraram mostrar que a produção de segmentos tem maior reforço articulatório quando estão em posição inicial de constituintes mais altos da hierarquia prosódica, como a ϕ e a I. Também a duração dos segmentos é mais longa nessas fronteiras prosódicas.

Nessa linha, Fougeron e Keating (1997), com dados do inglês, analisaram o movimento articulatório na produção do segmento /n/ em posição inicial, medial e final nos constituintes ω, ϕ, I e U. Dois resultados podem ser destacados desse trabalho. O primeiro deles se refere ao movimento articulatório em relação à posição do segmento dentro dos constituintes prosódicos. Nesse caso, as autoras observaram que, na fronteira esquerda, há maior contato linguopalatal (reforço articulatório) quando comparado com a produção nas posições interna e final de cada constituinte. O segundo resultado, que diz

respeito à comparação entre os domínios prosódicos, Fougeron e Keating observaram que a produção do segmento /n/ com maior contato linguopalatal se deu no início de domínios mais altos (ϕ, I e U). Assim, as autoras concluíram que o reforço é um processo cumulativo, que aumenta devido à fronteira prosódica ser de constituinte mais alto na hierarquia prosódica.

Em relação à duração acústica da consoante /n/, os resultados seguiram a mesma tendência anterior: quanto mais alto o constituinte prosódico, maior também é a duração do segmento em fronteira inicial de constituinte. No entanto, as autoras observaram que estatisticamente não há correlação entre contato linguopalatal (parâmetro articulatório) e duração, ou seja, o maior reforço articulatório não acarretou em maior duração.

Em Keating et. al. (1999), o estudo sobre reforço da borda esquerda de constituintes prosódicos foi ampliado para línguas como o francês, o coreano e o taiwanês. Nesse trabalho, foram considerados, também, os mesmos domínios prosódicos analisados por Fougeron e Keating (1997). A consoante analisada, /n/, foi selecionada pelas pesquisadoras por apresentar o mesmo ponto de articulação e grau de vozeamento nas três línguas. De modo semelhante ao inglês, para o francês, o coreano e o taiwanês, o reforço articulatório é maior em fronteira inicial de constituintes mais altos.

Os resultados dos trabalhos de Fougeron e Keating (1997) e Keating et. al. (2003) ilustram a relação entre fonética e fronteiras de constituintes prosódicos e, nesse sentido, as análises de diferentes línguas feitas por essas pesquisas revelaram evidências fonéticas da fronteira prosódica. Em particular, tais estudos apresentaram dois parâmetros fonéticos como relevantes à informação de fronteira prosódica: o movimento articulatório e a duração de segmentos.

Esses resultados respaldaram a construção do teste experimental de produção deste trabalho no que diz respeito à *duração*, porém não será investigado correlatos do movimento articulatório. Essa seleção se justifica, também, por haver estudos do PB que apontam a duração como correlato relevante para identificação de fronteira prosódica, como a de frase entoacional (cf. SONCIN, no prelo). Por sua vez, a investigação de movimento articulatório não foi implementada nesta pesquisa haja vista os objetivos principais serem o de identificar evidências acústicas de fronteira prosódica. Nesta tese, as fronteiras relevantes são as de palavra e de estruturas de clítico e hospedeiro.

Além disso, diferentemente dos trabalhos de Fougeron e Keating (1997) e Keating et. al. (2003), por exemplo, investigaremos a duração de toda a *sílaba* em lugar do segmento. Será investigada a duração da produção de sílabas que ora correspondem a clíticos preposicionais e ora são sílabas pretônicas de ωs em diferentes fronteiras prosódicas. Para os propósitos deste trabalho, essa mudança de unidade se justifica pela importância da sílaba para a organização prosódica (TENANI, 2002). Adiante faremos uma discussão sobre unidades de medida, na qual defenderemos a sílaba como a unidade relevante aos propósitos desta tese. Antes, porém, apresentaremos o *design* do teste de produção.

3.2.2. *Design do experimento de produção de fala*

Para o experimento de produção de fala, foram construídas 16 sentenças, as quais se dividiram em quatro grupos distintos (doravante, G1, G2, G3, G4). Cada grupo continha quatro sentenças distribuídas em dois pares. No que se refere à constituição desse córpus, dois critérios foram fundamentais. Em primeiro lugar, a divisão em grupos considerou os tipos de sílabas átonas (clítico e sílaba pretônica), de modo a ser reunidas,

por um lado, sequências de clítico preposicional e hospedeiro e, por outro lado, ωs cuja sílaba pretônica são segmentalmente idênticas a um clítico preposicional. Em segundo lugar, a organização das sentenças em pares subjaz a necessidade de determinar critérios para a obtenção de estruturas maximamente comparáveis. Assim, o trabalho com pequenos grupos de dados permitiu maior controle de variáveis.

Quanto à constituição e à proposta de análise de cada grupo, iniciamos, no Quadro 4, com a exposição das sentenças do G1, com destaque (em itálico) para as estruturas alvo.

Quadro 4. Conjunto de sentenças do G1

Pares	Sentenças
Par 1	**1.** As margaridas florescem *de novo* na fazenda. **2.** As empregadas morriam *de nojo* de baratas.
Par 2	**1.** Os jovens chegaram *de noite* do colégio. **2.** A moça precisa *de noivo* verdadeiro.

Fonte: elaboração própria

No G1, são contempladas estruturas de *clítico preposicional e hospedeiro* inseridas em contextos sintáticos distintos. Em ambos os pares, as primeiras sentenças abrigam as sequências que formam *locuções*, isto é, unidades morfossintáticas formadas por duas palavras independentes (cf. "de novo" e "de noite"), enquanto as segundas sentenças comportam sequências de clítico preposicional e hospedeiro, em que as preposições têm clara função de *conector sintático*, uma vez que estão vinculadas à regência dos verbos que as antecedem (cf. "de nojo" e "de noivo").

Na análise desse grupo, será comparada a produção das sequências de clítico e hospedeiro com diferentes funções sintáticas, buscando verificar se preposições que integram locuções são distintas das que desempenham o papel de conector sintático. Os resultados de natureza acústica obtidos nessa análise comparativa possibilitarão caracterizar

os clíticos preposicionais, a fim de responder se eles podem ser considerados, do ponto de vista fonético, uma classe não homogênea de clíticos (cf. H1) ou se, independentemente das diferenças morfossintáticas, os clíticos preposicionais compõem uma só classe de clíticos (cf. H2).

No Quadro 5, apresentamos a composição do G2.

Quadro 5. Conjunto de sentenças do G2

Pares	Sentenças
Par 1	**1.** As margaridas preciosas, com pétalas brancas, *de novo* florescem na fazenda. **2.** As empregadas morriam, como se percebe, *de nojo* de baratas voadoras.
Par 2	**1.** Os jovens rapazes, depois da prova, *de noite* dormiram descansados. **2.** A moça precisa, para ser feliz, *de noivo* verdadeiro e fiel.

Fonte: elaboração própria

Como no G1, o G2 é formado pelas mesmas estruturas e objetivos de análise. No entanto, no G2, há diferenças quanto ao fraseamento prosódico das sentenças em relação ao G1. A relação entre cada grupo diz respeito ao fato de que, no G1, as sentenças corresponderem a uma I, enquanto, no G2, as sentenças dividirem-se em três Is. Essa diferença de fraseamento é explicitada no Quadro 6, abaixo.

Quadro 6. Fraseamento prosódico das sentenças do G1 e G2

Pares	G1	G2
Par 1	**1.** (As margaridas florescem *de novo* na fazenda)$_{\mathbf{I}}$ **2.** (As empregadas morriam *de nojo* de baratas)$_{\mathbf{I}}$	**1.** (As margaridas preciosas)$_{\mathbf{I}}$ (com pétalas brancas)$_{\mathbf{I}}$ (*de novo* florescem na fazenda)$_{\mathbf{I}}$ **2.** (As empregadas morriam)$_{\mathbf{I}}$ (como se percebe)$_{\mathbf{I}}$ (*de nojo* de baratas voadoras)$_{\mathbf{I}}$
Par 2	**1.** (Os jovens chegaram *de noite* do colégio)$_{\mathbf{I}}$ **2.** (A moça precisa *de noivo* verdadeiro)$_{\mathbf{I}}$	**1.** (Os jovens rapazes)$_{\mathbf{I}}$ (depois da prova)$_{\mathbf{I}}$ (*de noite* dormiram descansados)$_{\mathbf{I}}$ **2.** (A moça precisa)$_{\mathbf{I}}$ (para ser feliz)$_{\mathbf{I}}$ (*de noivo* verdadeiro e fiel)$_{\mathbf{I}}$

Fonte: elaboração própria

No que se refere à posição das sequências alvo no interior das sentenças, controlamos o seguinte contraste entre os grupos:

(i) No G1, a sequência de clítico e hospedeiro está interno a I, mas se encontra em posição inicial de ϕ, como em: ((As margaridas)$_{\phi}$ (florescem)$_{\phi}$ (*de novo*)$_{\phi}$ (na fazenda)$_{\phi}$)$_{I}$;

(ii) No G2, o posicionamento da mesma sequência coincide com as fronteiras iniciais de ϕ e de I, como no exemplo da I final, da primeira sentença do G2: ((*de novo*)$_{\phi}$ (florescem)$_{\phi}$ (na fazenda)$_{\phi}$)$_{I}$. Apesar da coincidência entre os limites iniciais desses constituintes prosódicos, será considerado, nesse caso, a fronteira de I, constituinte mais alto.

Adiantamos que a colocação das estruturas de clítico e hospedeiro no início desses constituintes prosódicos (ϕ e I) é respaldada nos pressupostos de trabalhos como o de Fougeron e Keating (1997), por exemplo, sobre diferenças de duração entre fronteiras esquerdas de constituintes prosódicos. Em particular, foram controladas duas posições prosódicas para os dois primeiros grupos de sentenças, por se tratarem dos grupos que se relacionam aos funcionamentos morfossintáticos dos clíticos preposicionais.

No Quadro 7, apresentamos as estruturas que formam o G3.

Quadro 7. Conjunto de sentenças do G3

Pares	Sentenças
Par 1	**1.** O gerente *demite* maus servidores. **2.** Cogitavam *demitir* bons professores.
Par 2	**1.** A bolsista *renova* todos os projetos. **2.** Esperavam *renovar* todos os contratos.

Fonte: elaboração própria

No G3, as estruturas alvo são *ωs*. Nesse grupo, cada par foi organizado em função do estatuto da sílaba átona dentro da estrutura da palavra. Isto é, no primeiro par, o alvo são palavras simples, assim designadas em razão de a sílaba átona ser simplesmente uma sílaba pretônica. No segundo par, as sílabas átonas têm estatuto de prefixo[52]. Além desse fato, os pares do G3 têm como característica a distância da sílaba pretônica alvo em relação à sílaba tônica da palavra. Assim, no primeiro membro de cada par, a sílaba pretônica está adjacente à tônica (cf. "de" em "demite" e "re" em "renova"), enquanto, no segundo membro de cada par, a palavra alvo apresenta duas sílabas pretônicas, fato que leva a sílaba alvo da análise a uma posição de distância da tônica (cf. "de" em "demitir" e "re" em "renovar").

A construção desse grupo se deu com o objetivo de caracterizar o funcionamento das sílabas átonas internas à palavra, de modo a verificar se, independentemente da posição da sílaba átona ou do estatuto dessa sílaba (prefixo ou não prefixo), seria possível definir um grupo homogêneo para esse tipo de sílaba átona, assim como se almeja verificar para os clíticos preposicionais. Esclarecemos que as caracterizações de clíticos (no G1)[53] e de sílabas pretônicas (no G3) foram planejadas em função das hipóteses acerca da distinção entre as duas categorias de sílabas átonas (uma interna outra externa à palavra). Assim, a divisão dos tipos de sílabas em grupos possibilitará verificar se clíticos preposicionais e sílabas pretônicas funcionariam de maneira homogênea e, uma vez se constituindo como tipos de sílabas átonas, será possível contrastar clítico com sílaba pretônica.

---

52 Ver Schwindt (2000) e Toneli (2015) sobre a formação e prosodização de palavras prefixadas e não prefixadas.

53 Os clíticos preposicionais do G2 não foram considerados, uma vez que eles estão posicionados em fronteira prosódica distinta da que está localizada as sílabas pretônicas do G3. Assim como no G1, as sílabas pretônicas estão em início de ϕ, como neste exemplo: ((O gerente)$_{\phi}$ (*demite*)$_{\phi}$ (maus servidores)$_{\phi}$)$_{I}$.

Portanto, de modo amplo, os três grupos de sentenças (G1, G2, e G3) pretendem definir quais são as características das sílabas átonas que ora são clíticos e ora unidades que fazem parte da estrutura da palavra. Concluídas essas definições, o próximo passo será estabelecer relações entre os grupos, de modo a verificar se:

(i) Haveriam diferenças acústicas na produção das sequências de clítico e hospedeiro em função da posição inicial nos constituintes prosódicos ϕ e I; e

(ii) Haveriam diferenças que particularizariam duas classes de sílabas átonas, sendo uma composta por elementos clíticos e outra formada por elementos que são parte da estrutura da palavra.

Por fim, no Quadro 8, apresentamos a composição do G4, o qual teve por objetivo obter sentenças que permitiriam fazer uma ligação entre os testes de produção e de percepção de fala.

Quadro 8. Conjunto de sentenças do G4

Pares		Sentenças
Par 1	S1	Necessitamos *depressa* dos documentos na reunião.
	S2	Necessitamos *de pressa* com os documentos firmados
Par 2	S1	O governo *decreta* nova reforma da previdência.
	S2	O governo *de Creta* discute propostas na reunião.

Fonte: elaboração própria

O G4 é formado por *sequências homófonas,* mas não *homógrafas*. Assim, cada par é formado por estruturas que apresentam a mesma cadeia segmental (portanto, há possibilidade de identidade fônica), mas com significados distintos. Quanto aos aspectos fônicos, cada par se distingue pelo estatuto da sílaba átona, pois, na primeira sentença de cada par, essa sílaba é interna à estrutura da palavra (cf. "depressa" e "decreta"), enquanto,

na segunda sentença de cada par, a sílaba átona corresponde a um clítico preposicional (cf. "de pressa" e "de Creta").

Assim, o G4 irá contrastar diretamente clítico e sílaba pretônica em estruturas que, diferentemente das encontradas nos grupos anteriores, apenas se diferenciam quando acrescidas de informações sintático-semânticas[54]. A partir dessas estruturas será analisado se, quando considerada a mesma cadeia segmental, haveria evidência acústica que diferenciaria clítico e sílaba pretônica.

Como mencionado inicialmente, a construção das sentenças foi fundamentada em critérios, os quais buscaram tornar comparável a estrutura prosódica das sequências analisadas. Os critérios estabelecidos foram:

1. Todas as estruturas de clítico e hospedeiro e ω construíram-se a partir da mesma sílaba átona. Elegemos a sílaba *de*, por ser constituída da estrutura silábica (CV) canônica do português e, também, por ser bastante frequente na língua. Esse critério quanto ao tipo de sílaba foi em direção ao propósito de se construir sequências comparáveis, já que a partir da sílaba *de* conseguimos elaborar estruturas semelhantes entre si em todos os grupos, considerando as possibilidades existentes na língua (cf. (3.1a)). Dessa maneira, em todas as sentenças trabalhamos apenas com sequências linguísticas possíveis do português e não com logatomas, tendo em vista que a proposta experimental não esteve restrita à verificação de parâmetros acústicos na produção (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 223).

No entanto, vale uma ressalva em relação à formação de estruturas a partir da sílaba *de*, considerando o par de sentenças contendo palavras prefixadas. Para esse contexto foi

[54] Na variedade falada pelos informantes desta pesquisa, há o processo de alçamento da vogal átona [e] atingindo apenas o clítico *de*, de modo que além da estrutura sintática a diferença entre clítico e sílaba pretônica é possível também a partir da informação fonológica. Essa questão será retomada na discussão dos resultados do teste de percepção, no qual serão inseridas também outras sequências homófonas.

adotado o prefixo *re-*, seguindo a lista de prefixos do PB proposta por Schwindt (2000, p. 99), em razão da inexistência de um prefixo com essa sequência exata, mantendo, em comparação com a sílaba *de* das demais estruturas do córpus, o mesmo tipo de vogal média (cf. (3.1b)).

(3.1)

a.	G1	G2	G3	G4
	de novo	de novo	demite	depressa
	de nojo	de nojo	demitir	de pressa
	de noite	de noite		decreta
	de noivo	de noivo		de Creta
b.			renova	
			renovar	

2. Ademais de a sílaba átona seguir a estrutura canônica, as sequências como um todo foram elaboradas a partir do padrão mais comum de palavras do português, que são trissílabos e dissílabos paroxítonos (BISOL, 1996). Quando o alvo foi uma ω, construímos uma estrutura de palavra com três sílabas (como em (3.2a)). Por sua vez, quando o alvo foi uma sequência de clítico e hospedeiro, foi construída uma estrutura de sílaba átona seguida de uma palavra dissílaba (como em (3.2b)). Lembrando que a exceção nesse padrão de acento de palavra foi no caso das palavras que compuseram as segundas sentenças dos dois pares do G3 (como em (3.2c)).

(3.2)

a.	G1	G2	G3	G4
			demite	depressa
			renova	decreta
b.	de novo	de novo		de pressa
	de nojo	de nojo		de Creta
	de noite	de noite		
	de noivo	de noivo		
c.			demitir	
			renovar	

3. Nas estruturas alvo, as duas primeiras sílabas apresentam sempre os mesmos segmentos (cf. (3.3)). Na adoção desse critério, consideramos a análise contrastiva dos pares, em que será analisada tanto a sílaba átona (pretônica e clítico) quanto a adjacente a ela.

(3.3)

a.	G1	G2	G3	G4
	de novo	de novo	demite	depressa
	de nojo	de nojo	demitir	de pressa
	de noite	de noite	renova	decreta
	de noivo	de noivo	renovar	de Creta

4. Em todos os pares, as sentenças têm número idêntico de sílabas e a mesma estruturação em constituintes prosódicos, como exemplificado em (3.4).

(3.4)

((O gerente)$_{\phi}$ (demite)$_{\phi}$ (maus servidores)$_{\phi}$)$_{I}$	3 ϕs e 1 I	12 sílabas
((Cogitavam)$_{\phi}$ (demitir)$_{\phi}$ (bons professores)$_{\phi}$)$_{I}$	3 ϕs e 1 I	12 sílabas

A gravação das sentenças foi realizada por noves informantes do sexo feminino. Como foi informado, as informantes eram falantes nativas do PB, universitárias do curso de Licenciatura em Letras do IBILCE/UNESP e residentes na região noroeste do estado de São Paulo. A seleção das informantes buscou atender à três requisitos:

(i) Garantir a análise da mesma variedade falada pelos alunos cujas produções escritas motivaram a elaboração dos testes experimentais;

(ii) Não apresentar problemas articulatórios que afetassem na leitura das sentenças;

(iii) Aceitar participar voluntariamente da pesquisa.

O procedimento de gravação das sentenças ocorreu no Laboratório de Fonética do IBILCE/UNESP, com o auxílio do *software* Sound Forge Pro 11.

As informantes receberam a orientação de realizar sempre três repetições de cada sentença. A técnica de repetição das sentenças se resguardou de possíveis problemas de leitura que poderiam afetar a qualidade da análise acústica. Durante a gravação, as sentenças foram ordenadas aleatoriamente, a fim de que as informantes não tomassem conhecimento dos fenômenos investigados e pudessem vir a produzir qualquer mudança na leitura que diferenciasse as estruturas. Esse cuidado metodológico foi adotado especialmente em atenção ao G4, formado pelos pares de sentenças homófonas, pois, como já atestaram Snedeker e Trueswell (2003), para gravações de sentenças ambíguas, os falantes tendem a sinalizar, durante a leitura, diferenças para estruturas idênticas por meio de mudanças prosódicas.

No decorrer da exposição dos subsídios teórico-metodológicos que embasaram a construção deste experimento de produção, adiantamos que a *duração* será o correlato fonético[55] a ser analisado e, também, que a *sílaba* será adotada como unidade de medida. A esse respeito, na próxima seção, discutiremos outra medida considerada tradicionalmente nos estudos fonéticos, a unidade VV, justificando a decisão, deste trabalho, por adotar outra medida, baseada em uma unidade fonológica.

3.2.3. *Procedimentos metodológicos aplicados à medida de duração*

Nesta tese, a proposta de análise do funcionamento prosódico dos clíticos preposicionais se assenta na relação entre unidade fonológica (sílaba) e informação fonética

[55] A duração consiste no tempo de produção de um dado elemento, tratando-se de um importante correlato acústico de acento no PB (MASSINI, 1991; CRUZ et. al., 2016).

(duração). Mesmo tendo sido definida a sílaba como a unidade de análise que auxiliará no encontro de respostas às questões deste trabalho, apresentamos uma análise comparativa de um conjunto de dados, cujo objetivo é o de verificar os resultados relativos ao tempo de duração quando considerada a produção da sílaba fonológica em contraste à produção da unidade fonética VV. Com efeito, vislumbramos verificar se há diferenças entre formas de medida de natureza fonética e de natureza fonológica.

A partir de Barbosa (2006), definimos que a unidade VV é uma sílaba fonética cujo limite é marcado a partir do *onset* de uma vogal até o *onset* da próxima vogal, como mostra a segmentação do enunciado "*Nosso convênio permite o intercâmbio porque visa à integração de alunos de culturas diferentes*", em (3.5).

(3.5)

> [N(oss) (o c) (onv) (ên) (io p) (erm) (it) (e) (o) (int) (erc) (âmb) (io p) (orq) (e v) (is) (a) (int) (egr) (aç) (ão d) (e) (al) (un) (os d) (e c) (ult) (ur) (as d) (if) (er) (ent)es]
>
> (cf. BARBOSA, 2006, p. 31, adaptado)

Seguindo o exemplo (3.5), o princípio básico na formação de unidades VV é a necessidade de sempre haver um *onset* de vogal. Com base nessa regra, a consoante que inicia o enunciado não constitui uma unidade VV, pois não há nenhuma vogal anterior para se ligar. Igualmente, a partir da última vogal não se forma uma unidade VV, já que não há *onset* de vogal seguinte para se juntar.

Ao fazer a comparação entre a sílaba fonológica e a unidade VV, Barbosa (2006, p. 30) discute que a unidade VV "tem a duração da ordem de grandeza daquela da sílaba, embora tanto o *onset* quanto o *offset* dessa mesma duração não sejam necessariamente coincidentes com os da sílaba fonológica". Por sua vez, independentemente da perspectiva

teórica, a tradição de estudos fonológicos converge para a definição da sílaba como unidade basilar, especialmente importante para a compreensão do funcionamento de um sistema linguístico (ABAURRE, 2001). Embora seja reconhecido que definir a sílaba, enquanto unidade fonológica, perpasse pela discussão de seu processo universal de representação e de silabação, assumimos ser suficiente aos intuitos desta tese a consideração da sílaba como unidade linguística relevante para a organização fonológica das línguas.

A seguir, será desenvolvida análise comparativa entre ambas as unidades, ou seja, VV e sílaba. Nessa comparação, dentre as possibilidades de configuração da sílaba em PB, consideraremos a configuração silábica CV em contraste com a unidade VV, conforme discutido a seguir.

3.2.3.1. Unidades VV e sílaba: análise teste para definição da unidade de medida

O objetivo de comparar as unidades VV e sílaba é o de verificar se haveria diferenças em se considerar como medida de duração uma unidade fonética e uma unidade fonológica. Para esta análise, consideraremos: (i) hipótese nula: as médias entre os tempos de duração das unidades VV e sílaba e entre as repetições são *iguais*; (ii) as médias entre os tempos de duração das unidades VV e sílaba e entre as repetições são *diferentes*.

Para desenvolvimento dessa análise, foi selecionado o primeiro par de sentenças do G1, retirado do *córpus* do experimento de produção. Em (3.6), são retomadas as sentenças, cuja característica, como já explicado, consiste em abrigar sequências de clítico e hospedeiro distintas quanto à estruturação sintática, ou seja, em (3.6a), está contemplado o funcionamento de locução (cf. "de novo") e, em (3.6b), está abrangido o funcionamento de

conector sintático da preposição (cf. "de nojo"). A escolha desse par se fundamentou no fato de ele representar diretamente parte das hipóteses de pesquisa (H1 e H2)[56].

(3.6)

a. As margaridas florescem *de novo* na fazenda.

b. As empregadas morriam *de nojo* de baratas.

Desta análise, participaram todas as informantes do teste de produção, as quais realizaram duas repetições para sentença, gerando um total de 72 gravações (9 informantes x 2 sentenças x 4 repetições). O primeiro passo da análise foi o de identificar, nas estruturas alvo (*de novo* e *de nojo*), as sílabas e unidades VV relevantes para a investigação. Definimos duas estruturas em cada uma das unidades, isto é, no caso da sílaba, consideramos o clítico preposicional e a primeira sílaba da palavra hospedeira, como apresentado em (3.7a)[57]. No caso da unidade VV, foram consideradas as unidades formadas a partir da vogal do clítico até o *onset* da vogal seguinte e da vogal seguinte até o próximo *onset*, como mostrado em (3.7b):

(3.7)

a. Sílaba

de novo
(**de**) (**no**)vo

de nojo
(**de**) (**no**)jo

b. Unidade VV

de novo
d(**e n**)(**ov**)o

de nojo
d(**e n**)(**oj**)o

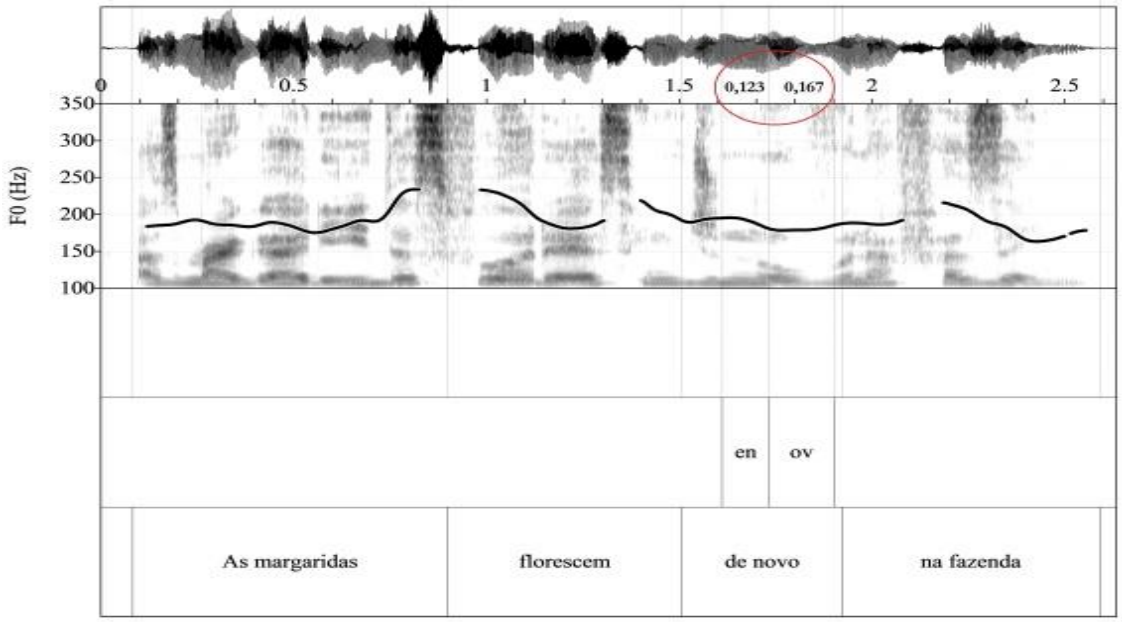
[56] Vale lembrar que o desenvolvimento das demais hipóteses de pesquisa se dará pela relação entre as características do G1 e do G3.

[57] Na análise efetiva dos dados será mantido o procedimento de analisar as sílabas contíguas. A justificativa para essa decisão será apresentada na seção 3.3, deste capítulo.

O segundo passo consistiu na edição das gravações por meio do *software* Praat (BOERSMA; WEENINK, 2016). A mensuração da duração das unidades VV e sílaba foram realizadas manualmente, ou seja, os limites das sílabas e unidades VV foram definidos tendo por base a forma da onda sonora e o espectrograma[58]. Para exemplificar esse método de extração das durações, apresenta-se, nas Figuras 1 e 2, a segmentação da sentença "*As margaridas florescem de novo na fazenda*", com destaque para o tempo de duração obtido para as unidades VV e sílaba na produção da sequência *de novo*.

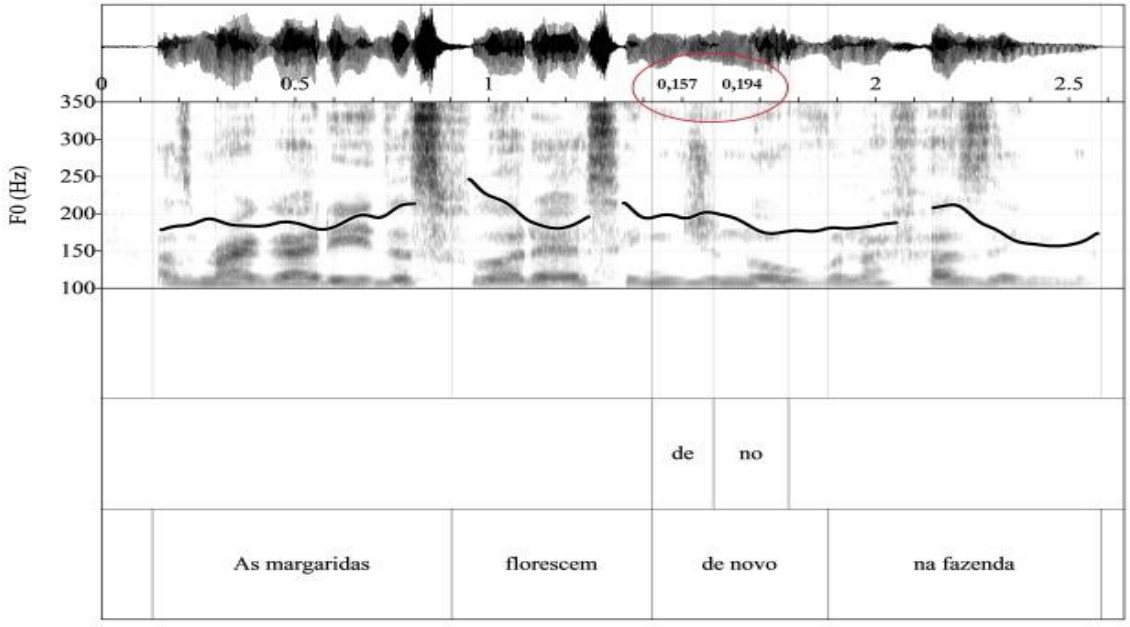
[58] Na identificação do tempo de duração da sílaba *de,* consideramos descrições sobre o reconhecimento espectrográfico da consoante [d] (ver RUSSO; BEHLAU, 1993).

Figura 1. Segmentação da estrutura *de novo* em unidades VV



Fonte: elaboração própria

Figura 2. Segmentação da estrutura *de novo* em sílabas



Fonte: elaboração própria

Nas figuras anteriores, destacamos os valores absolutos das durações, os quais apresentaram diferenças quando observadas as unidades VV e sílaba. Quanto à produção

das unidades VV, é possível observar que, em ambas as unidades, as durações foram sempre menores quando comparadas com as durações das sílabas. Portanto, perguntamos se essas diferenças no tempo de duração das unidades VV e sílabas seriam estatisticamente relevantes, de modo a distinguir uma unidade fonética e uma unidade fonológica.

Para tanto, aplicamos o teste ANOVA fator duplo com repetição. Foram estabelecidos os fatores *unidades de medida* e *repetições das estruturas*, sendo que ao segundo fator estiveram vinculados diferentes valores referentes às produções por cada uma das participantes da pesquisa. Dessa maneira, na combinação desses fatores, o teste permite observar a comparação entre:

(i) Unidade VV e Sílaba.

(ii) Repetição 1 e Repetição 2.

Seguindo a ordem de respostas comparativas do teste ANOVA, será possível concluirmos se:

(i) Existiriam diferenças quando consideradas apenas as medidas VV e sílaba;

(ii) As repetições das estruturas (unidades VV e sílabas) seriam idênticas;

Para chegar à averiguação desses resultados, preparamos o teste para contrastar cada uma das estruturas alvo (retomar organização em (3.22)) entre as unidades de medida, conforme apresentamos no Quadro 9:

Quadro 9. Tipos de comparações entre unidade VV e sílaba

Estrutura	**Unidade VV**	*versus*	**Sílaba**
de novo	en ov		de no
de nojo	en oj		de no

Fonte: elaboração própria

No que se refere à execução do teste ANOVA fator duplo com repetição, foi utilizado o Microsoft Office Excel, assumindo nível de significância de 5% (α= 0,05) e nível de confiança de 95%. Adicionalmente, informamos que a análise foi realizada com as medidas de duração normalizadas tanto para unidades VV quanto para sílaba.

As primeiras considerações de análise são feitas a respeito da sequência *de novo*. De partida, foram observadas semelhanças nos resultados obtidos com o teste ANOVA fator duplo com repetição, na comparação entre as unidades VV *en* e *ov* e as sílabas *de* e *no*. Em razão dessa similaridade, os tempos de duração identificados para as mencionadas unidades VV e sílabas, nas duas repetições realizadas pelas informantes, são apresentadas sequencialmente nas Tabelas 12 e 13. Posteriormente, abordamos o resultado do teste ANOVA.

Tabela 12. Duração em segundos da unidade VV (en) e da sílaba (de), na produção da estrutura *de novo*

Informantes	**VV** (en)			**Sílaba** (de)		
	Repetições		Média das repetições	Repetições		Média das repetições
	R1	R2		R1	R2	
Inf. 1	0,046	0,046	0,046	0,060	0,052	0,056
Inf. 2	0,051	0,049	0,050	0,060	0,058	0,059
Inf. 3	0,047	0,052	0,049	0,057	0,059	0,058
Inf. 4	0,046	0,043	0,044	0,059	0,060	0,060
Inf. 5	0,043	0,042	0,043	0,053	0,055	0,054
Inf. 6	0,047	0,043	0,045	0,056	0,059	0,058
Inf. 7	0,048	0,049	0,048	0,046	0,048	0,047
Inf. 8	0,045	0,056	0,050	0,052	0,058	0,055
Inf. 9	0,048	0,047	0,048	0,096	0,090	0,093

Fonte: elaboração própria

Tabela 13. Duração em segundos da unidade VV (ov) e da sílaba (no), na produção da estrutura *de novo*

Informantes	**VV** (ov)			**Sílaba** (no)		
	Repetições		Média das	Repetições		Média das
	R1	R2	repetições	R1	R2	repetições
Inf. 1	0,058	0,056	0,057	0,066	0,067	0,066
Inf. 2	0,060	0,057	0,058	0,072	0,072	0,072
Inf. 3	0,063	0,059	0,061	0,069	0,073	0,071
Inf. 4	0,057	0,053	0,055	0,066	0,066	0,066
Inf. 5	0,059	0,052	0,056	0,062	0,056	0,059
Inf. 6	0,052	0,051	0,052	0,065	0,063	0,064
Inf. 7	0,053	0,056	0,054	0,066	0,075	0,071
Inf. 8	0,048	0,062	0,055	0,065	0,081	0,073
Inf. 9	0,057	0,055	0,056	0,064	0,059	0,062

Fonte: elaboração própria

Fazendo uma observação geral sobre as médias, notamos que com a normalização dos tempos de duração se manteve a diferença entre unidades VV e sílabas, como mencionado anteriormente na consideração dos valores brutos (cf. Figuras 1 e 2). Ou seja, o tempo médio de produção das unidades VV foi sempre menor que o tempo médio de duração das sílabas para todas as informantes.

No que se refere aos resultados do ANOVA fator duplo com repetição, constatamos, com base nos dados da Tabela 14, que essas diferenças de tempo se mostraram significativas apenas em uma das comparações. O efeito estatisticamente relevante se manifestou para as formas de medida (en *vs.* de: p=0,000; ov *vs.* no: p=0,000), consequentemente, ao nível de significância de 5%, existem evidências estatísticas para rejeitar a hipótese nula de igualdade entre estas unidades de medidas. Logo, unidade VV e sílaba se constituem como métodos distintos de medir a duração. Já na comparação das repetições, não existem evidências estatísticas para rejeitar a hipótese nula de igualdade entre as repetições (en *vs.* de: p=0,889; ov *vs.* no: p=0,697).

Tabela 14. Resultado do teste ANOVA fator duplo com repetição sobre a comparação entre as unidades VV (en) e (ov) e as sílabas (de) e (no), na produção da estrutura *de novo*

Relações analisadas	**Unidade VV** (en) *versus* **Sílaba** (de)		**Unidade VV** (ov) *versus* **Sílaba** (no)	
	valor-F	valor-p	valor-F	valor-p
Unidade VV *versus* Sílaba	15,703	0,000	39,771	0,000
Repetições	0,0198	0,889	0,154	0,697
Interação	0,0120	0,914	0,588	0,449

Fonte: elaboração própria

A seguir, as Tabelas 15 e 16 apresentam os tempos de duração das unidades VV *en* e *oj* e sílabas *de* e *no*, na produção da sequência *de nojo*. Conforme constatado na análise da sequência *de novo*, para a sequência *de nojo*: (i) o resultado do ANOVA seguiu a mesma direção no que se referiu às comparações entre as duas unidades VV e sílabas delimitadas; (ii) a média de duração das unidades VV foi sempre menor que a média de duração das sílabas para todas as informantes.

Tabela 15. Duração em segundos da unidade VV (en) e da sílaba (de) na produção da estrutura *de nojo*

Informantes	**VV** (en)			**Sílaba** (de)		
	Repetições		Média das	Repetições		Média das
	R1	R2	repetições	R1	R2	repetições
Inf. 1	0,047	0,047	0,047	0,051	0,063	0,057
Inf. 2	0,052	0,047	0,049	0,060	0,062	0,061
Inf. 3	0,047	0,053	0,050	0,061	0,057	0,059
Inf. 4	0,049	0,047	0,048	0,058	0,059	0,058
Inf. 5	0,043	0,048	0,045	0,052	0,051	0,051
Inf. 6	0,052	0,047	0,049	0,065	0,061	0,063
Inf. 7	0,048	0,051	0,050	0,051	0,049	0,050
Inf. 8	0,054	0,054	0,054	0,061	0,059	0,060
Inf. 9	0,046	0,047	0,047	0,062	0,057	0,060

Fonte: elaboração própria

Tabela 16. Duração em segundos da unidade VV (oj) e da sílaba (no) na produção da estrutura *de nojo*

Informantes	**VV** (oj)			**Sílaba** (no)		
	Repetições		Média das	Repetições		Média das
	R1	R2	repetições	R1	R2	repetições
Inf. 1	0,059	0,057	0,058	0,067	0,074	0,070
Inf. 2	0,062	0,062	0,062	0,070	0,066	0,068
Inf. 3	0,057	0,062	0,060	0,068	0,069	0,069
Inf. 4	0,057	0,054	0,055	0,065	0,071	0,068
Inf. 5	0,052	0,048	0,050	0,067	0,068	0,068
Inf. 6	0,059	0,063	0,061	0,069	0,073	0,071
Inf. 7	0,056	0,064	0,060	0,073	0,071	0,072
Inf. 8	0,067	0,062	0,064	0,073	0,071	0,072
Inf. 9	0,062	0,059	0,061	0,060	0,059	0,059

Fonte: elaboração própria

A Tabela 17 expõe os resultados do teste ANOVA para a sequência *de nojo*. Verificamos que, na comparação entre as formas de medida, foi obtida diferença significativa (en *vs.* de: p=0,000; oj *vs.* no: p=0,000), rejeitando a hipótese nula que unidade VV e sílaba se constituem como métodos idênticos de medida de duração. Já, no que se refere às repetições (en *vs.* de: p=0,875; oj *vs.* no: p=0,805), os resultados não indicam diferenças significativas.

Tabela 17. Resultado do teste ANOVA fator duplo com repetição sobre a comparação entre as unidades VV (en) e (oj) e as sílabas (de) e (no), na produção da estrutura *de nojo*

Relações analisadas	**Unidade VV** (en) *versus* **Sílaba** (de)		**Unidade VV** (oj) *versus* **Sílaba** (no)	
	valor-F	valor-p	valor-F	valor-p
Unidade VV *versus* Sílaba	39,476	0,000	39,260	0,000
Repetições	0,025	0,875	0,062	0,805
Interação	0,007	0,933	0,132	0,719

Fonte: elaboração própria

Em suma, a análise das formas de medida em relação à produção das estruturas *de novo* e *de nojo* mostra que as diferenças observadas nos tempos médios das durações são significativas, resultado que rejeita a hipótese de igualdade assumida nesta análise.

Tradicionalmente nos estudos fonéticos, para a verificação da estrutura silábica, é aplicada a medida de unidades VV. O procedimento adotado por esta tese se distanciará desta tradição, para se alinhar à tradição de estudos fonológicos que reconhecem a importância da sílaba no entendimento de um sistema linguístico, além do fato de que "pode ser considerada uma unidade mental de evidências inegáveis" (ALVES, 2017, p. 125). Nesse sentido, a asserção presente na perspectiva fonológica é fundamental para a proposta de investigarmos a organização prosódica de sílabas átonas do PB.

3.3. Experimento de percepção de fala

O teste de percepção de fala foi planejado com o propósito de verificar se apenas informação de natureza acústica seria suficiente para identificar e categorizar o estatuto de uma sílaba átona, ou seja, como sendo uma sílaba pretônica ou como sendo uma palavra funcional. Para a definição do *design* experimental deste teste, nos fundamentamos em pesquisas que avaliaram o papel de fronteiras prosódicas na percepção de ambiguidades temporárias. Esses trabalhos, serão detalhados na seção, a seguir.

3.3.1. *Bases teórico-metodológicas*

No capítulo anterior, a partir dos dados de segmentação de palavras escritas procuramos destacar o fato de uma mesma cadeia fônica estar associada a duas estruturas linguísticas, notadamente em relação aos estatutos diferentes de uma sílaba átona, isto é: uma sílaba que é parte de palavra (como em: **de**vagar) ou uma sílaba que corresponde a preposições (palavra funcional) com diferentes funcionamentos morfossintáticos (como em: **de** repente *versus* **de** presente). Essa complexidade permitiu problematizar o estatuto

dessas sílabas átonas pela investigação das motivações que levariam à flutuação gráfica dessas formas, discutindo em que medida elas poderiam indiciar a prosodização de clíticos preposicionais.

Relacionando-se com a discussão que nos interessa sobre diferenças entre sílabas homófonas, Severino (2011) e Millote et. al. (2007) investigaram a atuação de informações fonético-fonológicas de fronteiras prosódicas na desambiguação de estruturas com mesma cadeia segmental. Dessa maneira, Severino (2011, p. 24), para o PE, e Millote et. al. (2007, p. 909), para o francês, trataram de ambiguidades provisórias, como mostrado, respectivamente, em (3.8) e (3.9).

(3.8)

a. A toalha *larga* mancha a roupa branca.

b. A toalha *larga* muita tinta vermelha.

(3.9)

a. Ce président *illustre* lit très peu de romans contemporains.
Esse presidente ilustre lê muito pouco de romances contemporâneos.

b. Ce président *illustre* la réussite sociale et professionnelle.
Esse presidente ilustra o sucesso social e profissional.

Na devida ordem, em (3.8) e em (3.9), as cadeias fônicas das palavras *larga* e *illustre* associam-se a diferentes sentidos, os quais são identificados pelas sequências de palavras que lhes estão posteriores: (i) em (3.8a), *larga* é um adjetivo ligado ao substantivo *toalha*, enquanto em (3.8b), *larga* é forma do verbo *largar*; (ii) do mesmo modo no francês, em (3.9a), a palavra *illustre* funciona como adjetivo de *président*, porém, em (3.9b), é forma verbal do verbo *illustre*.

O fato de a palavra ambígua funcionar como adjetivo ou verbo tem consequências no fraseamento prosódico, porque envolvidas diferentes estruturas sintáticas. No caso de ser um adjetivo, tem-se a formação, pela relação sintática entre as palavras (o substantivo e a palavra ambígua), de uma única ϕ, como mostra (3.10). Quando a palavra alvo é um verbo, a relação sintática entre essa palavra e a palavra seguinte se altera de modo que se observa a formação de duas ϕs, sendo a primeira formada pela palavra anterior à palavra alvo, no caso, um substantivo, e a segunda ϕ, pela palavra alvo, que funciona como forma verbal, como mostra (3.11).

(3.10)

(a toalha larga)$_{\phi}$
(ce président illustre)$_{\phi}$

(3.11)

(a toalha)$_{\phi}$ (larga)$_{\phi}$
(ce président)$_{\phi}$ (illustre)$_{\phi}$

No entanto, além de Severino (2011) e Millote et. al (2007), outras pesquisas analisaram a relação entre fronteira prosódica e desambiguação. A fim de justificar a filiação desta tese com os estudos feitos sobre o PE e o francês, a seguir, esclarecemos em que medida essas pesquisas se distanciam de outras com a mesma proposta.

Restringindo a estudos sobre o português, cabe aqui reportar a investigação feita por Gravina e Fernandes-Svartman (2013) sobre o PB. As autoras trataram de estratégias prosódicas no desfazimento de ambiguidades sintáticas em contexto de choque acentual, como se apresenta em (3.12), onde se destacam as sílabas em contexto de choque acentual (sublinhadas) e a formação de ϕ, conforme descrição das autoras:

(3.12)

Encontrei o professor de balé *russo*.
a. Encontrei [o professor de balé]ϕ [*russo*]ϕ
b. Encontrei [o professor]ϕ [de balé *russo*]ϕ

Segundo o exemplo, a palavra *russo* está associada à duas interpretações. Na primeira, em (3.12a), *russo* é adjetivo do substantivo *professor* e, portanto, o professor é de origem russa. Na segunda interpretação, em (3.12b), *russo* é adjetivo do substantivo *balé* e, nesse caso, a dança que é de origem russa.

Analisando outras estruturas com a mesma característica de (3.12), Gravina e Fernandes-Svartman (2013) concluíram que a resolução de choque de acentos atuou sobre a desambiguação. As autoras verificaram que, quando o choque foi desfeito pela retração do acento da primeira palavra (balé russo), ocorreu a formação de uma só ϕ e o sentido da palavra ambígua está diretamente relacionado à palavra imediatamente antecedente. Por sua vez, quando o choque foi desfeito por meio da inclusão de pausas ou de associação de acentos tonais a cada uma das palavras prosódicas envolvidas no contexto de choque, ocorreu a formação de duas ϕs e o sentido da palavra ambígua está relacionado não mais à palavra anterior *balé*, mas a *professor*.

No PE, Fonseca e Vigário (2011, p. 266) investigaram a importância da fronteira prosódica para a resolução de ambiguidades estruturais, do tipo exemplificado em (3.13):

(3.13)

A mulher varria *o tapete* continuava sujo e a limpeza tardava.

Esse tipo de ambiguidade, diferente da analisada por Gravina e Fernandes-Svartman (2013) para o PB, se caracteriza, em PE, pela posição ambígua do sintagma nominal *o tapete*, que pode funcionar como objeto do verbo que lhe precede (i.e., *varria o*

tapete), mas, alternativamente, *tapete* pode ser sujeito do verbo que lhe segue (i.e., *o tapete continuava*). Fonseca e Vigário (2011) detectaram que os falantes investigados marcaram, na sua produção, fronteiras prosódicas, relacionadas à interpretação da função que atribuíram ao sintagma nominal na estrutura sintática ambígua. Por exemplo, quando o sintagma foi interpretado como objeto do verbo precedente, uma fronteira de I foi inserida após o sintagma ambíguo (cf. 3.14a). Porém, quando o mesmo sintagma foi entendido como sujeito do verbo seguinte, uma fronteira inicial de I foi marcada a partir de *tapete* que funciona como sujeito do verbo *continuava* (cf. 3.14b).

(3.14)

a. (a mulher varria o tapete)$_I$
b. (o tapete continuava sujo e a limpeza tardava)$_I$

Comparando os estudos de Gravina e Fernandes-Svartman (2013) sobre o PB, e Fonseca e Vigário (2011) sobre o PE, com os estudos de Severino (2011) sobre o PE e Millote et. al. (2007) sobre o francês, apresentados inicialmente, é possível observar um ponto de aproximação e outro ponto de distanciamento entre eles. A aproximação, como adiantado, decorre do fato de os trabalhos avaliarem informações de fronteiras prosódicas na desambiguização de estruturas sintáticas. Por sua vez, o ponto de distanciamento está no tipo de estrutura ambígua em análise, pois em Gravina e Fernandes-Svartman (2013) e Fonseca e Vigário (2011) está em jogo ambiguidade sintática. Em Millote et. al. (2007) e Severino (2011), a ambiguidade é lexical, pois estão associadas duas interpretações morfossintáticas a uma cadeia fônica que corresponde a um item lexical. Portanto, uma vez que este trabalho busca por informações que diferenciem sílabas átonas homófonas, há

maior aproximação com as bases teórico-metodológicas das pesquisas de Severino (2011) e Millote et. al. (2007).

Passando aos resultados dessas pesquisas, Severino (2011) analisou as fronteiras de todos os constituintes prosódicos, desde a ω até a I, se baseando nas descrições sobre a estrutura prosódica do PE feitas por Frota (2000) e Vigário (2010). Para isso, a autora controlou a presença de um elemento ambíguo em distintas fronteiras prosódicas, obtendo os seguintes contrastes entre elas:

1. Sem fronteira prosódica *versus* ω (cf. 3.15):

(3.15)

a. Este médico *investiga*dor irá chefiar o hospital.
b. Este médico *investiga dor* em doentes com leucemia.

2. ω *versus* PWG (cf. 3.16):

(3.16)

a. Diz-se que *passa tempos* muito longos a comentar as revistas.
b. Diz-se que *passatempos* muito longos promovem o raciocínio.

3. ω *versus* ϕ (cf. 3.17):

(3.17)

a. Esta *obra-prima* terá um enorme sucesso.
b. Esta *obra prima* pelo bom gosto estético.

4. PWG *versus* ϕ (cf. 3.18):

(3.18)

a. A etiqueta indica que a *placa dura* suporta bastante peso.
b. A etiqueta indica que a *placa dura* seis meses dentro da água.

5. PWG *versus* I (cf. 3.19):

(3.19)

a. Penso que o *ciclista vencedor* fará as olimpíadas em dezembro próximo.

b. Penso que o *ciclista, vencedor* de seis provas, ficou feliz com os resultados.

6. ϕ *versus* I (cf. 3.20):

(3.20)

a. Uma vez *chegado o professor*, começarei o espetáculo.

b. Uma vez *chegado o professor* começou o espetáculo

Já Millote et. al. (2007) investigou estruturas ambíguas somente em fronteira de ϕ em francês. Para caracterização dessa fronteira, os autores analisaram, por um lado, a borda direita da ϕ, quando palavra antecedente e elemento ambíguo formaram um único constituinte (cf. (ce président *illustre*)$_{\phi}$) e, por outro lado, a borda esquerda da ϕ, quando a palavra ambígua constituiu um domínio sozinho (cf. (ce président)$_{\phi}$ (*illustre*)$_{\phi}$). O resultado da análise acústica das duas fronteiras (direita e esquerda) mostrou que a duração da borda direita foi mais longa e o contorno de F0 foi descente, enquanto da borda esquerda a duração foi menor e o contorno foi ascendente. A conclusão dos autores foi de que, no francês, as fronteiras de ϕ são marcadas quando nelas estão envolvidas ambiguidades.

Millote et. al. (2007) submeteram suas sentenças com estruturas ambíguas a uma tarefa *completion* de percepção, em que foi solicitado aos participantes a elaboração de um final para um estímulo acústico ouvido (mais detalhes sobre a natureza dessa tarefa são dados na próxima seção). Na aplicação do teste com ouvintes franceses, Millote et. al. (2007) observaram que as sentenças em que palavra ambígua correspondeu a um adjetivo, ou seja, formou uma ϕ com a palavra anterior, foram completadas mais corretamente quando comparadas às estruturas ambíguas que corresponderam sozinhos a uma ϕ. Segundo esse resultado, foi possível afirmar que evidências acústicas de fronteira prosódica

atuaram sobre a percepção de estruturas sintáticas distintas. Portanto, no francês, "fronteiras de frase fonológica são espontaneamente produzidas e guiam as análises sintáticas de sentenças faladas" (MILLOTE et. al., 2007, p. 905)[59].

Tal como Millote et al. (2007), Severino (2011) adotou mesma metodologia de tarefa *completion* para teste de percepção. No PE, dois tipos de informantes participaram dessa tarefa: os que conheciam os propósitos do estudo e tinham formação para identificação de fronteiras prosódicas (informante *expert*) e os que não conheciam o estudo e tampouco tinham conhecimento específico em prosódia (informante *naïve*). Os resultados revelaram que, de modo geral, os informantes se utilizaram de informações acústicas envolvidas nas fronteiras prosódicas para a desambiguação das sentenças, sobretudo, nos contrastes entre ω *versus* ϕ, PWG *versus* I, ϕ *versus* I e, no caso específico dos informantes *expert*, entre PWG *versus* ϕ. Já nos contextos em que a estrutura ambígua se manteve em um domínio não ocorreu desambiguação, como nos contrastes entre sem fronteira prosódica *versus* ω e ω *versus* PWG.

Nesta tese, adotaremos a metodologia da tarefa *completion* a partir de estruturas envolvendo sílabas em cadeia fônica ambígua. É importante destacar que nenhuma das pesquisas de referência testaram estruturas contendo um elemento clítico, entretanto, deve ser considerado o resultado de Severino (2011), acerca de a percepção de ambiguidades no domínio da palavra ter sido baixa em relação aos domínios prosódicos que envolvem estruturas sintáticas maiores como sintagma ou sentença.

[59] Original: "Phonological phrase boundaries are thus spontaneosly produce and guide the syntatic analysis of spoken sentences".

Ademais dos estudos que embasaram a criação do *design* experimental do teste de percepção, outro aspecto teórico considerado, nesta tese, foi o da discussão do conceito de *percepção* de fala no interior dos estudos linguísticos.

De acordo com Berti (2008, p. 45), quatro questões direcionam o entendimento do processo de percepção de fala, a saber:

> a) de que forma os ouvintes extraem a informação necessária para a compreensão da fala; b) de que forma os ouvintes identificam os sons da fala a partir de um encadeamento contínuo de sons, numa taxa de transmissão que geralmente ultrapassa a capacidade de resolução do mecanismo auditivo; c) os ouvintes processariam o sinal de fala numa base predominantemente auditiva ou extrairiam a informação fonética necessária sobre como os sons são produzidos; ou, ainda, d) os ouvintes realizariam ambos os tipos de procedimentos.

Os pontos sintetizados por Berti (2008) traduzem a problemática principal a ser enfrentada pelas teorias de percepção de fala, a qual consiste em definir aquilo que é percebido ou, em outros termos, o objeto da percepção.

Em uma perspectiva auditiva (cf. FANT, 1964), perceber é apreender padrões relacionados à natureza física do sinal acústico, sendo um processo realizado pelo sistema auditivo. Críticas a essa visão restritiva entre percepção e audição é feita pela abordagem da Teoria Motora de percepção de fala (cf. LIBERMAN; MATTINGLY, 1985). Nessa outra abordagem, a produção e a percepção da fala estão estritamente relacionadas, porque o objeto da percepção consiste no gesto articulatório. Ademais da relação produção-percepção na definição do objeto percebido, a teoria motora defende existir um módulo especializado (no cérebro humano) responsável exclusivamente pela percepção da fala.

O abandono da ideia de o objeto de percepção da fala ser de natureza puramente auditiva veio, sobretudo, com a constatação do Efeito McGurk, fenômeno bastante desafiador às teorias de percepção de fala. Esse efeito resulta do experimento desenvolvido por McGurk e MacDonald (1976), por meio do qual foram avaliadas as implicações da

união entre aspecto visual e auditivo para a percepção da fala. Anterior à aplicação do experimento, foram preparados estímulos visuais e auditivos a partir da produção de quatro sequências fônicas: [ba-ba], [ga-ga], [pa-pa] e [ka-ka]. Em seguida, os estímulos foram sincronizados para a obtenção de arquivos audiovisuais compostos pela seguinte combinação:

(3.21)

Voz (estímulo auditivo)	Vídeo (estímulo visual)
ba	ga
ga	ba
pa	ka
ka	pa

A primeira parte de execução do experimento consistiu em apresentar aos participantes somente o estímulo auditivo, sem acesso ao estímulo visual. Nessa etapa, o índice de percepção da sequência produzida foi bastante alto. Já a segunda parte do teste foi a apresentação do arquivo audiovisual manipulado. Nesse caso, as respostas revelaram que a percepção dos sujeitos não foi da sequência fônica de nenhum dos segmentos registrados nos estímulos, mas sim de uma terceira sequência diferente[60].

Os achados de McGurk e MacDonald (1976) problematizaram que na percepção da fala interagiriam informações de natureza acústica e visual simultaneamente, por exemplo. Mais recentemente, o estudo de Schwartz et. al. (2012) mostrou que a percepção também não se restringe a estímulos auditivo e visual, defendendo, pois, a perspectiva multissensorial de percepção da fala. Essa abordagem propõe que a percepção passa por um sistema *multissensorial*, no qual estão interligados todos os sentidos na convergência do objeto percebido. Uma consequência dessa abordagem é a de refutação da ideia de

[60] Uma reprodução do Efeito McGurk pode ser encontrada em: https://www.youtube.com/watch?v=aFPtc8BVdJk

modularidade específica de percepção da fala (defendida pela Teoria Motora), na medida em que a percepção passa a ser vista como sistema dinâmico. Outra consequência é a de conceber a percepção da fala como multimodal. Na reunião dessas consequências, linguisticamente é possível pensar que o objeto percebido é resultado da integração de informações acessíveis ao sujeito por meio da língua (informações sintáticas, fonético-fonológicas, por exemplo), do sistema multissensorial (advindo de semioses distintas, isto é, acústica e visual) e, também, do que se poderia chamar de certa perspectiva teórica de "extralinguístico" (representações construídas a partir vivências na própria língua(gem)).

No presente trabalho, a percepção é compreendida segundo essa perspectiva multimodal. Essa filiação se justifica porque a natureza da resposta ("o objeto percebido") ao teste *completion*, que consistirá na identificação (ou não) de que a estrutura ouvida é uma palavra ou uma sequência de clítico e hospedeiro, só é capaz de ser obtida por meio do entrecruzamento de informações linguísticas (semântica, sintática, fonético-fonológica) e as chamadas extralinguísticas que aqui serão entendidas como frutos de representações que o ouvinte tem daquela estrutura ouvida (ROQUE; BERTI, 2015; SCHIER, 2017).

3.3.2. *Design do experimento de percepção de fala*

Para o teste de percepção foram construídas 18 sentenças, distribuídas em nove pares, envolvendo palavras e sequências de clítico e hospedeiro com a mesma cadeia segmental (retomar Quadro 8, sobre composição do G4). Essa dinâmica de construção das sentenças pretendeu garantir que no estímulo auditivo para o teste de percepção estivesse presente apenas informação de natureza sonora, a fim de verificarmos se apenas essa

informação seria suficiente para ser identificado quando a sílaba átona seria um clítico e quando ela seria uma sílaba pretônica.

Desse modo, as sentenças elaboradas envolveram ambiguidade temporária, na medida em que, embora houvesse duas estruturas morfossintáticas associadas à cadeia fônica, a informação morfossintática subsequente era suficiente para desfazer a ambiguidade, como explicitado em (3.22), a seguir.

(3.19)

a. (*O material*)$_{SN}$ (*encaixa*)$_{SV}$ nessa prateleira.
b. (*O material*)$_{SN}$ (*em caixa*)$_{SP}$ fica separado.

Nesse exemplo, verifica-se que *nessa prateleira*, em (3.22a), é complemento do verbo *encaixar*; já a sequência *fica separado*, em (3.22b), possibilita a interpretação de *em caixa* como adjunto adverbial preposicionado (SP), composto pela preposição *de* seguida do substantivo *caixa*.

Para desenvolvimento do experimento, a partir dos nove pares de sentenças foram construídos os estímulos auditivos, os quais compuseram uma tarefa para o ouvinte completar o enunciado, denominada na literatura por *completion*. Essa tarefa de percepção faz uso de estímulos auditivos para testar estratégias de desfazimento de ambiguidades temporárias (MILLOTE et. al., 2007; SEVERINO, 2011). Assim, o procedimento dessa tarefa consiste em: 1) apresentar ao ouvinte áudio com sentenças editadas até o limite final da cadeia fônica ambígua, e 2) solicitar que o ouvinte complete, por escrito, o enunciado ouvido. O ouvinte não tem acesso ao enunciado final, que permitiria identificar possibilidades de intepretação da ambiguidade da cadeia fônica investigada.

Foram selecionadas, para a composição das sentenças, estruturas homófonas envolvendo as sílabas *de*, *em* e *com*, tendo sido construídos três pares de sentenças. No tocante à sílaba *de*, as estruturas "decreta" *versus* "de Creta" e "depressa" *versus* "de pressa" compuseram o G4 do experimento de produção, pelo motivo de que ambos os pares atenderam aos critérios propostos para a formação desse experimento[61].

Portanto, é importante esclarecer as diferenças nos tipos de sílabas átonas consideradas nos testes de produção e de percepção, uma vez que, na análise acústica, a variabilidade na estrutura silábica das preposições poderia afetar negativamente os resultados. Para amenizar possíveis problemas, optamos, pois, em analisar apenas a produção do clítico preposicional com a estrutura da sílaba canônica CV.

As sentenças que deram origem aos estímulos auditivos foram gravadas pelas informantes do teste de produção. Dentre as gravações, foi selecionada a produção de uma das informantes para compor os estímulos auditivos deste experimento. A preparação dos estímulos ocorreu por meio da edição do sinal acústico, em que foi feita a eliminação de toda a cadeia fônica seguinte à estrutura alvo. Para essa tarefa, foi utilizado o *software* Sound Forge Pro 11.

Conforme informado, os participantes do experimento de percepção foram nove graduandos do curso de Licenciatura em Letras do IBILCE/UNESP, falantes nativos do PB e residentes na região do noroeste paulista. Para a seleção dos informantes, seguimos três critérios:

(i) Não ter participado do teste de produção;

[61] Outro par formado com a sílaba *de* foi "demais" *versus* "de mais", nas seguintes sentenças: "Os militantes precisam *demais* da concordância do povo" e "Os militantes precisam *de mais* pessoas na passeata". Quanto ao fraseamento prosódico, essas estruturas se diferenciaram em relação aos outros pares, pois nas sentenças que compuseram o G4, as ϖs das sequências alvo eram os elementos cabeça do ϕ ao qual faziam parte, já, por sua vez, a sequência *de mais* não seguiu essa mesma organização: (Os militantes)$_{\phi}$ (precisam)$_{\phi}$ (**de mais** pessoas)$_{\phi}$ (na passeata)$_{\phi}$. Dada essa diferença, o par "demais *versus* de mais" ficou fora da análise acústica.

(ii) Não apresentar problemas auditivos que pudessem dificultar o entendimento dos estímulos; e

(iii) Aceitar participar voluntariamente da pesquisa.

Somado a esses critérios gerais, vale ressaltar outro aspecto importante da escolha dos informantes: tratam-se de sujeitos em formação superior em língua portuguesa, característica que garante que as respostas dadas no teste não sejam vinculadas ao desconhecimento ortográfico das estruturas ouvidas.

Na aplicação do teste, foi utilizado o programa Perception Evaluation Auditive & Visuelle (PERCEVAL), desenvolvido no Laboratório "Parole et Langage" da universidade Aix-Marseille, na França (ANDRÉ et. al., 2017). Com o auxílio desse *software*, foi programada a execução de cada estímulo auditivo três vezes, a fim de garantir que esses tivessem sido efetivamente compreendidos. Assim, na tela do computador, os estímulos auditivos foram apresentados automaticamente e os informantes orientados a ouvir as três repetições antes de apresentar as respostas, por escrito, em uma folha numerada para cada áudio. Tão logo eles tivessem respondido a um estímulo, poderiam passar para o próximo pressionando a tecla ENTER do computador. Na realização do teste, os participantes utilizaram fones de ouvido plugados ao computador.

Para familiarizar os participantes com a dinâmica da tarefa a ser desempenhada, foram incluídas duas sentenças distratoras para treino, retiradas do córpus do experimento de produção. Quanto à forma de resposta, não foram fornecidas instruções aos informantes sobre como deveriam complementar os estímulos, de modo que tiveram total liberdade para continuarem a sentença da forma como julgaram o mais apropriado, sem definição de tempo para resposta. O tempo de resposta poderia ter sido quantificado, uma vez que o PERCEVAL é um programa que permitia controlar o tempo de reação para cada

estímulo. Porém, essa não foi uma variável possível de ser controlada dada a natureza da tarefa solicitada, pois os complementos aos enunciados, propostos pelos participantes, variaram com frequência de tamanho (desde uma palavra até uma frase completa), fator que interferiu no tempo de resposta, mas que não pôde ser relacionado à dificuldade de compreensão do estímulo.

Na intenção de que não tomassem conhecimento acerca do fenômeno testado, os estímulos auditivos e os informantes foram divididos em dois grupos. Em um deles constaram os estímulos cujo alvo era a ω e no outro grupo os estímulos agruparam as sequências de clítico e hospedeiro. Apresentamos, nos Quadros 9 e 10, as sentenças e os estímulos auditivos de cada um dos grupos.

Quadro 10. Sentenças e estímulos auditivos para o alvo palavra prosódica

Sentenças	Estímulos auditivos
Os militantes precisam *demais* da concordância do povo.	Os militantes precisam *demais*
Necessitamos *depressa* dos documentos na reunião.	Necessitamos *depressa*
O governo *decreta* nova reforma da previdência.	O governo *decreta*
O material *encaixa* nessa prateleira.	O material *encaixa*
Não saberemos *enquanto* Mariana estiver em casa.	Não saberemos *enquanto*
Esperamos que *enfrente* com coragem seus maiores problemas.	Esperamos que *enfrente*
O Bruno sofreu *congestão* na mesa do bar.	O Bruno sofreu *congestão*
Hoje cedo *compus* novos poemas, com versos de dez sílabas.	Hoje cedo *compus*
Discutimos *contextos* para pintar o novo quadro.	Discutimos *contextos*

Fonte: elaboração própria

Quadro 11. Sentenças e estímulos auditivos para o alvo clítico

Sentenças	Estímulos auditivos
Os militantes precisam *de mais* pessoas na passeata.	Os militantes precisam *de mais*
Necessitamos *de pressa* com os documentos firmados.	Necessitamos *de pressa*
O governo *de Creta* discute propostas na reunião.	O governo *de Creta*
O material *em caixa* fica separado.	O material *em caixa*
Não saberemos *em quanto* tempo Mara estará em casa.	Não saberemos *em quanto*
Esperamos que *em frente* do colégio construam boas calçadas.	Esperamos que *em frente*
O Bruno sofreu *com gestão* de funcionários.	O Bruno sofreu *com gestão*
Hoje cedo *com pus* na sua garganta, o Bruno foi ao médico.	Hoje cedo *com pus*
Discutimos *com textos* as teorias linguísticas.	Discutimos *com textos*

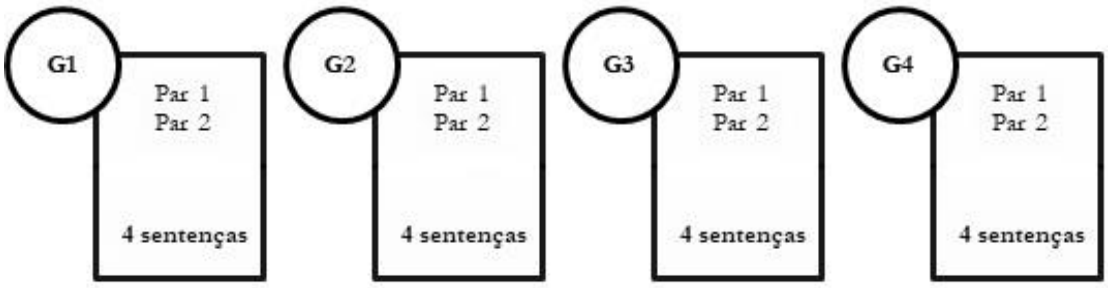
Fonte: elaboração própria

A seguir, apresentaremos a forma de análise dos dados dos experimentos de produção e de percepção de fala.

3.4. Forma de análise dos dados experimentais

A fim de apresentar o modo como serão analisados os dados do experimento de produção, na Figura 3, retomamos a composição do córpus deste teste, pois com base na sua organização serão estabelecidas as etapas de análise.

Figura 3. Estrutura do córpus de sentença do experimento de produção de fala



Fonte: elaboração própria

Considerando, pois, a organização do córpus, definimos as médias do tempo de duração das estruturas alvo serão comparadas em três etapas:

(i) No interior de cada par;

(ii) Dentro dos grupos;

(iii) Entre os grupos.

Na primeira etapa da análise, será verificado, entre os membros dos pares, se haveriam diferenças significativas nos tempos de duração das sílabas átonas (clítico ou sílaba pretônica, a depender do grupo) – "sílaba 1" – e das sílabas imediatamente adjacentes

às sílabas átonas – "sílaba 2" –, em relação à contraposição entre "sentença 1" e "sentença 2". A organização dessa etapa está explicitada nos Quadros 12 a 15, a seguir.

Como na análise para definição da unidade de medida, mantivemos a mensuração da sílaba adjacente ao elemento átono alvo da investigação. Embora o córpus de sentenças tenha sido construído com o intuito de definir um funcionamento prosódico dos clíticos preposicionais, na análise dos dados, não desconsideramos a unidade seguinte ao elemento átono para atingir o propósito da pesquisa, já que se ponderou a possibilidade de a diferença de duração poder emergir no elemento adjacente, devido à unidade átona estar sempre localizada na fronteira inicial de um constituinte prosódico.

Quadro 12. Tipos de comparações entre os pares do G1

Pares	Sentenças	Estruturas alvo	Sílabas	Comparação
PAR 1	1 *vs.* 2	de novo *vs.* de nojo	1: de *vs.* 2: no	**de** novo *vs.* **de** nojo
				de **no**vo *vs.* de **no**jo
PAR 2	1 *vs.* 2	de noite *vs.* de noivo	1: de *vs.* 2: noi	**de** noite *vs.* **de** noivo
				de **noi**te *vs.* de **noi**vo

Fonte: elaboração própria

Quadro 13. Tipos de comparações entre os pares do G2

Pares	Sentenças	Estruturas alvo	Sílabas	Comparação
PAR 1	1 *vs.* 2	de novo *vs.* de nojo	1: de *vs.* 2: no	**de** novo *vs.* **de** nojo
				de **no**vo *vs.* de **no**jo
PAR 2	1 *vs.* 2	de noite *vs.* de noivo	1: de *vs.* 2: noi	**de** noite *vs.* **de** noivo
				de **noi**te *vs.* de **noi**vo

Fonte: elaboração própria

Quadro 14. Tipos de comparações entre os pares do G3

Pares	Sentenças	Estruturas alvo	Sílabas	Comparação
PAR 1	1 *vs.* 2	demite *vs.* remitir	1: de *vs.* 2: mi	**de**mite *vs.* **de**mitir
				de**mi**te *vs.* de**mi**tir
PAR 2	1 *vs.* 2	renova *vs.* renovar	1: de *vs.* 2: no	**re**nova *vs.* **re**novar
				re**no**va *vs.* re**no**var

Fonte: elaboração própria

Quadro 15. Tipos de comparações entre os pares do G4

Pares	Sentenças	Estruturas alvo	Sílabas	Comparação
PAR 1	1 *vs.* 2	depressa *vs.* de pressa	1: de *vs.* 2: pres	**de**pressa *vs.* **de** pressa
				de **pres**sa *vs.* de **pres**sa
PAR 2	1 *vs.* 2	decreta *vs.* de Creta	1: de *vs.* 2: cre	**de**creta *vs.* **de** Creta
				de**cre**ta *vs.* de **Cre**ta

Fonte: elaboração própria

Os resultados da primeira etapa de análise passarão por tratamento estatístico por meio do Teste *t* para amostras pareadas, pois os dados apresentavam dependência entre si (as variáveis controladas foram produzidas sempre pelo mesmo informante). Com o auxílio desse teste, será verificado se as médias de duração eram diferentes ou iguais do ponto de vista da relevância estatística. Desse modo, com a comparação interna aos pares, os resultados indicarão se o tempo de duração: (i) no **G1** e no **G2**, distinguem os clíticos preposicionais em cada funcionamento sintático; (ii) no **G3**, mostram diferenças entre sílabas pretônicas com diferentes estatutos (prefixo e não prefixo) e que estão adjacentes ou a uma posição de distância da sílaba tônica; e (iii) no **G4**, diferenciam clíticos e sílabas pretônicas presentes em estruturas segmentalmente iguais.

Na segunda etapa da análise, verificaremos se há diferenças nos tempos de duração da "sílaba 1" entre os pares do mesmo grupo. Nessa etapa, será considerada a comparação entre a sílaba idêntica em todos os pares. Portanto:

1) no **G1** e no **G2**, serão comparados os casos de locução e as ocorrências da preposição, como mostrado nos Quadros 16 e 17:

Quadro 16. Tipos de comparações no interior do G1

Pares	Sentenças	Estruturas alvo	Sílabas	Comparação
PAR 1 *vs.* PAR 2	1 *vs.* 1	de novo *vs.* de noite	1: de *vs.* 1: de	**de** novo *vs.* **de** noite
PAR 1 *vs.* PAR 2	2 *vs.* 2	de nojo *vs.* de noivo	1: de *vs.* 1: de	**de** nojo *vs.* **de** noivo

Fonte: elaboração própria

Quadro 17. Tipos de comparações no interior do G2

Pares	Sentenças	Estruturas alvo	Sílabas	Comparação
PAR 1 *vs.* PAR 2	1 *vs.* 1	de novo *vs.* de noite	1: de *vs.* 1: de	**de** novo *vs.* **de** noite
PAR 1 *vs.* PAR 2	2 *vs.* 2	de nojo *vs.* de noivo	1: de *vs.* 1: de	**de** nojo *vs.* **de** noivo

Fonte: elaboração própria

2) no **G3**, serão comparadas sílabas pretônicas adjacentes à sílaba tônica e sílabas pretônicas a uma posição de distância da tônica, como detalhado no Quadro 18:

Quadro 18. Tipos de comparações no interior do G3

Pares	Sentenças	Estruturas alvo	Sílabas	Comparação
PAR 1 *vs.* PAR 2	1 *vs.* 1	demite *vs.* renova	1: de *vs.* 1: de	**de**mite *vs.* **re**nova
PAR 1 *vs.* PAR 2	2 *vs.* 2	demitir *vs.* renovar	1: de *vs.* 1: de	**de**mitir *vs.* **re**novar

Fonte: elaboração própria

3) no **G4**, serão comparadas sílabas pretônicas e clíticos, como detalhado no Quadro 19:

Quadro 19. Tipos de comparações no interior do G4

Pares	Sentenças	Estruturas alvo	Sílabas	Comparação
PAR 1 *vs.* PAR 2	1 *vs.* 1	depressa *vs.* decreta	1: de *vs.* 1: de	**de**pressa *vs.* **de**creta
PAR 1 *vs.* PAR 2	2 *vs.* 2	de pressa *vs.* de Creta	1: de *vs.* 1: de	**de** pressa *vs.* **de** Creta

Fonte: elaboração própria

As comparações da segunda etapa passarão por um teste de comparações múltiplas, o ANOVA um fator, e para os casos que forem verificadas diferenças nesse teste, será aplicado o procedimento *post-hoc* de Tukey, cuja utilização é adequada "no caso de comparações múltiplas entre amostras de tamanhos iguais" (COSTA NETO, 2002, p. 166). Com os resultados desses testes será possível verificar: (i) se os clíticos preposicionais apresentam, de fato, funcionamento idêntico, de modo a poder considerá-los uma classe

homogênea; e (ii) também se as sílabas pretônicas não se diferem em razão de serem ou não prefixo.

Por fim, a terceira etapa de análise dos dados terá por objetivo o contraste entre os grupos, no que se refere à produção da "sílaba 1", particularmente entre:

(i) **G1** e **G2**, como detalhado no Quadro 20:

Quadro 20. Tipos de comparações entre G1 e G2

Pares	Sentenças	Estruturas alvo	Sílabas	Comparação
PAR 1 *vs.* PAR 1	1 *vs.* 1	de novo *vs.* de novo	1: de *vs.* 1: de	**de** novo *vs.* **de** novo
PAR 1 *vs.* PAR 1	2 *vs.* 2	de nojo *vs.* de nojo	1: de *vs.* 1: de	**de** nojo *vs.* **de** nojo
PAR 2 *vs.* PAR 2	1 *vs.* 1	de noite *vs.* de noite	1: de *vs.* 1: de	**de** noite *vs.* **de** noite
PAR 2 *vs.* PAR 2	2 *vs.* 2	de noivo *vs.* de noivo	1: de *vs.* 1: de	**de** noivo *vs.* **de** noivo

Fonte: elaboração própria

(ii) **G1** e **G3**, como detalhado no Quadro 21:

Quadro 21. Tipos de comparações entre G1 e G3

Estruturas alvo	Sílabas	Comparação
demite *vs.* de novo	1: de *vs.* 1: de	**de**mite *vs.* **de** novo
demite *vs.* de nojo	1: de *vs.* 1: de	**de**mite *vs.* **de** nojo
demite *vs.* de noite	1: de *vs.* 1: de	**de**mite *vs.* **de** noite
demite *vs.* de noivo	1: de *vs.* 1: de	**de**mite *vs.* **de** noivo
renova *vs.* de novo	1: de *vs.* 1: de	**re**nova *vs.* **de** novo
renova *vs.* de nojo	1: de *vs.* 1: de	**re**nova *vs.* **de** nojo
renova *vs.* de noite	1: de *vs.* 1: de	**re**nova *vs.* **de** noite
renova *vs.* de noivo	1: de *vs.* 1: de	**re**nova *vs.* **de** noivo

Fonte: elaboração própria

Conforme apresentado nos Quadros 20 e 21, na terceira etapa da análise serão privilegiadas as relações entre estruturas o mais comparáveis possível. Desse modo, na comparação entre G1 e G2, serão consideradas as estruturas com mesmo funcionamento morfossintático. Na comparação entre G1 e G3 serão analisadas as estruturas com a

mesma sequência de sílabas. O G4 não foi considerado para essa etapa de comparação, pois os seus resultados serão relacionados diretamente com o teste *completion* de percepção.

Nesta última etapa de comparação entre os grupos será utilizado o teste o ANOVA um fator e para os casos que forem verificadas diferenças nesse teste, será aplicado o procedimento *post-hoc* de Tukey. Por meio da comparação entre os grupos será verificado se (i) existem diferenças entre a posição da estrutura alvo no interior dos constituintes prosódicos; (ii) há diferenças entre clíticos e sílabas pretônicas.

É importante dizer que, para garantir que não ocorreram diferenças entre as repetições e entre as informantes, as quais pudessem comprometer os resultados, foi feito um teste de normalidade, verificando que os tempos de duração entre as repetições seguem uma distribuição normal.

Todo o tratamento estatístico dos dados foi realizado por meio dos programas Microsoft Office Excel e Minitab 17. De modo idêntico aos demais procedimentos estatísticos desenvolvidos neste trabalho, foi adotado também nível de significância de 5% (α= 0,05) e nível de confiança de 95%.

Quanto à análise do teste de percepção, as respostas fornecidas na tarefa *completion* serão analisadas pelo tipo de complemento proposto para a estrutura relevante. A partir das respostas será possível avaliar se o participante completou a sentença com elementos previstos pela estrutura sintática. Por exemplo, nos casos em que a estrutura a ser completada foi um verbo, observaremos se o participante inseriu um complemento verbal. Na interpretação das respostas, realizaremos uma categorização baseada nos critérios *identificação* e *não identificação*. As respostas enquadradas na segunda categoria foram sempre de um complemento para a outra estrutura do par, de modo que não foram verificadas respostas que não seguissem essa dinâmica.

3.5. Evidências fonéticas e perceptuais da prosodização de clíticos preposicionais

Os resultados serão descritos segundo a ordem de aplicação dos experimentos: em primeiro, produção de fala e, em segundo, percepção de fala. Para finalizar, será feita a comparação entre os resultados de ambos os experimentos.

3.5.1. *Resultados do experimento de produção*

De acordo com os procedimentos adotados para a análise dos dados de produção, foram estabelecidas três etapas de apreciação dos dados. Na apresentação dos resultados, a ordem das etapas está feita em função das relações que as interligam. Nesse sentido, a descrição dos resultados seguirá a ordenação exposta abaixo:

Quadro 22. Organização da análise de dados (teste de produção)

1	2	3
G1: par 1 (sentença 1 *vs.* sentença 2)	G3: par 1 (sentença 1 *vs.* sentença 2)	G4: par 1 (sentença 1 *vs.* sentença 2)
G1: par 2 (sentença 1 *vs.* sentença 2)	G3: par 2 (sentença 1 *vs.* sentença 2)	G4: par 2 (sentença 1 *vs.* sentença 2)
G1: par 1 *vs.* par 2	G3: par 1 *vs.* par 2	G4: par 1 *vs.* par 2
G2: par 1 (sentença 1 *vs.* sentença 2) G2: par 2 (sentença 1 *vs.* sentença 2)	G1 *vs.* G3	
G2: par 1 *vs.* par 2		
G1 *vs.* G2		

Fonte: elaboração própria

Na Tabela 18, apresentamos a comparação entre as médias da "sílaba 1" e da "sílaba 2", considerando o primeiro par de sentenças do G1. A fim de verificar a igualdade ou a diferença nas médias, aplicamos um teste *t* para amostras pareadas.

Tabela 18. Comparação entre as médias de duração das sílabas do PAR 1 (G1)

	Comparação		Comparação	
	de novo	**de** nojo	de **no**vo	de **no**jo
Média	0,060	0,058	0,067	0,068
Desvio padrão	0,013	0,004	0,005	0,004
Valor-t	0,53		-0,91	
Valor-p	**0,613**		**0,391**	

Fonte: elaboração própria

Como se vê, na comparação das médias de duração da sílaba *de* na produção das estruturas de clítico preposicional e hospedeiro *de novo* e *de nojo*, o resultado estatístico vai em direção de que o tempo de produção das sílabas contrastadas não é significativo, tanto para a "sílaba 1" (p=0,613) quanto para a "sílaba 2" (p=0,391). Portanto, considerando o nível de significância adotado (α= 0,05), chegamos ao resultado de que o tempo de duração coloca em igualdade a produção das sequências *de novo* e *de nojo*.

As médias de duração das estruturas do segundo par do G1 são apresentadas na Tabela 19, a seguir.

Tabela 19. Comparação entre as médias de duração das sílabas do PAR 2 (G1)

	Comparação		Comparação	
	de noite	**de** noivo	de **noi**te	de **noi**vo
Média	0,062	0,062	0,090	0,092
Desvio padrão	0,007	0,007	0,007	0,010
Valor-t	-0,25		-0,41	
Valor-p	**0,808**		**0,695**	

Fonte: elaboração própria

Conforme comprovado na análise do primeiro par do G1, os resultados do teste estatístico, sobre a comparação das médias de duração deste segundo par, assinalam que não há diferenças significativas nem entre as "sílabas 1" (p=0,808) nem entre as "sílabas 2" (p=0,695) analisadas. A partir desse resultado, referente à análise do segundo par,

reafirmamos que não há diferenças entre clíticos preposicionais que se distinguem quanto ao funcionamento morfossintático.

No entanto, a fim de confirmar os resultados obtidos na análise individual dos pares, foi empregado um teste de comparação múltipla, o ANOVA um fator. Por meio desse teste, comparamos as médias de todas as "sílabas 1", nas quatro estruturas investigadas no G1, ou seja, *de novo*, *de nojo*, *de noite* e *de noivo*. O resultado da comparação múltipla indica que não há diferenças estatisticamente relevantes entre os tempos de duração da sílaba *de* (p= 0,623).

Tanto a análise particular dos pares quanto a análise de todo o G1 aponta para a mesma interpretação: no que se referem às diferenças morfossintáticas que caracterizam os funcionamentos das preposições clíticas do PB, não são verificadas diferenças de natureza acústica. Essa afirmação se justifica porque, em todas as comparações, o tratamento estatístico realizado pelo teste *t* e ANOVA não apresentou nenhuma diferença significativa (i.e. $p<0,05$). No que dizem respeito às hipóteses sobre diferenças morfossintáticas poderem se relacionar também a diferenças prosódicas, não confirmamos a hipótese assumida nesta tese, ou seja, a de que diferenças no funcionamento morfossintático acarretariam em diferenças prosódicas (H1). Portanto, confirma-se que diferenças no funcionamento morfossintático não acarretam em diferenças prosódicas (H2).

Na sequência, analisamos o G2, cuja característica, como já detalhado, é a de apresentar o mesmo controle de variáveis (diferentes funcionamentos morfossintáticos) que o G1, mas considerando a posição da estrutura alvo em uma fronteira prosódica mais alta: fronteira inicial de I. A Tabela 20 traz os resultados da comparação entre as estruturas do primeiro par do G2.

Tabela 20. Comparação entre as médias de duração das sílabas do PAR 1 (G2)

	Comparação		Comparação	
	de novo	**de** nojo	de **no**vo	de **no**jo
Média	0,037	0,038	0,046	0,053
Desvio padrão	0,013	0,020	0,017	0,023
Valor-t	-0,27		-2,02	
Valor-p	**0,791**		**0,078**	

Fonte: elaboração própria

Destacamos dos resultados estatísticos apresentados acima, o fato de que em nenhuma das comparações (entre "sílabas 1" e entre "sílabas 2") foi verificada diferença significativa no tempo médio das durações. A partir desse resultado, equivale dizer que as tendências observadas na análise do primeiro par do G1 são mantidas neste caso. A seguir, apresentamos a Tabela 21 com os resultados da análise do segundo par do G2.

Tabela 21. Comparação entre as médias de duração das sílabas do PAR 2 (G2)

	Comparação		Comparação	
	de noite	**de** noivo	de **noi**te	de **noi**vo
Média	0,034	0,034	0,043	0,047
Desvio padrão	0,009	0,003	0,006	0,006
Valor-t	-0,04		-1,80	
Valor-p	**0,966**		**0,110**	

Fonte: elaboração própria

As médias de duração das sílabas analisadas no segundo par também não revelam diferenças significativas, a partir das quais se sustentariam uma afirmação sobre diferenças acústicas associadas a diferentes funcionamentos morfossintáticos. Dessa maneira, os resultados ora observados confirmam as análises realizadas tanto para o primeiro par do G2 quanto para o par análogo do G1.

Findada a análise de cada par do G2, aplicamos o teste ANOVA um fator, a fim de comparar os tempos médios de duração das "sílabas 1"de todas as estruturas alvo do G2. O teste ANOVA indicou que não há diferenças na duração das sílabas *de* (p= 0,837), de

modo que é possível constatar que, independentemente, da relação sintática estabelecida entre o clítico preposicional e o hospedeiro, do ponto de vista acústico essas estruturas não se diferenciam. Portanto, assim como afirmado para o G1, confirma-se a hipótese de que diferenças prosódicas não estão vinculadas a diferenças morfossintáticas (cf. H2).

No que se refere à comparação entre G1 e G2, propusemos observar se as médias de duração da sílaba *de* eram diferentes em razão de estarem em posição inicial de diferentes constituintes prosódicos (G1: ϕ e G2: I). A literatura aponta, com evidências em diferentes línguas (rever seção 3.2.1), de que na fronteira de I a duração é mais longa. Considerando a comparação entre as estruturas que compuseram os primeiros pares no G1 e G2, segundo a Tabela 22, é possível verificar diferença significativa tanto para as médias das estruturas *de novo* (p=0,001) quanto para as médias da sequência *de nojo* (p=0,022).

Tabela 22. Comparação entre as médias de duração das sílabas dos PARES 1 (G1 e G2)

	Comparação		Comparação	
	de novo (G1)	**de** novo (G2)	**de** nojo (G1)	**de** nojo (G2)
Média	0,060	0,037	0,058	0,038
Desvio padrão	0,013	0,013	0,004	0,020
Valor-t	5,20		2,84	
Valor-p	**0,001**		**0,022**	

Fonte: elaboração própria

Na Tabela 23, encontramos a comparação entre os tempos médios de duração das sílabas *de*, nas estruturas que formaram os pares 2, no G1 e G2. Os resultados obtidos por meio do teste *t* mostram que há diferenças significativas na duração das estruturas em função da fronteira prosódica (*de noite*: p= 0,000; *de noivo*: p=0,000).

Tabela 23. Comparação entre as médias de duração das sílabas dos PARES 2 (G1 e G2)

	Comparação		Comparação	
	de noite (G1)	**de** noite (G2)	**de** noivo (G1)	**de** noivo (G2)
Média	0,062	0,034	0,092	0,047
Desvio padrão	0,007	0,009	0,010	0,006
Valor-t	11,43		10,68	
Valor-p	0,000		0,000	

Fonte: elaboração própria

Embora a comparação no tempo de duração tenha possibilitado verificar a diferença entre fronteiras prosódicas, indo ao encontro de trabalhos fonéticos desenvolvidos com a análise de segmentos (ver FOUGERON E KEATING, 1997; KEATING et. al., 1999, entre outros), um fato linguístico importante a ser destacado diz respeito à igualdade na produção dos clíticos preposicionais independentemente da fronteira prosódica em questão. Entendemos que esse resultado traz mais força para a segunda hipótese H2, sobre não haver evidências acústicas, de natureza duracional, que respalde qualquer diferença sintática para as estruturas investigadas.

Na sequência, passamos à análise das estruturas de ωs que compõem o G3. Como explicado na apresentação do *design* experimental do teste de produção, a proposta do G3 é a de fazer uma caracterização do funcionamento de sílabas pretônicas. Com esse objetivo, foram avaliadas palavras, cujas sílabas pretônicas, do ponto de vista da constituição morfológica, têm estatutos diferentes. É o caso de estar sendo comparadas palavras prefixadas *versus* não prefixadas.

Para garantir o estatuto átono do prefixo, recorremos à classificação de Schwindt (2000) acerca dos prefixos do PB. Em sua análise, o autor se fundamentou em critérios morfofonológicos para propor uma divisão dos prefixos em duas classes: prefixos legítimos

e prefixos composicionais. Os prefixos do primeiro tipo, os quais se aproximam dos objetivos analíticos deste trabalho, se caracterizariam por:

(i) Demonstrar funcionamento de sílaba átona interna à estrutura da palavra:

(3.23)

Ressilabificação: ***in****es*quecível

(ii) Serem formas presas:

(3.24)

Formas presas: *des*
João *des*fez as malas, antes que Maria **des* as dela.

(iii) Serem atingidos apenas por processos fonológicos que ocorrem no interior de palavras:

(3.25)

a. harmonia vocálica: r[e]fiz ~ r[i]fiz
b. assimilação da nasal: *a*N+*alfabeto* → *a[n]alfabeto*

Dentre os prefixos legítimos analisados por Schwindt (2000), escolhemos o prefixo *re* para compor o G3, pois, como já informado, compartilha com a sílaba *de* o mesmo tipo de vogal média. Passando à análise, na Tabela 24, apresentamos os resultados comparativos das médias das sílabas alvo investigadas no primeiro par do G3. Destacamos que a comparação, neste caso, é em relação à posição da sílaba pretônica (adjacente ou distante uma sílaba da tônica), quando se trata da "sílaba 1", e ao fato de ser ou não a sílaba tônica, quando se analisa a "sílaba 2".

Tabela 24. Comparação entre as médias de duração das sílabas do PARES 1 (G3)

	Comparação		Comparação	
	demite	**de**mitir	de**mi**te	de**mi**tir
Média	0,054	0,047	0,082	0,082
Desvio padrão	0,007	0,008	0,005	0,064
Valor-t	3,80		-0,02	
Valor-p	**0,005**		**0,987**	

Fonte: elaboração própria

No que diz respeito aos resultados da comparação entre as "sílabas 1", verificamos um efeito significativo do tempo médio de duração (p=0,005) quando a sílaba átona está adjacente à sílaba tônica e quando ela está a uma posição de distância. Por sua vez, não foi verificada diferença significativa na comparação das "sílabas 2" (p=0,987). Ponderamos, em particular, esse último resultado, tendo em vista diferentes estudos que atestaram a duração mais longa da sílaba tônica (CAGLIARI, 1981; MASSINI, 1991; MORAES, 1995, para o PB), de modo que se esperaria diferença significativa da sílaba *mi* entre *demite* e *demitir*.

Passando à análise do segundo par, buscamos observar se os resultados ora descritos se mantêm. A Tabela 25 expõe os resultados estatísticos para a comparação das sílabas analisadas no segundo par do G3.

Tabela 25. Comparação entre as médias de duração das sílabas do PARES 2 (G3)

	Comparação		Comparação	
	renova	**re**novar	re**no**va	re**no**var
Média	0,060	0,054	0,089	0,059
Desvio padrão	0,007	0,007	0,008	0,006
Valor-t	3,93		7,51	
Valor-p	**0,004**		**0,000**	

Fonte: elaboração própria

Conforme se pode observar, considerando o nível de significância assumido (5%), em ambas as comparações foram constatados efeitos significativos quanto ao tempo médio de duração. Por um lado, esse resultado vai ao encontro do que foi verificado na análise das "sílabas 1" no primeiro par. Por outro lado, diferente do observado anteriormente, a análise das "sílabas 2", neste par, segue os apontamentos da literatura referente à diferença de duração entre sílabas átonas e tônicas. Retomando as gravações, constatamos que na produção de algumas informantes, a palavra *demitir* foi realizada com foco na sílaba pretônica *mi*, característica que certamente influenciou na não diferenciação entre sílaba átona e tônica, no primeiro par do G3.

Considerando-se todo o G3, aplicamos um teste ANOVA um fator, com o objetivo de comparar as sílabas átonas (prefixo e não prefixo). Porém, embora o teste realize comparações entre todas as estruturas, o fato de já terem sido constatadas diferenças significativas quanto à posição da sílaba pretônica faz com que, do ponto de vista linguístico, seja relevante considerar, para a caracterização das sílabas átonas de palavra, apenas a relação entre estruturas idênticas no que se refere à distribuição de sílabas átonas e tônica na estrutura da palavra. Dessa maneira, as comparações consideradas serão entre *demite* e *renova*, por um lado, e *demitir* e *renovar*, por outro lado.

O resultado do teste ANOVA expressa diferença estatística nas médias em alguns grupos (p=0,013). Por essa razão, realizamos o teste post-hoc de Tukey, a fim de examinar quais eram as estruturas com diferenças. O teste Tukey, no entanto, mostra que as diferenças não eram nas comparações relevantes a esta análise, como se pode ver na Tabela 26.

Tabela 26. Resultado do teste Tukey para comparações no G3

Comparações	Valor-F	Valor-p
demite *vs.* renova	1,48	**0,459**
demitir *vs.* renovar	1,84	**0,275**

Fonte: elaboração própria

Por ora, no que se refere às comparações sobre o tempo de duração de clíticos e sílabas pretônicas de palavra, compreendemos que:

(i) Independentemente da variação no funcionamento morfossintático das preposições, em termos acústicos não há distinção entre os clíticos preposicionais;

(ii) Sílabas átonas com diferentes estatutos (prefixo e não prefixo) quando inseridas na estrutura de palavra apresentam o mesmo funcionamento acústico, podendo todas serem consideradas como sílabas pretônicas.

A importância desses resultados está no fato de indicar certa homogeneidade entre o que se pode entender como duas classes de sílabas átonas, ou seja, clíticos, por um lado, e sílabas integradas à palavra, por outro lado. No entanto, ele é apenas um primeiro passo para responder se clítico se distinguiria de sílabas pretônicas quanto ao tempo de duração, questão que é fundamental para comprovação ou refutação das hipóteses H3 e H4.

Em busca da relação entre clítico e sílaba pretônica, o teste de comparação múltipla, ANOVA um fator, realizou comparações entre todas as estruturas do G1 e G3, cujo resultado indica diferenças entre elas (p=0,002). No entanto, as comparações envolvendo ωs com duas sílabas pretônicas não foram consideradas, em razão de essa estrutura se diferenciar das sequências de clítico preposicional e hospedeiro do G1. Portanto, tendo em conta apenas as estruturas com a mesma sequência de sílabas, no G1 e G3, o teste *post-hoc* de Tukey mostrou que não há diferenças significativas entre os tempos médios de duração de sílabas pretônicas e de clíticos, conforme se apresenta na Tabela 27.

Tabela 27. Resultado do teste Tukey para comparações entre G1 e G3

Comparações	Valor-F	Valor-p
demite *vs.* de novo	-1,44	**0,834**
demite *vs.* de nojo	-0,88	**0,987**
demite *vs.* de noite	-2,03	**0,470**
demite *vs.* de noivo	-2,14	**0,399**
renova *vs.* de novo	-0,07	**1,000**
renova *vs.* de nojo	0,49	**1,000**
renova *vs.* de noite	-0,66	**0,998**
renova *vs.* de noivo	-0,77	**0,994**

Fonte: elaboração própria

Diante desses resultados, não são encontradas evidências com base na medida de duração de sílaba entre clítico e sílaba pretônica. Portanto, do ponto de vista fonético, tendo como parâmetro a duração, não há evidências que sustentam que clítico e sílaba átona de palavras são distintas entre si. Por meio dessa afirmação, confirmamos, por ora, a hipótese H4, de que não há informações prosódicas que permitem identificar/perceber a existência de uma fronteira morfológica que demarca um limite entre sílabas átonas que são parte da estrutura da palavra e sílabas átonas que são elementos gramaticais, e refutamos a hipótese assumida nesta tese, H3, ou seja, de que há informações prosódicas que permitem identificar/perceber a existência de uma fronteira morfológica, responsável por sinalizar um limite entre sílabas átonas que são parte da estrutura da palavra e sílabas átonas que consistem em unidades gramaticais. Essa parcialidade na confirmação das hipóteses será integralmente comprovada (ou não) na confluência com os dados de percepção de fala a serem tratados na sequência.

Encaminhando-se para a análise do último grupo de sentenças, o G4, lembramos que nesse grupo foram controladas sequências idênticas não apenas no que se refere à sílaba átona alvo, mas em toda a extensão segmental da estrutura alvo. Tais estruturas foram testadas também de modo perceptual, por meio da tarefa *completion* de percepção de

fala e, nesse aspecto, a análise da duração visa observar se haveriam informações acústicas que poderiam servir como critério de identificação do estatuto da sílaba átona. Na Tabela 28, abaixo, são expostos os resultados das comparações das estruturas do primeiro par do G4.

Tabela 28. Comparação entre as médias de duração das sílabas do PAR 1 (G4)

	Comparação		Comparação	
	depressa	**de** pressa	de**pres**sa	de**pre**ssa
Média	0,047	0,046	0,090	0,096
Desvio padrão	0,007	0,004	0,015	0,010
Valor-t	1,13		-1,73	
Valor-p	**0,289**		**0,123**	

Fonte: elaboração própria

Como se observa, no contraste entre sílaba átona interna à palavra e clítico preposicional inseridos em estruturas com a mesma cadeia segmental, não são observadas evidências significativas, ao nível de significância de 5%, que apoiariam que os tempos de duração são diferentes entre, por exemplo, *depressa* e *de pressa* ("sílabas 1": p=0,289; "sílabas 2": p=0,123).

A Tabela 29 apresenta a comparação entre as médias das estruturas do segundo par do G4.

Tabela 29. Comparação entre as médias de duração das sílabas do PAR 2 (G4)

	Comparações		Comparações	
	decreta	**de** Creta	de**cre**ta	de **Cre**ta
Média	0,047	0,051	0,089	0,085
Desvio padrão	0,006	0,008	0,011	0,009
Valor-t	-1,58		1,08	
Valor-p	**0,152**		**0,313**	

Fonte: elaboração própria

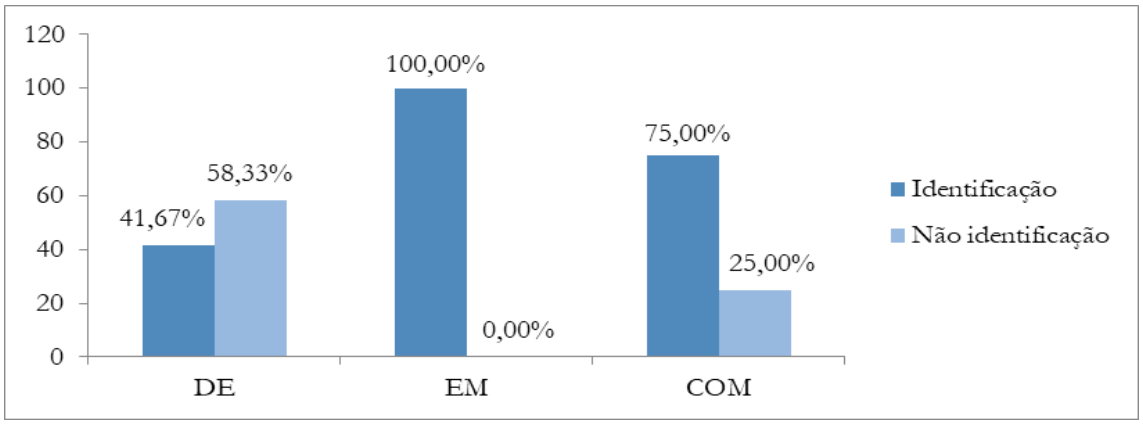
Ao encontro do que foi verificado na análise do primeiro par, tanto nas comparações entre as "sílabas 1" quanto entre as "sílabas 2" não foram constatadas diferenças significativas (respectivamente, p=0,152 e p=0,313). Mais uma vez, não encontramos subsídios em direção à distinção entre clítico e sílaba pretônica. Desse modo, comparando-se os dois pares do G4, a realização do teste ANOVA um fator mostra igualdade nas médias do tempo de duração (p=0,397), de modo que, na comparação de todas as estruturas do G4, fica confirmado o resultado de que não há amparo estatístico para diferenças entre clítico e sílaba pretônica.

Em função da análise do G4, foi possível verificar que, segundo uma caracterização puramente acústica da duração de sílaba, não há evidências, as quais poderiam ser lugar de informação à quando uma sílaba com mesma cadeia segmental é parte de uma palavra ou uma palavra monossilábica funcional. Na próxima seção, será analisado como os resultados do teste de percepção confirmam ou não os resultados ora descritos entre os tipos de sílabas átonas.

3.5.2. *Resultado do experimento de percepção*

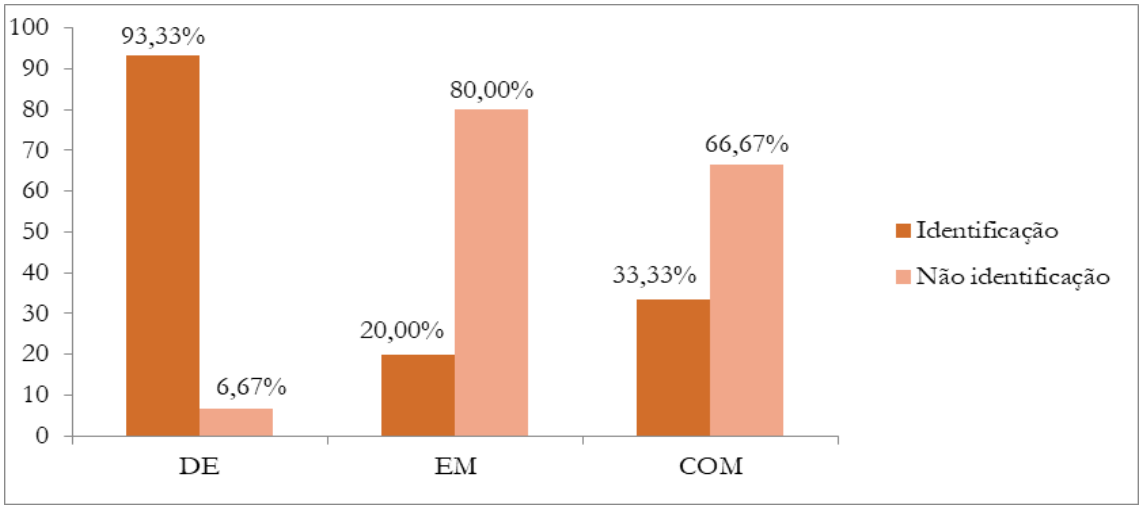
No intuito de observar o quanto os informantes percebem o estatuto dos elementos (sílabas pretônicas e clíticos) para completar a sentença, as respostas foram organizadas em torno das categorizações *identificação* e *não identificação* do elemento alvo. No Gráfico 1, apresentamos os percentuais de respostas para o alvo ω e, no Gráfico 2, expomos os percentuais para o alvo clítico e hospedeiro.

Gráfico 1. Percentual de identificação e não identificação do estatuto da sílaba átona, para o alvo ω



Fonte: elaboração própria

Gráfico 2. Percentual de identificação e não identificação do estatuto da sílaba átona, para o alvo clítico e hospedeiro



Fonte: elaboração própria

Fazendo comparação entre a identificação e a não identificação da estrutura alvo em função do tipo de sílaba envolvida, notamos que:

(i) Para a sílaba *de*, quando o alvo é uma ω, as respostas são bastante equilibradas, sendo o maior percentual para a categoria de não identificação. No sentido

contrário, quando o alvo é a sequência de clítico preposicional e hospedeiro, o maior número de respostas é a de identificação da estrutura alvo.

(ii) Para a sílaba *em*, quando o alvo é uma ω, todos os estímulos auditivos são corretamente identificados. No entanto, quando o alvo é a sequência de clítico preposicional e hospedeiro, quase a totalidade das respostas revela a não identificação do alvo.

(iii) Para a sílaba *com*, quando o alvo é uma ω, o percentual de identificação é bastante elevado quando comparado ao de não identificação. No caso de o alvo ser uma sequência de clítico e hospedeiro, os percentuais de respostas são bastante equilibrados entre identificação e não identificação da estrutura relevante.

A seguir, a Tabela 30 traz, em valores absoluto e percentual, a distribuição das respostas para cada estímulo envolvendo a sílaba *de*.

Tabela 30. Identificação/não identificação dos estímulos envolvendo a sílaba *de*

Estímulo: ω	**Identificação** (%)	**Não identificação** (%)	**Estímulo: cl+hosp.**	**Identificação** (%)	**Não identificação** (%)
demais	0 (0,00)	4 (57,14)	de mais	5 (33,33)	0 (0,00)
depressa	1 (20,00)	3 (42,86)	de pressa	5 (33,33)	0 (0,00)
decreta	4 (80,00)	0 (0,00)	de Creta	5 (33,34)	0 (100,00)
Total (%)	5 (100,00)	7 (100,00)	Total (%)	15 (100,00)	0 (100,00)

Fonte: elaboração própria

No que diz respeito à configuração das respostas, é possível constatar que a total identificação do estatuto das estruturas alvo ocorreu apenas para o par de estímulos *decreta* e *de Creta*. Os estímulos *de mais* e *de pressa* foram corretamente percebidos, enquanto seus pares correspondentes teve o maior percentual de respostas na classe de não identificação. Desses resultados, destacamos que a percepção integral dos estímulos *decreta* e *de Creta* não

ocorreu de maneira aleatória, mas fundamentada em uma informação fonológica. Trata-se da aplicação do processo de palatalização da consoante /d/ e alçamento da vogal média /e/ que sempre ocorreu para o clítico, resultando em [dʃi] *Creta*, mas nunca na forma verbal *d*[e]*creta*. Diferentemente, observamos que, na variedade do PB falada pelos informantes da pesquisa, esse processo de neutralização não ocorre categoricamente diferenciando clítico e sílaba pretônica, quando estão em jogo as sequências *demais* e *de mais* e *depressa* e *de pressa*. De certa forma, entendemos que essa variação na aplicação de processo fonológico se refletiu nas respostas apresentadas para esses estímulos.

Abaixo, a Tabela 31 expõe os resultados das respostas para os estímulos envolvendo a sílaba *em*.

Tabela 31. Identificação/não identificação dos estímulos envolvendo a sílaba *em*

Estímulo: ω	**Identificação** (%)	**Não identificação** (%)	**Estímulo: cl+hosp.**	**Identificação** (%)	**Não identificação** (%)
encaixa	4 (33,33)	0 (0,00)	em caixa	0 (0,00)	5 (41,66)
enquanto	4 (33,33)	0 (0,00)	em quanto	3 (100,00)	2 (16,68)
enfrente	4 (33,33)	0 (0,00)	em frente	0 (0,00)	5 (41,66)
Total (%)	12 (100,00)	0 (0,00)	Total (%)	3 (100,00)	12 (100,00)

Fonte: elaboração própria

Conforme havia sido apontado com base nos dados do Gráfico 1, todos os estímulos auditivos, cujo alvo era uma ω, são corretamente identificados. No que dizem respeito às respostas para os estímulos envolvendo estruturas de clítico e hospedeiro, verificamos que, no geral, dois estímulos não são identificados corretamente (*em caixa* e *em frente*) e o maior percentual de respostas para o outro estímulo segue a mesma tendência (*em quanto*). No caso dos estímulos envolvendo a sílaba *em*, entendemos que tanto a total identificação dos estímulos em um grupo alvo quanto a quase unânime não identificação

para o outro grupo indica que, quando se tem disponível o mesmo tipo de informação fonética e sintática, não é possível ancoragem para se distinguir o objeto percebido. Nesse sentido, a identificação dos estímulos não é entendida em função das informações presentes unicamente no sinal acústico.

Por fim, na Tabela 32, apresentamos a distribuição do número de respostas para os estímulos envolvendo a sílaba *com*.

Tabela 32. Identificação/não identificação dos estímulos envolvendo a sílaba *com*

Estímulo: ω	**Identificação** (%)	**Não identificação** (%)	**Estímulo: cl+hosp.**	**Identificação** (%)	**Não identificação** (%)
congestão	4 (44,44)	0 (0,00)	com gestão	0 (0,00)	5 (50,00)
compus	4 (44,44)	0 (0,00)	com pus	0 (0,00)	5 (50,00)
contexto	1 (11,12)	3 (100,00)	com texto	5 (100,00)	0 (0,00)
Total (%)	9 (100,00)	3 (100,00)	Total (%)	5 (100,00)	10 (100,00)

Fonte: elaboração própria

Considerando os pares de estímulos *congestão* e *com gestão* e *compus* e *com pus,* é possível perceber a correta identificação para o alvo palavra prosódica e a não identificação quando o alvo se tratava de uma sequência de clítico e hospedeiro. Já para o par *contexto* e *com texto* nota-se que as respostas vão no sentido contrário, pois todas as identificações ocorreram para o alvo clítico e hospedeiro e a não identificação quase integral se deu para quando o alvo foi uma ω. Nesse sentido, as informações da Tabela 32 seguem as mesmas direções de respostas observadas para os estímulos envolvendo a sílaba *em*, no sentido de que apenas informações presentes no sinal acústico não ancoram a percepção das diferentes estruturas faladas.

Na próxima subseção, é feita discussão dos resultados ora descritos.

3.5.3. *Discussão dos resultados do experimento de produção e percepção*

No capítulo anterior, duas hipóteses foram formuladas a partir da configuração de grafias de hipossegmentação e segmentação convencional de palavras, tendo como ponto central a relação entre clítico preposicional e hospedeiro. Com base nos tipos de estruturas predominantes identificadas nas grafias não convencionais e convencionais foi proposta uma classificação dos clíticos preposicionais em *tipos*, seguindo o critério de funcionamento morfossintático das preposições átonas. Dessa classificação, foram elaboradas hipóteses, cujo objetivo foi o de verificar se, na produção falada, haveria evidências que corroborassem, também do ponto de vista prosódico, a separação dos clíticos preposicionais em *tipos*. Os resultados observados no teste de produção mostraram que a duração das sílabas não foi um parâmetro acústico atuante na diferenciação de clíticos preposicionais inseridos em diferentes estruturas morfossintáticas. Desse modo, embora as preposições sejam elementos morfossintáticos presentes em diferentes construções, no que se refere à organização prosódica elas podem ser consideradas como uma classe homogênea de clíticos. Retomando a discussão teórica feita no primeiro capítulo, interpretamos que não foram identificadas evidências fonéticas, relativas à duração silábica, que sustentem diferença na prosodização dos clíticos preposicionais em diferentes domínios prosódicos, dependendo do funcionamento morfossintático. Portanto, refutamos a hipótese de pesquisa adotada (H1), a qual assumia que diferenças morfossintáticas se associariam a diferenças prosódicas e confirmamos que, independentemente, do funcionamento morfossintático, os clíticos preposicionais são uma classe única de clíticos (hipótese H2).

Outro fato linguístico relacionado às grafias de segmentação em palavras foi a relação entre clíticos preposicionais e sílabas pretônicas. Pela comparação entre as características dos casos de hipossegmentação e de hipersegmentação, verificamos certa imprecisão, por parte do escrevente, entre considerar uma sílaba átona homófona como interna ou externa à estrutura de palavra. Em razão dessa constatação, buscamos avaliar experimentalmente se haveriam características fonético-fonológicas que diferenciariam essas sílabas átonas. Os resultados da análise acústica envolvendo as sílabas pretônicas, tendo como parâmetro a duração, mostraram diferenças quando foi considerada a posição que essa sílaba esteve em relação à tônica. A duração da sílaba pode ser interpretada como ancoragem acústica na qual o escrevente se apoia para hipersegmentar sílabas pretônicas predominantemente (em detrimento de sílabas postônicas). Ao lado dessa, outra ancoragem é a morfossintática que leva à correspondência, por parte do aprendiz, entre sílaba pretônica e preposição (grafada isoladamente).

Além disso, quando foram comparados clíticos e sílabas pretônicas, o resultado das medidas de duração de sílaba foi o de que, a partir da realização fonética, não há distinção entre eles. Portanto, do ponto de vista da produção não houve subsídios que confirmassem a distinção entre uma sílaba átona que é parte de uma palavra e outra que é uma palavra funcional monossilábica. Na perspectiva da percepção, corroborou-se esse resultado, uma vez que a partir das respostas fornecidas na tarefa *completion* foi possível constatar que simplesmente o estímulo auditivo (aspecto físico do sinal acústico) não foi suficiente para a percepção da estrutura a ser completada.

Para embasar essa conclusão, tivemos como evidência a análise das estruturas alvo, a partir da qual se notou uma distinção clara entre a percepção das sequências encabeçadas pela sílaba *de* daquelas que foram iniciadas pelas sílabas *em* e *com*. Quando aliado ao sinal

acústico esteve presente uma informação fonológica sobre aplicação de processo de alçamento vocálico, como foi o caso do par *decreta* e *de Creta*, por exemplo, foi categórica a identificação de duas unidades linguísticas distintas. Por sua vez, quando as estruturas alvo envolveram as sílabas *em* e *com*, ainda que em muitos casos a identificação tenha sido correta, esse acerto pareceu ocorrer aleatoriamente, já que de um modo geral foi sempre privilegiado apenas uma das estruturas homófonas (dentre as possibilidades do par). Por exemplo, no par *congestão* e *com gestão*, os participantes que responderam ao alvo palavra sempre identificaram essa estrutura, enquanto os sujeitos que ouviram o estímulo composto pela sequência de clítico e hospedeiro não identificaram o estatuto da sequência ouvida. Nesse caso, temos como hipótese que a correta identificação teria como pista uma interpretação fundamentada no campo semântico da forma verbal *congestão* da sequência anterior à estrutura relevante, a saber, "o Bruno *sofreu*", pois, nesse caso, estão vinculadas acepções que podem indicar problemas relacionados à saúde. Assim, esses resultados nos permitem defender que: 1) estímulo auditivo e informação sintática parcial contribuem para a não percepção de uma estrutura aparentemente idêntica; 2) o sinal acústico não é ancoragem suficiente e é necessário estar associado à informação distintiva (estabelecendo relação entre aspectos fonéticos e fonológicos).

Assim, considerando possibilidades de conceituação de percepção de fala, os resultados vão de encontro a visões que relacionam esse processo como algo puramente auditivo, pois se assim o fosse todas as estruturas testadas teriam sido identificadas independentemente da ausência de outras informações linguísticas, bastando, portanto, a presença do sinal acústico (plano físico). O *design* da tarefa perceptiva realizada, nesse sentido, contribuiu para a visão de que a percepção é multissensorial (SCHWARTZ et. al., 2012), uma vez que junto ao plano físico do sinal acústico atuam outras informações

linguísticas, como, por exemplo, a representação abstrata dos sons da língua e como ela é importante para distinguir unidades diferentes. A análise acústica de alguns dos pares testados no experimento de percepção (G4) mostrou, por meio da análise estatística, que, do ponto de vista fonético, os membros que compunham o par homófono eram idênticos; então, se para a percepção bastasse o *input* oriundo do sinal acústico (no plano físico), os pares com diferenças fonológicas associadas também não teriam sido percebidos corretamente, já que quanto ao tempo de duração eles se mostraram sílabas idênticas.

Retomando, pois, as hipóteses quanto à existência de informações de uma fronteira que diferenciariam clíticos e sílabas pretônicas, o resultado do teste de percepção permite ponderar que a distinção não está fundamentada simplesmente no campo fonético. Ao contrário, para a distinção são necessárias informações linguísticas que atuam na representação dessas unidades átonas, como, por exemplo, estarem suscetíveis a certos processos fonológicos a depender do seu estatuto. Nesse aspecto, embora a análise acústica dos dados tenha apontado na direção de não diferença, as respostas da tarefa de percepção atestam que, em alguma medida, clítico e sílaba átona de palavra são unidades linguísticas distintas. Portanto, avaliamos como confirmada a hipótese assumida nesta tese (H3), que afirma que diferenças prosódicas estão vinculadas à diferenciação dos dois tipos de sílabas átonas. Essas diferenças se mostraram via aplicação de processos fonológicos como o de alçamento.

Os resultados apresentados neste capítulo permitem refletir, por um lado, questões de contribuição para a teoria fonológica e, por outro lado, como convergem os dados de segmentação em palavras, de fala controlada e de percepção de fala sobre a representação da noção de palavra gráfica. O desenvolvimento dessas discussões é encaminhado no próximo capítulo, dedicado às considerações finais.

C O N S I D E R A Ç Õ E S F I N A I S

Ao longo desta tese, procuramos analisar a prosodização de clíticos preposicionais do PB, tendo como ponto de partida características linguísticas de grafias de segmentação não convencional de palavras. Mais especificamente, foram analisadas hipossegmentações como "concerteza" (com certeza), que envolvem a união de um clítico preposicional a uma palavra, e hipersegmentações como "com versa" (conversa), que se particularizam pela presença de fronteira gráfica no limite de uma sílaba pretônica, correspondente, na cadeia segmental, a um clítico preposicional da língua.

Neste capítulo final, retomamos o percurso trilhado, a fim de mostrar como a interpretação dos resultados nos permite, por um lado, levantar questões importantes à teoria fonológica e, por outro lado, tratar das motivações linguísticas que cercam os dados de segmentação não convencional de palavras ainda presentes na etapa final do Ensino Fundamental.

O ponto de partida desta tese foi a definição das segmentações não convencionais de palavras como objeto de investigação da prosodização de clíticos preposicionais ancorada em hipóteses interpretativas lançadas por pesquisas como as de Tenani (2009, 2010, 2011, 2016), Paranhos (2014) e Silva (2014), por exemplo. De maneira convergente, essas autoras discutiram a relação entre a configuração das segmentações não convencionais envolvendo elementos átonos e as estruturas prosódicas, com base no modelo de Nespor e Vogel (1986). Particularmente, nesses trabalhos, foram mobilizados os constituintes prosódicos ω e C na interpretação das grafias observadas: a ausência de

fronteira gráfica entre um clítico e uma palavra (como em: "*concerteza*") foi avaliada como um C analisado como uma ω; e a presença da fronteira gráfica dentro de palavra e no limite de uma sílaba pretônica (como em: "*com versa*") foi interpretada como uma ω analisada como um C. Nesse sentido, nas referidas pesquisas, é defendida a hipótese de que registros gráficos dos clíticos na escrita, em certa medida, indicia a organização prosódica desses elementos. Nesta tese, buscamos novas evidências para confirmação ou refutação de hipóteses presentes na literatura.

Para fundamentar teoricamente o processo de prosodização dos clíticos, no capítulo 1, recuperamos a discussão acerca de a qual domínio os clíticos se prosodizam. A discussão sobre o tema está permeada por propostas que, em uma vertente, afirmam haver prosodização dos clíticos em um constituinte prosódico particular (NESPOR, VOGEL, 1986; HORNE, 1989, VOGEL, 2009, BISOL, 2000, 2005, VELOSO, 2012, FERREIRA, 2012, GUZZO, 2015) e, em outra, contestam a existência de tal constituinte (SELKIRK, 1984, 1986, 1996, 2004, INKELAS, 1990, ZEC; INKELAS, 1991; PEPERKAMP, 1996, 1997, ZEC, 2005, SIMIONI, 2008). O cotejamento da vasta produção bibliográfica, em ambos os posicionamentos teóricos, permite demonstrar que nenhuma das propostas estão descartadas, pois evidências fonológicas corroboram tanto a asserção de que clítico e hospedeiro constituem um domínio prosódico específico, quanto a premissa de que essa estrutura pode ser explicada em outros constituintes da hierarquia prosódica. Apresentado o quadro teórico-analítico em que esta tese se insere, avançamos para o capítulo 2.

No capítulo 2, o objetivo consistiu em construir hipóteses para o funcionamento prosódico dos clíticos preposicionais, a partir da análise das ocorrências de segmentação não convencional de palavras. A análise esteve voltada à compreensão da relação que se

constituiu entre clítico e hospedeiro, tomando por base a hipótese de que a hipersegmentação seja uma possível estrutura de clítico e hospedeiro).

Como resultado, nas hipossegmentações, os clíticos demonstraram mais dependência em relação ao hospedeiro. Essa dependência se mostrou pela relação morfossintática entre clítico e hospedeiro, porque as junções não convencionais registraram funcionamento típico de locução, como e *com certeza* em: "se á partir de agora deste ano fossemos 'imortais', **concerteza** eu encontraria algum jeito de me matar!". Nesse exemplo, o clítico *com* e a palavra hospedeira *certeza* veiculam, ao mesmo tempo, um sentido e uma função sintática e, por essa razão, poderiam ser caracterizados como uma única unidade morfossintática. Nas hipersegmentações, as configurações dos dados indiciaram possível independência de sílabas pretônicas. Dois tipos de proeminências prosódicas foram interpretados como motivadores dessa independência. Em palavras trissílabas, em que ocorre fronteira gráfica entre a sílaba pretônica e a tônica, como em "*com ver*sa" (conversa), a presença do acento primário foi interpretada como informação importante para a delimitação do que é uma palavra e dos elementos que estão externos a ela (cf. SILVA; TENANI, 2014). Em palavras polissílabas, com duas ou mais sílabas pretônicas, como em "*com* ver*san*do" (conversando), em que a primeira pretônica é grafada entre brancos, proeminências relacionadas a acento secundário poderiam ser ancoragem da segmentação da sílaba (cf. TENANI, 2016). Em todos os casos de hipersegmentação, também se observa motivação morfossintática na medida em que se podem reconhecer correspondência entre as sílabas hipersegmentadas e possíveis preposições monossilábicas, em sua maioria.

As regularidades da configuração linguística das grafias não convencionais (hipo e hipersegmentação) foram mais bem observadas quando comparadas às grafias em

conformidade com a convenção ortográfica. A relação entre hipossegmentação e registros dos clíticos como uma palavra funcional mostrou, em uma comparação entre funções sintáticas de locução e não locução, que a totalidade das junções de clíticos preposicionais foi na função de locução, enquanto os registros convencionais se centraram na função dos clíticos preposicionais como conectores sintáticos (não locução). Já os casos de hipersegmentação foram comparados com ocorrências convencionais de palavras que envolviam uma sílaba átona correspondente a uma preposição. O resultado foi o de que, embora muitas palavras com sílabas postônicas homófonas aos clíticos preposicionais poderiam ter sido potencialmente hipersegmentadas, as grafias não convencionais desse tipo foram somente de sílabas pretônicas. Dessa maneira, a estrutura resultante da hipersegmentação se assemelhou às estruturas de clítico e hospedeiro, como, respectivamente, em "**na que**le" (naquele) e "**na ca**sa".

Da análise dos dados de segmentação em palavras, concluímos que informações morfossintática e semântica particularizam o funcionamento dos clíticos preposicionais do PB. Diante dessa constatação, propusemos organizar esses clíticos em *tipos*. De modo específico, haveria, simultaneamente, um tipo de funcionamento mais dependente entre a preposição e seu complemento, como aquele observado nos casos de formação de locuções, e outro tipo de funcionamento mais independente entre a preposição e seu complemento, no qual se mantém claramente sua função de conector sintático.

A proposta de *tipos* de clíticos preposicionais permitiu, ainda, traçar paralelos entre os estatutos interno e externo à estrutura de palavra das sílabas átonas investigadas, pois, no funcionamento mais dependente, o clítico pôde ser comparado, em alguma medida, ao funcionamento de uma sílaba integrada a uma estrutura menor, enquanto a possível

autonomia de sílabas pretônicas pôde ser relacionada ao funcionamento mais independente.

Portanto, ponderando, por um lado, tipos de funcionamentos das preposições e, por outro lado, estatutos de clítico e de sílaba pretônica, formulamos quatro hipóteses para testar a relação entre diferentes funcionamentos morfossintáticos e estatutos de sílabas e possíveis diferenças de organização prosódica. Essas hipóteses, as quais são retomadas a seguir, são alicerçadas na premissa de existirem evidências acústicas e perceptual que permitiriam diferenciar funcionamentos morfossintáticos dos clíticos e, também, sílabas átonas com estatuto interno e externo à palavra. A negação dessas hipóteses também foi considerada.

Hipótese 1 (H1): A primeira hipótese foi a de que diferenças morfossintáticas motivariam diferenças prosódicas. Desse modo, a organização prosódica seria distinta para cada *tipo* de funcionamento morfossintático dos clíticos preposicionais.

Hipótese 2 (H2): A segunda hipótese foi a que diferenças morfossintáticas **não** motivariam diferenças prosódicas. As diferenças morfossintáticas não seriam diretamente representadas na estrutura prosódica.

Hipótese 3 (H3): A terceira hipótese foi a de que informações prosódicas permitiriam identificar/perceber a existência de uma fronteira morfológica entre clíticos e sílabas de palavra.

Hipótese 4 (H4): A quarta hipótese foi a de que **não** haveriam informações prosódicas suficientes para identificar/perceber a existência de uma fronteira morfológica entre clíticos e sílabas de palavra.

Particularmente, as hipóteses um (H1) e dois (H2) visaram testar se o funcionamento morfossintático tinha função sobre a representação prosódica dos clíticos preposicionais e as hipóteses três (H3) e quatro (H4) visaram avaliar se haveriam evidências prosódicas que auxiliariam na percepção de uma fronteira entre clítico e sílaba de palavra.

No capítulo 3, as quatro hipóteses de pesquisa foram testadas a partir do desenvolvimento de experimentos de produção e de percepção de fala. O *design* experimental do teste de produção foi organizado em grupos de sentenças (i.e., G1, G2, G3 e G4), os quais foram projetados para contrastar:

1. G1: preposições em funcionamentos de *locução* (como: "de novo") e de *conector sintático* (como: "de nojo");
2. G1 e G2, respectivamente: preposições inseridas em fronteiras prosódicas de ϕ (como: ((As margaridas florescem)$_{\phi}$ (*de novo*)$_{\phi}$ (na fazenda)$_{\phi}$)$_{I}$) e de I (como: (As margaridas preciosas)$_{I}$ (com pétalas brancas)$_{I}$ (*de novo* florescem na fazenda)$_{I}$);
3. G3: palavras com diferentes estatutos de sílabas pretônicas (prefixo e não prefixo, como: "renova" e "demite");
4. G4: estruturas homófonas, distintas quanto ao estatuto da sílaba átona: clítico, em uma estrutura, sílaba pretônica, em outra estrutura (como: "*de* pressa" e "*de*pressa").

Além das análises de cada grupo, observamos, também, relações entre eles, como entre G1 e G2 e entre G1 e G3. Seguindo a literatura sobre evidência fonética de fronteiras prosódicas, adotamos como parâmetro acústico de comparação a duração, por se tratar de parâmetro importante de identificação de fronteiras prosódicas (cf. CHO, 2011, 2016, FOUGERON, 2001, FOUGERON; KEATING, 1997, KEATING et. al., 1999, KEATING, 2006, SONCIN, 2017). Nesta tese, a sílaba foi a unidade de medida escolhida

para mensuração da duração, tendo por base resultados estatísticos que ampararam essa opção.

O experimento de percepção de fala realizado consistiu em uma tarefa do tipo *completion* (cf. MILLOTE et. al., 2007, SEVERINO, 2011), por meio da qual o ouvinte deveria completar um enunciado a partir de um estímulo auditivo. O objetivo dessa tarefa foi o de verificar se somente informação de natureza acústica seria suficiente para a percepção da sílaba átona ora como clítico ora como sílaba pretônica. Para assegurar apenas estímulo auditivo, construímos pares de sentenças com a mesma característica do G4, ou seja, estruturas com ambiguidade provisória, na medida em que, apesar de a mesma cadeia fônica estar vinculada a duas estruturas, a informação morfossintática subsequente é suficiente para desfazer a ambiguidade (como em: "*o material encaixa* nessa prateleira" e "o *material em caixa* fica separado"). Todas as sentenças foram manipuladas, de modo que os participantes do teste ouviram somente a parte com ambiguidade (como em: "*o material encaixa*" e "*o material em caixa*").

Como resultado do teste de produção, destacamos, da análise do G1 (estruturas em início de ϕ), que as diferenças morfossintáticas particulares dos funcionamentos dos clíticos preposicionais *não* se vincularam a diferenças de natureza acústica. Na análise do G2 (estruturas em início de I), obtivemos o mesmo resultado sobre diferenças morfossintáticas não espelharem diferenças na produção acústica das preposições. No entanto, os resultados da comparação entre G1 e G2 mostraram diferenças significativas quando considerados os tempos de duração das sílabas em fronteiras prosódicas distintas. Logo, considerando a medida da sílaba, confirmamos diferenças entre fronteiras prosódicas mais baixas (ϕ) e mais altas (I), conforme havia sido proposto por trabalhos de orientação fonética (cf. FOUGERON; KEATING, 1997, entre outros). Porém, o tipo de relação sintática

estabelecida entre clítico preposicional e hospedeiro não gera diferenças quanto à duração das sílabas, não havendo, portanto, consequências para a configuração da fronteira prosódica em questão.

Na análise do G3, no qual foram contrastadas sílabas pretônicas com estatuto de prefixo e de não prefixo, verificamos que sílabas átonas inseridas na estrutura de palavra apresentaram o mesmo funcionamento acústico, de modo que todas puderam ser consideradas sílabas pretônicas. O passo seguinte da análise foi em busca da relação entre clítico e sílaba pretônica. Constatamos, nessa comparação (G1 e G3), que os tempos de duração da sílaba não ancoraram que clítico e sílaba átona de palavras seriam tipos distintos de sílabas átonas.

Com a análise do G4, o confronto direto entre estruturas de clítico e hospedeiro e de ω confirmou que a duração da sílaba não foi um parâmetro cujas diferenças foram significativas a ponto de diferenciar sílabas que eram palavras funcionais de sílabas que eram parte da palavra. Portanto, o resultado da análise do G4 revelou que, no tipo de estímulo construído para o teste de percepção de fala, os ouvintes não teriam disponíveis quaisquer diferenças significativas no tempo de duração das sílabas investigadas em que pudessem se ancorar.

Os resultados da tarefa *completion* de percepção de fala confirmaram, em grande medida, a não identificação da estrutura alvo, a partir do estímulo auditivo. No entanto, isentamos desse resultado geral as respostas para os estímulos *decreta* e *de Creta*, uma vez que ambos foram percebidos adequadamente por todos os participantes do teste. Interpretamos que esse resultado particular foi possível pela diferença acústica promovida pela aplicação dos processos de palatalização da consoante /d/ e de alçamento da vogal média /e/, distinguindo, por um lado, [de]*creta* e, por outro lado, [dʃi] *Creta*.

Contrariamente, esses processos fonológicos não ocorreram categoricamente em todos os estímulos encabeçados pela sílaba *de* ("demais/de mais" e "depressa/de pressa"), além do fato de não terem sido observados outros processos fonológicos afetando, diferentemente, as sílabas *com* e *em* dos outros estímulos (por exemplo, "enfrente/em frente" e "congestão/ com gestão").

Em relação às quatro hipóteses fundamentadas nos dados de segmentação em palavras, os resultados dos experimentos de produção e de percepção de fala permitiram *confirmar*:

1. A segunda hipótese (H2). Considerando-se que, no tempo de duração das sílabas, não houve diferenças significativas que sustentaram a proposta de organização prosódica fundamentada em *tipos* de clíticos preposicionais, afirmamos, pois, que esses clíticos poderiam ser entendidos como uma única classe, no que se refere ao funcionamento acústico. Por consequência, fica descartada a possibilidade de prosodização distinta em função dos funcionamentos morfossintáticos dos clíticos preposicionais; conclusão que a confirmação da hipótese H1 permitiria supor. Como contribuição para a teoria fonológica, esse resultado corrobora a distinção entre estrutura prosódica e estrutura sintática, base da constituição da Fonologia Prosódica, pois informações de natureza sintática mais específicas (como o funcionamento das estruturas locução e não locução) não são relevantes para o modo como se organizariam os clíticos preposicionais, por exemplo. Desse modo, prevemos que estruturas como "de novo" e "de correr", sintaticamente distintas, são prosodizadas da mesma forma. Destacamos que se, por um lado, a análise dos dados de fala corrobora a não distinção na prosodização dos clíticos preposicionais, o que permitiria postular, em alguma medida, a pertinência de um domínio

específico de prosodização, por outro lado, os dados de escrita, inicialmente analisados, indiciam a formalização da prosodização dos clíticos preposicionais na direção de clíticos ora com funcionamento de sílabas de palavra ora com funcionamento de unidades que compõem domínios sintáticos. Assim, como limitação desta tese, tendo em vista que extrapolaria os objetivos traçados, fica em aberto como as evidências acústicas, pautadas na duração da sílaba e em outros correlatos acústicos a serem investigados, poderiam ser interpretadas pensando os diferentes domínios prosódicos dos quais clíticos poderiam formar parte, nos diferentes modelos teóricos.

2. A terceira hipótese (H3), relacionada à evidência acústica e perceptual de que haveria uma fronteira que guiaria a categorização morfológica de dois tipos de sílaba átona: uma correspondente às palavras monossilábicas de categoria funcional e outra correspondente à parte interna da estrutura de palavra. Caso tivéssemos observado, exclusivamente, o tempo de duração das sílabas e parte das respostas de natureza perceptual, consideraríamos que clítico e sílaba pretônica poderiam ser agrupados como um único conjunto de sílabas átonas. No entanto, ao constatarmos a distinção clara na percepção de estruturas envolvendo a sílaba *de*, em relação àquelas que envolveram as sílabas *em* e *com*, defendemos que, quando se está em jogo não apenas o sinal acústico, mas junto informação fonologicamente distintiva, tem-se claramente a identificação do o que é clítico e do que é sílaba pretônica. Para a teoria fonológica, corroboramos diferenças entre sílabas átonas presentes no nível lexical (domínio do léxico) de sílabas átonas existentes já no nível pós-lexical (domínio da morfossintaxe). Mais uma vez, nos limitamos a afirmar que há diferenças entre sílabas átonas, sem, no entanto, entrarmos na questão dos

constituintes prosódicos que abrigariam essas sílabas. Além disso, acenamos para a possibilidade de aprofundar o controle de variáveis linguísticas, em testes experimentais de percepção, as quais possibilitariam melhor compreender as informações sobre fronteira entre clíticos e sílabas átonas de palavra.

Feita síntese dos resultados, retomamos o ponto de partida desta tese sobre a relação entre prosodização de clíticos e grafias de segmentação não convencional de palavras. Lembramos que o início desta investigação teve como eixo norteador que uma das motivações linguísticas subjacentes aos registros de segmentação não convencional de palavras, encontrados em textos do EF-II, era a forma de organização prosódica dos clíticos. Com a confirmação da segunda hipótese de pesquisa (H2) baseada em dados de fala, segundo a qual o funcionamento sintático das preposições não espelha a prosodização dos clíticos, nossa conclusão lança luz para o fato de que os dados de hipossegmentação envolvendo preposição seriam evidências, mais fortemente, de informação morfossintática que permeia a escrita e, menos, da prosodização de palavras funcionais átonas. Conforme procuramos demonstrar, as ocorrências de hipossegmentação seguiram certas regularidades linguísticas, as quais foram em direção de particularidades no funcionamento morfossintático das preposições do português. Essas particularidades, no entanto, não foram respaldadas quando testados dados de fala. Desse modo, defendemos que a complexidade das grafias de segmentação em palavras que são identificadas no EF-II deve ser analisada a partir de outras informações linguísticas que não somente as de natureza prosódica. A "prosodização" das preposições na escrita, entendida como forma de organização dessas unidades no contínuo textual, revela que o critério de junção da

preposição a um "hospedeiro" é fundamentado em informação linguística distinta daquela tomada pelos clíticos preposicionais na fala.

Por sua vez, parte dos resultados observados sobre os tempos de duração das sílabas, corroboraram a interpretação de que as grafias de hipersegmentação, em alguma medida, tiveram motivação em relações de proeminências métricas. Mais especificamente, os resultados da análise acústica envolvendo as sílabas pretônicas mostraram diferenças, no tocante à distância da sílaba pretônica em relação à sílaba tônica da palavra. Nesse caso, diferenças no tempo de duração da sílaba a depender da sua posição em relação à sílaba tônica podem ser interpretadas como pista acústica, na qual o escrevente tende a se apoiar ao hipersegmentar sílabas pretônicas predominantemente (em detrimento de sílabas postônicas). No entanto, não descartamos ancoragem de natureza morfossintática que levaria à correspondência, por parte do aprendiz, por exemplo, entre sílaba pretônica e preposição (grafada isoladamente).

Assim, seguimos na defesa de que as grafias de segmentação não convencional de palavras se constituem na relação entre fala e escrita, com a ressalva de que as informações de natureza falada e de natureza escrita se manifestam diferentemente nas formas de hipossegmentação e de hipersegmentação.

Por último, julgamos pertinente comentar em que medida os resultados ora obtidos sobre as segmentações não convencionais de palavras também trazem contribuições para o ensino formal da escrita, além das que já foram apontadas para os estudos linguísticos. A esse respeito, a natureza desse dado coloca em questão a complexidade da noção de palavra escrita, a qual não costuma ser enfrentadas pelas práticas pedagógicas, haja visto os tipos de exercícios voltados ao "treinamento" da segmentação do fluxo textual em palavras, os quais se centram em exigir a identificação de palavras em um contínuo de palavras registradas

sem quaisquer fronteiras gráficas. Por meio desse tipo de prática, entendemos que a definição do que seja uma palavra escrita é tomado como óbvio e não precisa ser ensinado, desconsiderando que essa noção de palavra se constitui pela confluência de informações de diferentes naturezas linguísticas. No que se refere à aprendizagem das preposições, os dados de segmentação em palavras destacam um aspecto ignorado no ensino dessa classe de palavras: as preposições atuam em diferentes contextos morfossintáticos, de modo que não basta ser apresentado ao escrevente uma lista de preposições do português; é preciso, sobretudo, levá-lo à compreensão dos funcionamentos preposicionais nos enunciados.

R E F E R Ê N C I A S B I B L I O G R Á F I C A S

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, Mary. (Org.). *A concepção de escrita pela criança.* 2 ed. Campinas: Pontes Editores, 1988, p. 135-142.

_____. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da ABRALIN*, Campinas, v. 11, 1991, p. 203-17.

_____. Língua oral, língua escrita: interessam, à linguística, os dados da aquisição da representação escrita da linguagem? In: *Atas do IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina*. Campinas: IEL/UNICAMP, v. 1, 1990, p. 361-381.

_____. Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita. In: CASTRO, Maria Fausta Pereira de. (Org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p. 111-178.

_____. Dados da escrita inicial: indícios da construção da hierarquia de constituintes silábicos? In: HERNANDORENA, Carmen Lúcia Matzenauer. *Aquisição de língua materna e de língua estrangeira:* aspectos fonético-fonológicos. Pelotas: EDUCAT, 2001, p. 63-85.

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; CAGLIARI, Luiz Carlos. Textos espontâneos na primeira série: evidências da utilização, pela criança, de sua percepção fonética da fala para representar e segmentar a escrita. *Cadernos CEDES:* Antropologia e Educação Interfaces do Ensino e da Pesquisa, São Paulo, v. 14, 1985, p. 25-29.

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; SILVA, Ademar da. O desenvolvimento de critérios de segmentação na escrita. *Temas em psicologia*. São Paulo, v. 1, p. 89-102, 1993.

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; FIAD, Raquel; MAYRINK-SABINSON, Maria Laura. *Cenas de aquisição da escrita*: o sujeito e o trabalho com o texto. Campinas: Mercado das Letras, 1997.

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; GALVES, Charlotte. Os clíticos no português brasileiro: uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, Ataliba; BASÍLIO, Margarida (Orgs.). *Gramática do português falado*: estudos descritivos. Vol. IV. Campinas: UNICAMP, 1996, p. 273-320.

ABNEY, Steven Paul. *The English noun phrase in its sentential aspect*. PhD Tesis. Massachusetts Institute of Technology, 1987.

AIKHENVALD, Alexandra; DIXON, Robert (Org). *Word:* a cross-linguistic typology. Cambridge University Press, 2002.

ALVES, Ubiratã Kickhöfel. Teoria da sílaba. In: HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia. *Fonologia, fonologias:* uma introdução. São Paulo: Contexto, 2017, p. 125-140.

ANDRÉ, Carine et. al. *PERCEVAL:* PERCeption EVALuation Auditive &Visuelle (Versão 4.0.0.0) [Programa de Computador]. Aix-en-Provence, 2017.

BARBOSA, Plínio. *Incursões em torno do ritmo da fala*. Campinas: Pontes, 2006.

BARBOSA, Plínio; MADUREIRA, Sandra. *Manual de fonética acústica experimental*: aplicações a dados do português. São Paulo: Cortez, 2015.

BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 3 ed., 2014.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BERTI, Larissa Cristina. Relação entre produção e percepção de fala: coerência com o parâmetro fonético-acústico. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, 50(1), 2008, p. 45-67.

BISOL, Leda. Constituintes prosódicos. In: ___. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 247-261.

_____. O clítico e seu *status* prosódico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 9, n.1, 2000a, p. 5-20.

_____. O troque silábico no sistema fonológico. *Delta.* São Paulo, v.16 (2), 2000b, p. 403-413.

_____. Mattoso Camara Jr. e a palavra prosódica. *DELTA,* São Paulo, v. 20, n. especial, 2004, p. 59-70.

_____. O clítico e o seu hospedeiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.40, n. 3, 2005, p. 163-184.

_____. Vogais pretônicas. In: BISOL, L.; BATTISTI, E. (Orgs.). *O português falado no Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: EDPUCRS, 2014, p. 19-34.

BOERSMA, Paul; WEENINK, David. Praat: doing phonetics by computer (Versão 6.0.23) [Programa de computador]. Universidade de Amsterdã, 2016.

BOOIJ, Geert. Principles and parameters in prosodic phonology. *Linguistics,* 21, 1983, 249-280.

_____. Cliticization as prosodic integration: the case of Dutch. *The Linguistic Review*, 1996, p. 219-242.

BOPP DA SILVA, Taís. *Formação de palavras compostas em português brasileiro*: uma análise de interfaces. 195f. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: língua portuguesa. Brasília: 1997.

BRISOLARA, Luciene Bassols. *Os clíticos pronominais do Português brasileiro e sua prosodização*. 189f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

BUSSAB, Wilton; MORETTIN, Pedro. *Estatística básica*. São Paulo: Saraiva: 2002.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de fonética do Português Brasileiro*. 194f. Tese (Livre-Docência). Universidade Estadual de Campinas, 1981.

CÂMARA Jr. Joaquim Mattoso. Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa. 4a. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1964.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1979.

_____. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1984.

CAPRISTANO, Cristiane Carneiro. *Aspectos de segmentação na escrita infantil*. São José do Rio Preto. 166f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 2003.

_____. *Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita*. Campinas. 253f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, 2007.

CAPRISTANO, Cristiane Carneiro; TICIANEL, Giordana. Discurso direto e hipossegmentações na escrita infantil. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 16, n. 1, 2014, p. 233-259.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Para uma análise multissistêmica das preposições. In: ___. *História do português paulista.* Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, vol. I, 2009, p. 279-311.

CHACON, Lourenço. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Letras de hoje*. Porto Alegre. v. 39, nº. 3, 2004, p. 223-232.

_____. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamentos de práticas de oralidade e letramento. *Estudos linguísticos*. Campinas, 2005, v. 34, p.77-86.

_____. Prosódia e letramento em hipersegmentações: reflexões sobre a aquisição da noção de palavra. In: CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. (Org.) *Ensino de língua:* representação e letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2006, p.155-167.

CHO, Taehong. *The Phonetics-Prosody Interface in Laboratory Phonology*, 2011. Disponível em: http://tcho.hanyang.ac.kr/papers/Cho_2011_continuum_companion_phonology.pdf.

_____. Prosodic boundary strengthening in the phonetics-prosody interface. *Language and Linguistics Compass*, 10(3), 2016, p.120-141.

COLLISCHONN, Gisela. Acento secundário em português. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v.29, n.4, 1994, p. 43-53.

COOK, Vivian; NEWSON, Mark. *Chomsky's Universal Grammar:* an introduction. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

COSTA NETO, Pedro Luiz de Oliveira. O. *Estatística*. São Paulo: Edgard Blüchar, 2002.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: SIGNORINI, Inês. (Org.) *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 2001, p. 135-166.

_____. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CRUZ, Regina Célia Fernandes, *et.al.* Análise acústica dos correlatos prosódicos do acento lexical do português brasileiro. *Journal of Speech Sciences* 5(2), 2016, p. 159-175.

CUNHA, Ana Paula Nobre da. *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita:* um estudo sobre a influência da prosódia. Pelotas. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Pelotas, 2004.

_____. *As segmentações não-convencionais da escrita inicial*: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu. 188f. Tese (Doutorado em Educação). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2010.

CUNHA, Ana Paula Nobre da; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. Indícios de reestruturação do conhecimento fonológico da criança em dados de reparo na escrita inicial. Porto Alegre. *Letras de hoje*, v. 48, n. 3, 2013, p. 343-354.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. 6 ed. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1979.

CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Lisboa: João Sá da Costa, 1986.

DIAS, Maria Carmelita. Locução para quê? *Veredas:* revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, 2001, p. 105-116.

FANT, Gunnar. Auditory patterns of speech. *Journal: STL-QPSR*, v.5, n.3, 1964, p. 16-20.

FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Acento secundário, atribuição tonal e ênfase em Português Brasileiro. *Estudos Linguísticos*, São Paulo: 38 (1), 2009, p. 47-58.

FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani et. al. Secondary stress, intensity and fundamental frequency in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics:* 11-2, p. 51-67, p. 2012.

FERREIRA, Maria de Lurdes dos Santos. *Contributos para uma definição de palavra fonológica*. 222f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012.

FONSECA, Aline; VIGÁRIO, Marina. Pistas duracionais e entoacionais na marcação de sintagmas entoacionais (I) no PE: a prosódia no efeito Garden-Path. In: COSTA, Armanda; FALÉ, Isabel; BARBOSA, Piar. (Eds.) *XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística:* textos seleccionados. Lisboa: APL, 2011, p.266-281.

FOUGERON, Cécile. Articulatory properties of initial segments in several prosodic constituents in French. *Journal of Phonetics,* 29, 2001, p.109–35.

FOUGERON, Cécile; KEATING, Patricia. Articulatory strengthening at edges of prosodic domains. *Journal of the Acoustical Society of America*, 1997.

FOWLER, Carol. Listeners do hear sounds, not tongues. *The Journal of the Acoustical Society of America*, v. 99, n. 3, 1996, p. 1730-1741.

FROTA, Sónia. *Prosody and focos in Euroupean Portuguese:* phonological phrasing and intonation. New York: Garland Publishing, 2000.

FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: CASTRO, Rui Vieira; BARBOSA, Pilar. (Eds). *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, 2000. v.1, p. 533-555.

FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina. Constituintes prosódicos. In: MATEUS, Maria Helena Mira, *et.al. Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003, p. 1059-1076.

GRAVINA, Aline; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Interface sintaxe-fonologia: desambiguação pela estrutura prosódica no português brasileiro. ALFA: Revista de Linguística, v. 57, n. 2, 2013, p. 639-668.

GUZZO, Natália. *A elevação da vogal media anterior átona em Flores da Cunha (RS)*. 159f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade). Universidade de Caxias do Sul, 2010.

_____. *A prosodização de clíticos e compostos em Português Brasileiro*. 229f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

HALPERN, Aaron. Clitics. In: SPENCER, Andrew; ZWICKY Arnold. (Org.). *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell Publishing, 1998, p. 101-122.

HAYES, Bruce. The prosodic hierarchy in meter. In: KIPARSKY, Paul; YOUMANS, Gilbert. (eds.). *Rhythm and Meter*. Orlando: Academic Press, 1989, p. 201-260.

HORNE, Merle. The Clitic Group as a prosodic category in Old French. *Work papers*, n. 35, 1989, p. 99-111.

HOSSEINI, Ayat. The prosodization of function words in Persian. Otientalia Suecana, 2012, p. 126-137. Disponível em: https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:657354/FULLTEXT01.pdf. Acesso em: 12/09/2017.

ILARI, Rodolfo, *et.al.* A preposição. In: ILARI, Rodolfo (Org.) *Palavras de classe fechada.* São Paulo: Contexto, 2015, p. 163-310.

INKELAS, Sharon. *Prosodic constituency in the lexicon*. New York: Garland, 1990.

KEATING, Patricia. Phonetic encoding of prosodic structure. *Speech Production:* Models, Phonetic Processes, and Techniques, 2006.

_____, *et al.* Domain-initial strengthening in four languages. *Papers in laboratory phonology 6: Phonetic interpretations,* 1999.

KLAVANS, Judith. The independence of syntax and phonology in cliticization. *Language.* Vol. 61, n. 1, 1985, p. 95-120.

LEE, Seung-Hwa. Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil. 201f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Campinas, 1995.

LEMLE, Miriam. *Análise sintática:* teoria geral e descrição do português. São Paulo: Ática, 1984.

LIBERMAN, Alvin; MATTINGLY, Ignatius. The Motor Theory of Speech Perception Revised. *Cognition*, 21, 1985, p. 1-36.

MARCATO, Fernanda. *Análise prosódica de preposições monossilábicas*. 172f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 2013.

MASSINI, Gladis. *A duração no estudo do acento e do ritmo do português*. 350f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 1991.

MCGURK, Harry; MACDONALD, John. Hearing lips and seeing voices. *Nature,* v. 264, n. 23, 1976, p. 746-748.

MILLOTE, Sérerine, *et. al.* Phrasal prosody desambiguates syntax. Language and cognitive processes, 22, 898-909, 2007.

MIOTO, Carlos, *et. al. Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 3 ed., 2007.

MORAES, João Antônio de. Acentuação lexical e acentuação frasal em português. Um estudo acústico-perceptivo. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 17, Universidade Federal da Bahia, 1995, p.39-57.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic phonology*. Dordrechet: Foris Publications, 1986.

_____. *Prosodic Phonology*: with a new foreword. Berlim/New York: Mouton de Gruyter, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

PARANHOS, Fabiana Cristina; TENANI, Luciani. Análise prosódica de segmentações não-convencionais de palavras em textos do sexto ano do Ensino Fundamental. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v.13, n.2, 2011, p. 477-504.

PARANHOS, Fabiana Cristina. *Segmentações não-convencionais de palavras nos quatro últimos anos do Ensino Fundamental*: um estudo longitudinal. 171f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 2014.

PEPERKAMP, Sharon. On the prosodic representation of clitics. In: KLEINHENZ, Ursula. (ed.) *Interfaces in Phonology*. Berlin: Akademie Verlag, 1996, p. 104-128.

_____. *Prosodic words*. The Hague: Holland Academic Graphics, 1997.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. *Optimality theory:* constraint interaction in generative grammar. Rutgers, 1993.

RAPOSO, Eduardo; XAVIER, Maria Francisca. Preposição e sintagma preposicional. In: RAPOSO, Eduardo, *et. al. Gramática do português:* vol. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 1497-1568.

RILLO, Idalice Carvalho Figueiredo. *Tabelas 2x2:* uma revisão. São José do Rio Preto. 90 f. Dissertação (Matemática Aplicada e Computacional). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 1997.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 31 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1992.

ROQUE, Lívia; BERTI, Larissa Cristina. O efeito da idade em uma tarefa de identificação das vogais tônicas do Português Brasileiro. *Audiology:* Communication Research, v. 20, 2015 p. 349-354.

RUSSO, IÊDA; BEHLAU, MARA. *Percepção de fala:* análise acústica do português brasileiro, 1993.

SÃO PAULO, Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. *Proposta Curricular do Estado de São Paulo:* Língua Portuguesa. São Paulo, SEE: 2008.

SÃO PAULO, Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. *Matrizes de referência para a avaliação Saresp:* documento básico. São Paulo, SEE: 2009.

SCHIER, Ana Cândida. *Relação entre percepção de fala e ortografia de crianças em ensino fundamental:* características fonológicas. 114f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 2017.

SCHWARTZ, Jean-Luc. et. al. The Perception for Action Control Theory (PACT): a perceptuo-motor theory of speech perception. *Journal of Neurolinguistics***,** Élsevier, v. 5, n. 25, 2012, p. 336-354.

SCHWINDT, Luiz Carlos. *O prefixo no português brasileiro:* análise morfofonológica. 192f. Tese (Doutorado em Letras). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

_____. Palavra fonológica e derivação em português brasileiro: considerações para a arquitetura da gramática. In: BISOL. Leda; COLLISCHONN, Gisela (Orgs.). *Fonologia*: teorias e perspectivas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013, p. 15-28.

SELKIRK, Elisabeth. *Phonology and Syntax:* the relation between sound and structure. The Massachusetts Institute Technology, 1984.

_____. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yaerbook*, nº3, 1986.

_____. The prosodic structure of function words. In: MORGAN, James; DEMUTH, Katherine (Eds.). *Signal to syntax:* bootstrapping from speech to grammar in early acquisition, Mawhaw NJ: Lawrence Erlbaum, 1996, p. 187-213.

_____. The prosodic structure of function words. In: McCARTHY, John. *Optimality Theory in phonology:* a reader. Oxford: Blackwell, 2004. p. 464-482.

SERRA, Márcia Pereira. *Segmentação de palavras:* prosódia e convenções ortográficas na reelaboração da escrita infantil. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 2007.

SEVERINO, Cátia. *Fronteiras prosódicas e desambiguação no Português Europeu*. 126f. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2011.

SIMIONI, Taíse. O clítico e seu lugar na estrutura prosódica em português brasileiro. *ALFA*, São Paulo, 52 (2), 2008, p.431-446.

SILVA, Lilian. A relação entre dados de segmentação não-convencional de palavras em textos de quinto e nono anos do Ensino Fundamental. *Relatório final de pesquisa de iniciação científica.* Inédito. FAPESP: Proc. 2010/17720-8. 2011.

_____. *Um estudo longitudinal sobre as hipersegmentações de palavras escritas nos anos finais do Ensino Fundamental*. 172f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 2014.

SILVA, Lilian; TENANI, Luciani. *Hipersegmentações de palavra no ensino fundamental.* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

SONCIN, Geovana; TENANI, Luciani. Emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 17, n. 2, 2015, p. 473-493.

Soncin, Geovana. Alongamento em fronteira de frase entoacional no Português do Brasil: evidências a partir de um design experimental. *GRADUS Revista Brasileira de Fonologia de Laboratório*, v.1., n.2, *no prelo.*

SNEDEKER, Jesse; TRUESWELL, John. Using prosody to avoid ambiguity: effects of speaker awareness and referential context. *Journal of Memory and Language*, 48, 2003, p.103-130.

SPENCER, Andrew; LUÍS, Ana. *Clitics:* an introduction. New York: Cambridge University Press, 2012.

TENANI, Luciani. *Domínios prosódicos no português do Brasil*: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. 331f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, 2002.

_____. Entre o grupo clítico e a palavra fonológica: os erros de segmentação não-convencional de palavras. *Comunicação apresentada no VI Congresso Internacional da ABRALIN*, 2009.

_____. A grafia dos erros de segmentação não-convencional de palavras. *Cadernos de Educação da UFPel.* Pelotas, n. 35, 2010, p. 247-269.

_____. A segmentação não-convencional de palavras em textos do ciclo II do Ensino Fundamental. *Revista da ABRALIN*, v.10, n.2, jul./dez. 2011, p. 91-119.

_____. Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II. Disponível em: http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login. 2015.

_____. *Prosódia e escrita:* uma análise a partir de (hiper)segmentações de palavra. 211f. Tese (Livre-Docência em Fonologia). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 2016.

_____. Prosodização de clíticos preposicionais e configuração entoacional de enunciados. *Caderno de resumos do III Encontro Intermediário do GT de Fonética e Fonologia*, 2017, p. 16.

TENANI, Luciani; LONGHIN, Sanderléia. Oficinas de leitura, interpretação e produção textual no ensino fundamental. *Revista em Extensão* (Online), v. 13, p. 20-34, 2014.

TENANI, Luciani; FIEL, Roberta. O papel de estruturas prosódicas e morfossintáticas em hipossegmentações do Ensino Fundamental-II. Revista do Gel, São Paulo, v. 13, n. 3, 2016, p. 107-129.

TONELI, Priscila Marques. *A palavra prosódica no português brasileiro*: o estatuto prosódico das palavras funcionais. 177f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, 2009.

_____. *A palavra prosódica no Português Brasileiro*. 365f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, 2015.

TRIOLA, Mario. Introdução à estatística. 11 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

VASILÉVSKY, Vera, *et.al.* A Word Prosodic Algorithm for Brazilian Portuguese. *International Journal of Language and Linguistics,* vol. 2, n. 4, 2015, p. 25-35.

VELOSO, João. *Unidades acentuais proproparoxítonas e grupos clíticos em português*. Disponível em: http://joaoveloso.tripod.com/webonmediacontents/JO%C3%83O%20VELOSO%20-%20PROPROPAROX%C3%8DTONOS%20E%20GRUPOS%20CL%C3%8DTICOS.pdf. 2012.

VIGÁRIO, Marina. On the prosodic status of stressless function word in European Portuguese. In: HALL, T.; KLEINHEZ, U. (eds.) *Studies on the phonological word.* Amsterdã: John Benjamins, 1999, p. 255-294.

_____. *The prosodic word in European Portuguese.* Berlim/New York: Mounton de Gruyter, 2003.

_____. O lugar do grupo clítico e da palavra prosódica composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: LOBO, M.; COUTINHO, M. A. (Org.) *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*: textos selecionados. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2007, p. 673-688.

_____. Prosodic structure between the prosodic word and the phonological phrase: recursive nodes or an independent domain? *The Linguistic Reveiw*, n. 27, 2010, p. 485-530.

VIGÁRIO, Marina; FROTA, Sónia; MARTINS, Fernando. Para uma caracterização da distinção entre palavras prosódicas e clíticos com base em dados de frequência. *Textos selecionados Atas do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística:* ALP, 2011, p. 589-603.

VOGEL, Irene. The status of the Clitic Group. In: GRIJZENHOUT, J.; KABAK, B. (Eds.). *Phonological Domains:* universals and deviations. Mouton de Gruyter, 2009, p. 15-46.

WERLE, Adam. *Word, phrase, and clitic prosody in Bosnian, Serbian, and Croatian*. PhD Tesis. University of Massachusetts, Amherst, Estados Unidos. 2009.

ZEC, Draga. Prosodic differences among function words. *Phonology,* 22, 2005, p. 77-112.

ZEC, Draga; INKELAS, Sharon. The place of clitics in the prosodic hierarchy. *West Coast Conference on Formal Linguistics 10*, 1991, p. 505-520.

ZORZI, Jaime Luiz. *A apropriação do sistema ortográfico nas 4 primeiras séries do primeiro grau*. Campinas. 124f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 1997.

ZWICKY, Arnold. Clitics and Particles. *Language*. Vol. 61, n. 2, 1985, p. 283-305.

_____. What is a clitic? In: ZWICKY, Arnold *et al.* (Eds.). *Clitics:* a comprehensive bibliography, 1892-1991. Philadelphia: Benjamins, 1994.

A N E X O S

Anexo I

Quadro expositivo dos conteúdos gerais previstos para o ensino de língua portuguesa, segundo Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008, p. 48-56):

5ª série	**6ª série**	**7ª série**	**8ª série**
1º bimestre	**1º bimestre**	**1º bimestre**	**1º bimestre**
Conteúdos gerais Traços característicos de textos narrativos · enredo · personagem · foco narrativo · tempo · espaço Textos narrativos e situações de comunicação Estudos linguísticos Noção de tempo Verbal Articuladores temporais e espaciais Modo subjuntivo na narrativa O subjuntivo e os verbos regulares	Conteúdos gerais Traços característicos da tipologia "relatar" nos gêneros "relato oral" e "relato autobiográfico" Narrar e relatar: semelhanças e diferenças Traços característicos de textos jornalísticos Estudos linguísticos · elementos coesivos e conectivos: preposição / conjunção · frase e oração · marcadores de tempo e lugar · pontuação · interjeição · oralidade x escrita: registros diferentes	Conteúdos gerais Traços característicos de textos prescritivos Gênero textual "anúncio publicitário" Textos prescritivos e situações de comunicação Estudos linguísticos · conceito de verbo · modo imperativo nas variedades padrão e coloquial · como e por que usar a gramática normativa · imperativo negativo · pesquisa no dicionário · modo indicativo (verbos regulares) · "tu", "vós" e variedades linguísticas · irregularidades do Indicativo	Conteúdos gerais Traços característicos de textos argumentativos Traços característicos de textos expositivos Argumentar e expor: semelhanças e diferenças Estudos linguísticos · marcas dêiticas (pronomes pessoais) · pontuação · elementos coesivos (preposição, conectivos)
2º bimestre	**2º bimestre**	**2º bimestre**	**2º bimestre**
Conteúdos gerais	Conteúdos gerais	Conteúdos gerais	Conteúdos gerais

Narratividade Gênero textual "crônica narrativa" Gênero textual "letra de música" Estudos linguísticos · Verbos modalizadores · Locução verbal · Compreensão do sentido das palavras (no dicionário, no contexto, noção do radical das palavras etc.) · Questões Ortográficas	Gênero textual "notícia" Gênero textual "relato de experiência" Estudos linguísticos · Frase e oração · Advérbio · Figuras de linguagem · Questões ortográficas	Traços característicos de textos prescritivos Gênero textual "anúncio publicitário" Anúncio publicitário em diferentes situações de comunicação Estudos linguísticos · Período simples · Verbo; termo essencial da oração · Sujeito e predicado	Gênero textual "artigo de opinião" Artigo de opinião em diferentes situações de comunicação Estudos linguísticos · Pontuação · Período composto por coordenação · Conjunção
3º bimestre	**3º bimestre**	**3º bimestre**	**3º bimestre**
Conteúdos gerais Discurso artístico no século XX: diferentes formas de representação A arte no mundo contemporâneo Crônica narrativa e letra de música como formas de representação histórica Estudos linguísticos · Substantivo · Adjetivo · Artigo · Numeral · Pontuação	Conteúdos gerais Discurso jornalístico no século XX: diferentes formas de representação O jornal no mundo contemporâneo Notícia e relato de experiência como formas de representação histórica Estudos linguísticos · Verbo · Funções da linguagem · Pontuação · Gíria	Conteúdos gerais Discurso publicitário no século XX: diferentes formas de representação Publicidade e mundo contemporâneo Anúncio publicitário e textos prescritivos como formas de representação histórica Estudos linguísticos · Complementos essenciais (objetos direto e indireto; complemento nominal) · Figura de linguagem · Ortografia	Conteúdos gerais Discurso político no século XX: diferentes formas de representação Política no mundo contemporâneo Debate e artigo de opinião como formas de representação histórica Estudos linguísticos · Regência verbal e nominal · Período composto por subordinação · Conjunção
4º bimestre	**4º bimestre**	**4º bimestre**	**4º bimestre**
Conteúdos gerais Crônica narrativa	Conteúdos gerais Notícia e relato	Conteúdos gerais Anúncio	Conteúdos gerais Debate e artigo de

e letra de música: diálogos com outros gêneros Traços do discurso artístico: uma reflexão historicamente construída (leituras e escutas de textos artísticos produzidos em diferentes momentos históricos) Estudos linguísticos · Ortografia · Acentuação · Pronomes pessoais, de tratamento	de experiência: diálogos com outros gêneros Traços do discurso jornalístico: uma reflexão historicamente construída (por meio de leituras e escutas de textos jornalísticos produzidos em diferentes momentos históricos) Estudos linguísticos · Figuras de linguagem · Preposição · Uso dos porquês · Forma e grafia de algumas palavras e expressões	publicitário e textos prescritivos: diálogos com outros gêneros Traços do discurso publicitário: uma reflexão historicamente construída (por meio de leituras e escutas de textos artísticos produzidos em diferentes momentos históricos) Estudos linguísticos · Complementos acessórios (adjunto adnominal, Adjunto adverbial, vocativo e aposto) · Concordância verbal · Concordância nominal	opinião: diálogos com outros gêneros Traços do discurso político: uma reflexão historicamente construída (leituras e escutas de textos políticos produzidos em diferentes momentos históricos) Estudos linguísticos · Período composto por subordinação · Pontuação · Conjunção · Crase

Anexo II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação no experimento de produção:

Eu, _____, brasileiro(a), _____ anos, _____(estado civil), residente à _____, RG nº _____, _____ (profissão), fui convidado a participar voluntariamente da pesquisa intitulada "Investigação da prosodização de preposições monossilábicas do Português Brasileiro", desenvolvida com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – Processo 2014/18050-7), sob a responsabilidade da pesquisadora Lilian Maria da Silva.

A pesquisa tem como objetivo investigar a prosodização de clíticos preposicionais do Português do Brasil, buscando verificar se há diferenças na organização prosódica desses tipos de clíticos, conforme sugere a configuração de dados de segmentação em palavras, os quais sinalizam para diferenças na relação entre o clítico preposicional e a palavra a que se ligam. Para tanto, a pesquisa será realizada com base em dois procedimentos experimentais, sendo o primeiro de produção de fala e o segundo de percepção auditiva. Ambos serão realizados por meio de software instalado em um computador.

Minha participação no referido estudo consistirá em fazer a gravação de sentenças que serão, posteriormente, analisadas acusticamente e também usadas como estímulo auditivo para a realização de um teste de percepção. Segundo as orientações que me foram dadas, a gravação se realizará no Laboratório de Fonética do IBILCE/UNESP, o qual conta com cabine de isolamento acústico, microfone, mesa de som e demais equipamentos para a execução da gravação. A pesquisadora responsável orientará todo o processo de gravação, fornecendo as orientações sobre o quê gravar e como gravar. Trata-se de um estudo de relevância, pois seus resultados contribuirão (i) para a melhor compreensão da organização prosódica do Português Brasileiro, em relação à prosodização de elementos

átonos e, (ii) para discutir o estatuto linguístico dos chamados erros de segmentação em palavras.

Fui alertado de que todas as minhas informações pessoais e todos os dados obtidos com minha participação no procedimento de gravação serão mantidos em sigilo. Estes últimos serão utilizados apenas para divulgação em reuniões e revistas científicas, nas quais, em hipótese alguma, serão informados dados que possibilitem minha identificação.

Também fui informado de que poderei entrar em contato com a pesquisadora responsável pela pesquisa *(Lilian Maria da Silva – vinculada ao IBILCE/UNESP e à FAPESP)* pelos telefones (17) 99157.5482/(17) 3206.5066 em qualquer época do ano, para eventuais esclarecimentos ou dúvidas. Igualmente, fui informado que posso retirar meu consentimento relativo ao uso dos áudios gravados por mim a qualquer momento, sem justificativa prévia, basta para tanto que eu avise a referida pesquisadora.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos de que minha participação não implicará quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa e fui advertido de que possíveis desconfortos/riscos podem ocorrer durante a execução da gravação, tais como incômodo na garganta pela necessidade de repetir várias vezes as sentenças para a gravação e constrangimento emocional por precisar executar a gravação na presença da pesquisadora responsável. No entanto, a pesquisadora responsável certificou-me de que, para que não ocorram imprevistos que possam afetar minha integridade física e emocional, tomará as devidas precauções, tais como: utilizará microfones de qualidade reconhecida e criará as melhores condições possíveis durante o procedimento de gravação no laboratório para que eu me sinta à vontade para gravar as sentenças e não me sinta, assim, constrangido com sua presença.

Fui assegurado de que terei o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, antes, durante e depois da minha participação. Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todas as informações aqui mencionadas e tendo compreendido a natureza e o objetivo do estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação no experimento de percepção:

Eu, _____, brasileiro(a), _____ anos, _____(estado civil), residente à _____, RG nº _____, _____ (profissão), fui convidado a participar voluntariamente da pesquisa intitulada "Investigação da prosodização de preposições monossilábicas do Português Brasileiro", desenvolvida com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – Processo 2014/18050-7), sob a responsabilidade da pesquisadora Lilian Maria da Silva.

A pesquisa tem como objetivo investigar a prosodização de clíticos preposicionais do Português do Brasil, buscando verificar se há diferenças na organização prosódica desses tipos de clíticos, conforme sugere a configuração de dados de segmentação em palavras, os quais sinalizam para diferenças na relação entre o clítico preposicional e a palavra a que se ligam. Para tanto, a pesquisa será realizada com base em dois procedimentos experimentais, sendo o primeiro de produção de fala e o segundo de percepção auditiva. Ambos serão realizados por meio de software instalado em um computador.

Minha participação no referido estudo consistirá em responder, no teste de percepção, a questões que se relacionam com os estímulos auditivos apresentados. Segundo as orientações que me foram dadas, deverei completar o final das sentenças a partir do estímulo auditivo apresentado pelo software. Trata-se de um estudo de relevância, pois seus resultados contribuirão (i) para a melhor compreensão da organização prosódica do Português Brasileiro, em relação à prosodização de elementos átonos e, (ii) para discutir o estatuto linguístico dos chamados erros de segmentação em palavras.

Fui alertado de que todas as minhas informações pessoais e todos os resultados obtidos com minha participação nos procedimentos experimentais serão mantidos em sigilo. Estes últimos serão utilizados apenas para divulgação em reuniões e revistas científicas, nas quais, em hipótese alguma, serão informados dados que possibilitem minha identificação.

Também fui informado de que poderei entrar em contato com a pesquisadora responsável pela pesquisa *(Lilian Maria da Silva – vinculada ao IBILCE/UNESP e à FAPESP)* pelos telefones (17) 99157.5482/(17) 3206.5066 em qualquer época do ano, para eventuais esclarecimentos ou dúvidas. Igualmente, fui informado que posso retirar meu consentimento relativo ao uso dos áudios gravados por mim a qualquer momento, sem justificativa prévia, basta para tanto que eu avise a referida pesquisadora.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos de que minha participação não implicará quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa e fui advertido de que possíveis desconfortos/riscos podem ocorrer durante os procedimentos experimentais de percepção auditiva, tais como incômodo no ouvido pelos estímulos auditivos apresentados e constrangimento emocional por precisar responder às questões solicitadas na presença da pesquisadora responsável. No entanto, a pesquisadora responsável certificou-me de que, para que não ocorram imprevistos que possam afetar minha integridade física e emocional, tomará as devidas precauções, tais como: utilizará fones de ouvido de qualidade reconhecida acoplados em computador com boas condições de utilização, não apresentará os estímulos auditivos com alto volume e criará as melhores condições possíveis na organização do ambiente em que os procedimentos experimentais serão empregados (sala silenciosa com espaço suficiente para que, durante o procedimento experimental, eu tenha autonomia para responder conforme meu entendimento e não me sinta, assim, constrangido com sua presença).

Fui assegurado de que terei o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, antes, durante e depois da minha participação. Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todas as informações aqui mencionadas e tendo compreendido a natureza e o objetivo do estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.